ÓRGÃO CENTRAL
DO
PARTIDO COMUNISTA
PORTUGUÊS

Director
António Dias Lourenço

Avante!

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

Ano 46 — Série VII — N.º 146
14 de Novembro de 1976

Preço: 5$00

DIÁRIO

Propriedade do Partido Comunista Português ★ Red. / Adm. - Av. Santos Dumont, 57 - 3.º – Tels. 76 97 05 - Telex - 13411 – Composição e Impressão - Heska Portuguesa - Distribuição –CDL, R. Pedro Nunes, 9-A Telef.43537-40605-41787

O PROJECTO DE RESOLUÇÃO POLÍTICA APROVADO PELO VIII CONGRESSO POR UNANIMIDADE E ACLAMAÇÃO

Os delegados ao VIII Congresso do PCP aprovaram ontem por unanimidade e aclamação o Projecto de Resolução Política, documento que é o resultado do largo debate realizado em todo o Partido sobre as Teses propostas pelo Comité Central. O Congresso aprovou assim a análise realizada sobre a acção do Partido nos últimos onze anos e definiu as perspectivas para o trabalho futuro da vanguarda organizada da classe operária

OPINIÕES SOBRE O CONGRESSO

"Avante!" ouviu para este seu número as opiniões de membros do **Conselho da Revolução**, da **Intersindical**, do **MDP/CDE**, da **Frente Socialista Popular**, da **Intervenção Socialista** e do **Movimento Social-Democrata** que têm assistido aos trabalhos do nosso Congresso. Também neste número se publicam declarações de **convidados estrangeiros** e de **delegados.**

Páginas centrais

A presença em Lisboa para participar no VIII Congresso do PCP de muitas dezenas de dirigentes de partidos irmãos tem proporcionado contactos de grande valor. Na gravura, os camaradas Alvaro Cunhal, Joaquim Gomes e Veiga de Oliveira com o camarada Giancarlo Pajeta, chefe da delegação do Partido Comunista Italiano,

Balanço do terceiro dia de trabalho

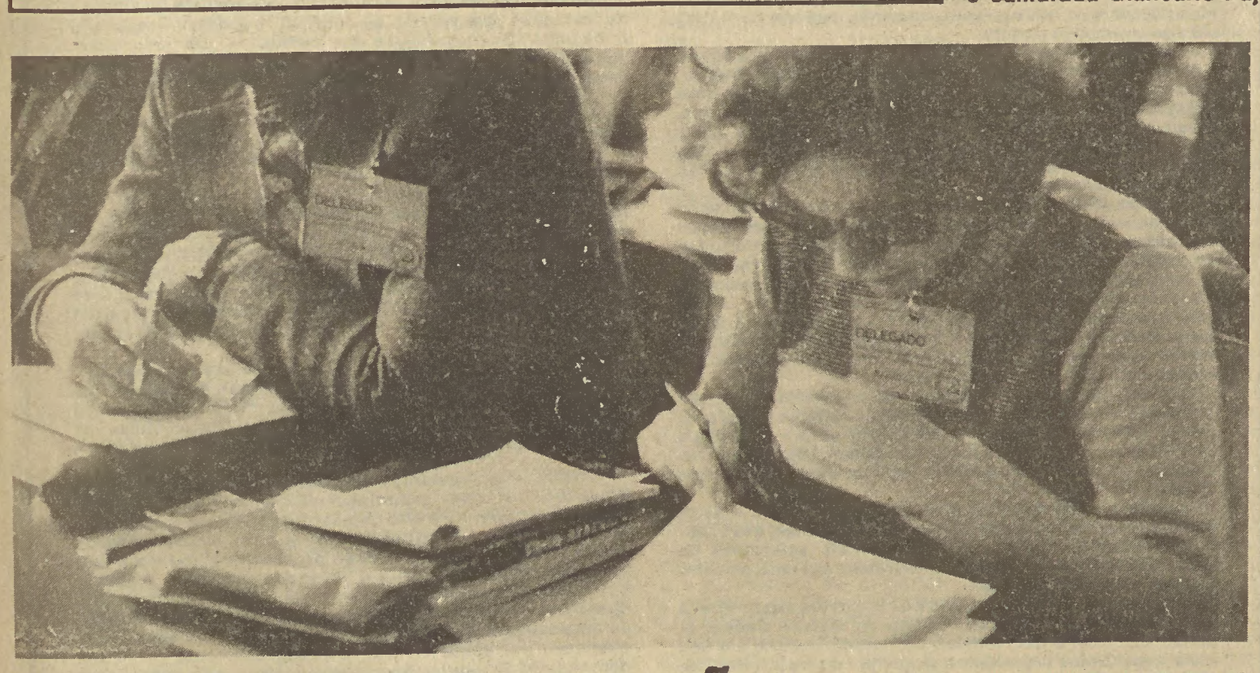
Sérgio Vilarigues, membro do Secretariado e da Comissão Política do Comité Central:

— Este dia dos nossos trabalhos, tal como os anteriores, foi uma jornada exaltante mostrando a capacidade dos membros do Partido que, um após outro, abordaram os problemas respeitantes aos sectores que vieram representar ao Congresso. Uns trataram da Reforma Agrária em relação ao Alentejo, outros puseram os problemas da agricultura do Norte. A intervenção do nosso camarada, delegado da organização de Bragança, foi modesta mas cheia de entusiasmo e confiança no futuro apesar dos camaradas desta região militarem em condições de todos conhecidas, num distrito onde a reacção pretendeu impor a sua lei. Mas, como se reflectiu na intervenção do camarada de Bragança, o trabalho dos comunistas procurando forjar e reforçar a aliança com todos os pequenos e médios agricultores explorados miseravelmente pelos caciques locais não permitirá que a organização do Partido se deixe abater, antes se fortalecerá. Estas palavras, justificadamente, puseram todo o Congresso de pé numa manifestação colossal de solidariedade.

Também hoje falou no nosso Congresso o representante da vanguarda dos trabalhadores do ex-grupo monopolista maior do país, a CUF, e as suas palavras foram um testemunho da confiança das massas trabalhadoras, o camarada abordou ainda os problemas do sector da produção dos adubos cuja importância é fundamental para ajudar o florescimento da nova agricultura portuguesa.

Por outro lado, o Congresso continuou a ser uma grande manifestação de solidariedade internacional porque subiram à tribuna delegados de países estrangeiros, nossos amigos fraternais, o que mostra, perante todos, como o nosso Partido é prestigiado no movimento comunista internacional. E não só. Também, no movimento democrático no mundo, pois falaram, igualmente, delegados de Partidos que não são comunistas.

(Continua na pág. 3)



APROVADAS AS ALTERAÇÕES AOS ESTATUTOS

No decorrer da sessão de ontem o Congresso aprovou também as alterações aos Estatutos do Partido acerca das quais o camarada Jaime Serra prestou uma informação aos delegados — *Pág. 2*

COMÍCIO

HOJE ÀS 15 HORAS
NO CAMPO PEQUENO

ENCERRAMENTO DO 8.º CONGRESSO
COM
ÁLVARO CUNHAL

Avante!

Com a reportagem da sessão de encerramento do VIII Congresso e do grande comício que hoje se realiza no Campo Pequeno, publicar-se-á um número especial do "Avante!" na próxima terça-feira

O PROJECTO DE RESOLUÇÃO POLÍTICA APROVADO POR UNANIMIDADE E ACLAMAÇÃO

A militância entusiástica gerada desde a primeira hora em torno do VIII Congresso do Partido Comunista Português continua bem patente ao fim de três dias de intenso trabalho. Ontem, ainda as oito horas da manhã não tinham soado, já centenas de pessoas afluíam à FIL, trazendo nos olhos a alegria da vitória certa e nas bocas as canções de luta, gritos de confiança no futuro radioso que diariamente construímos. Numa das mãos o farnel, noutra os materiais do Partido, delegados e convidados eram bem a imagem do que pode ser a alegria do trabalho, a força da razão, o orgulho de pertencer a um Partido de vanguarda unido da base ao topo pelos supremos ideais do socialismo e do comunismo.

O balanço da actividade desenvolvida em dois anos e meio de revolução pelo Comité Local de Lisboa do nosso Partido foi o tema central da primeira intervenção da sessão da manhã de ontem, apresentada pelo camarada Jerónimo Martins.

Começando por referir o intenso trabalho realizado para levar a cabo uma ampla e profunda discussão colectiva das Teses, aquele camarada passou depois a assinalar algumas das principais frentes de trabalho dos organismos ligados ao Comité Local, os sucessos alcançados, as insuficiências e também os erros cometidos.

No que respeita ao trabalho sindical, frente onde os comunistas se têm destacado pelo valioso contributo à defesa e consolidação da unidade entre todos os trabalhadores, há a salientar a grande ovação com que o Congresso saudou a recente vitória dos trabalhadores da Indústria Hoteleira, para cujo Sindicato foi recentemente eleita uma direcção composta por comunistas, socialistas e outros democratas. «Unidade, Unidade», foi a palavra de ordem que sentidamente se fez ouvir.

O apoio à Reforma Agrária, o trabalho das células de empresa, a participação na organização do movimento popular de massas, foram alguns dos outros temas abordados.

Reconhecendo que **por certo há muito que corrigir**, o nosso camarada afirmou, a terminar, que o **Comité Local de Lisboa se compromete a tudo fazer para ajudar o nosso Partido na tarefa de reforçar a nossa jovem democracia, rumo ao socialismo.**

O orador seguinte foi o camarada Alvaro Leite, electricista, da célula da Rabor, em Ovar, que falou do caciquismo e do anticomunismo que continua a imperar em vastas zonas da região de Aveiro, onde, apesar de tudo **podemos sentir orgulho por algumas vitórias significativas que as massas trabalhadoras e o nosso Partido têm alcançado.** A título de exemplo citou, entre outros, os grandes passos dados no desenvolvimento do movimento sindical, nomeadamente na democratização dos sindicatos dos Metalúrgicos, Cerâmicos e Construção Civil de Aveiro.

O camarada Joaquim Pires Jorge, membro do CC do PCP e da Direcção da Organização Regional das Beiras, usou depois da palavra. Na sua intervenção, que publicamos em separado, chamou a atenção para as insuficiências do trabalho de organização entre os pequenos e médios agricultores, **extracto social mais importante nas regiões das Beiras, que ainda não foram ganhos para a Revolução.**

Referindo-se ao abnegado trabalho dos militantes para reabrir os Centros de Trabalho destruídos pela reacção, lembrou que o coito dos ELPs está ali com os seus comandos, armas e forças e destacou em especial a actividade notável que o CT de Viseu reaberto há meses, vem desenvolvendo.

A ORGANIZAÇÃO É A NOSSA PRINCIPAL ARMA

Pela voz da camarada Zita Seabra, membro da Comissão Executiva da Comissão Central da UEC, os estudantes comunistas fizeram chegar ao VIII Congresso o seu firme apoio à acção desenvolvida pelo nosso Partido e o seu empenhamento em levar à prática as conclusões nele aprovadas.

Na sua intervenção, Zita Seabra criticou duramente a política que vem sendo desenvolvida pelo actual titular do MEIC, contrária aos interesses dos estudantes e das massas populares.

O orador que a precedeu, camarada Blanqui Teixeira, membro da C. Política do CC, falou do trabalho de organização do nosso Partido.

Sublinhando que a organização do Partido é a nossa principal e mais poderosa arma, o camarada chamou a atenção para a necessidade fundamental de nos preocuparmos mais, muito mais, com a resolução dos problemas organizativos. Apesar de, segundo um balanço realizado em Setembro, o nosso Partido contar com mais de 7 mil organismos a trabalhar regularmente e de dispor de um efectivo de 115 mil membros, e o PCP ser, de facto, um grande Partido, temos condições, afirmou, de melhorar o nosso trabalho e de sermos 150 mil ou 200 mil se reforçarmos e melhorarmos a nossa organização.

O combate ao sectarismo, a formação de novos quadros e a defesa intransigente do centralismo democrático foram algumas das condições apresentadas para levar à prática com sucesso a grande tarefa que o Partido confia aos seus militantes de alargar, melhorar e reforçar, mais e mais, a nossa estrutura organizativa. **Quando tal acontecer, não haverá tarefas impossíveis de cumprir.**

A difícil situação em que vivem os trabalhadores reformados no nosso País foi denunciada no VIII Congresso pelo camarada Artur Teixeira Monteiro, antigo operário metalúrgico.

Foi com emoção que a assembleia ouviu este camarada falar da angústia que se sente ao ser-se posto de lado, ao fim de uma vida inteira de trabalho, como coisa inútil. Mas, como afirmou, porque não se sente inútil, porque sabe que não é inútil e porque é comunista continua a ser incómodo para quantos atentam contra a democracia e o progresso social.

Referindo-se às pensões de miséria que os reformados recebem da Previdência Social e à política de gabinete que também nesse campo vem sendo seguida, o nosso camarada terminaria a sua intervenção afirmando que os **trabalhadores e reformados do nosso País têm o direito constitucional de exigir uma Previdência Social que seja gerida e controlada democraticamente. Queremos que a Previdência seja levada a cabo com a participação dos Sindicatos, associações de reformados e outras organizações de trabalhadores**, frisou.

Muito saudado, interviu em seguida o camarada Avelino Freitas, estivador, delegado da Comissão Concelhia do Machico, Madeira, que se referiu às dificuldades com que se defrontam no seu trabalho os comunistas das ilhas adjacentes, **onde as forças reaccionárias, com o apoio activo do imperialismo, tudo têm tentado para travar o processo democrático perante a conivência e passividade das autoridades.**

Contudo, salientou, **os trabalhadores e o povo madeirense não se têm intimidado e têm combatido com firmeza e determinação as manobras separatistas, têm defendido a unidade nacional, as liberdades e a melhoria do seu nível de vida.**

... E A REVOLUÇÃO SERÁ MAIS FORTE

A Espanha vencerá foi a saudação com que o Congresso brindou a chegada à tribuna de Armando Lopez Salinas, representante do Partido Comunista Espanhol, numa manifestação clara da profunda solidariedade que liga os comunistas e o Povo português à luta do Povo espanhol pela liberdade e justiça social.

O orador seguinte, Namsrain Luvsanravdan, membro do Bureau Político e Presidente da Comissão de Controlo do Partido Popular Revolucionário da Mongólia, foi igualmente saudado com grande calor pelos congressistas, que através de insistentes palmas ritmadas sublinharam o seu regozijo pela amizade e solidariedade que desde longa data liga os dois Partidos.

Interveio de seguida Jogendra Sharma, membro do Comité Executivo do CC, secretário nacional e deputado do Partido Comunista da Índia, que em nome do seu Partido saudou o Congresso e desejou os melhores êxitos ao trabalho do nosso Partido e à luta pela consolidação da democracia no nosso País.

O carinho e amizade com que foram saudados os delegados estrangeiros ao nosso Congresso, reafirmaram ontem, uma vez mais, os profundos sentimentos de solidariedade que ligam os comunistas portugueses aos povos irmãos de todo o mundo.

Rogério Ribeiro, artista plástico, usou então da palavra para falar dos esforços realizados pelos intelectuais comunistas para tornar a cultura água pura levada a todo o Povo.

Os problemas sindicais constituíram o tema da intervenção do camarada Domingos Abrantes, membro do CC do PCP. Referiu-se em especial à questão da unidade dos trabalhadores e ao desmascaramento das manobras divisionistas tentadas pela reacção e também pela direcção do Partido Socialista, nomeadamente no que se refere à actuação da chamada Carta Aberta, que tudo tem feito para impedir a realização do Congresso de Todos os Sindicatos.

Unidade, Unidade e **Unidos Venceremos**, foram as palavras de ordem fortemente gritadas por delegados e convidados, numa saudação calorosa às cada vez mais frequentes alianças de trabalhadores comunistas e socialistas na defesa dos seus interesses comuns.

O orador que depois interveio foi o camarada Raimundo do Céu Cabral, da Direcção da Organização Regional do Oeste e Ribatejo, que apresentou um breve balanço do trabalho realizado naquele sector onde, mal-grado os ataques constantes da reacção, os assaltos aos Centros de Trabalho e as campanhas anticomunistas, a organização do Partido tem avançado e mesmo reforçado.

O camarada Carlos Costa falou em seguida da próxima campanha eleitoral e as razões que levaram o nosso Partido a promover e participar na Frente Eleitoral Povo Unido.

Apresentando as percentagens de independentes nas listas da Frente, o camarada Carlos Costa chamou a atenção para o carácter verdadeiramente unitário dessas listas e deixou bem claro que, contrariamente ao afirmado no Congresso do PS, a Frente não é uma máscara do Partido Comunista.

Os congressistas, que seguiram com grande atenção as palavras do nosso camarada, voltaram a manifestar o seu inequívoco apoio à política de unidade defendida pelo PCP, gritando com o maior entusiasmo **O Povo Unido Vencerá!**

O último orador português a usar da palavra nesta sessão – que se prolongou muito para além do que estava previsto – recebeu do Congresso um especial carinho. Referimo-nos ao camarada Firmino Ribeiro, pequeno agricultor rendeiro de Celorico de Basto.

Falando das grandes dificuldades com que continuam a debater-se os rendeiros do Norte do País – **lá em cima quem manda ainda são os fidalgos** – o nosso camarada referiu-se à necessidade urgente de reforçar o trabalho do Partido neste sector.

Denunciando o clima de repressão em que ainda se vive na sua região, afirmou que muitos rendeiros não exigem a aplicação da lei do arrendamento rural por pensarem que ela poderá vir a ser revogada e sofrerem amanhã, ainda mais, as prepotências dos «grandes senhores». A propósito, salientou que **ganhar um rendeiro para a exigência do cumprimento da lei é ganhar mais um camponês para a Revolução.**

A solidariedade para com os pequenos agricultores foi uma vez mais reafirmada no Congresso, onde bem alto se pôde ouvir **Força, Força, Norte, e a Revolução será mais forte.**

A CONSAGRAÇÃO DO PARTIDO COMO MOVIMENTO DE VANGUARDA

Os últimos momentos da sessão da manhã mais uma vez deram origem a uma vibrante explosão de internacionalismo proletário e de solidariedade internacional.

O Congresso acolheu calorosamente a intervenção do camarada Cornel Burtica, Comissário Político Executivo e Secretário do Comité Central do Partido Comunista Romeno, que expressou a satisfação do seu Partido com o estreitamento da cooperação entre o Povo romeno e o Povo português e entre o PCR e o PCP, pronunciando-se pela intensificação dos laços de amizade entre os dois Partidos irmãos.

O apoio do camarada James Jackson, membro do Bureau Político do Comité Central do Partido Comunista dos Estados Unidos da América, expresso intensamente pelo Congresso, representou mais uma manifestação de firme determinação no combate contra o imperialismo e sua política agressiva.

Seguiu-se a intervenção calorosamente aplaudida, de S. Mahajan, do Partido do Congresso Nacional Indiano, que sublinhou a solidariedade do seu Povo e do seu Partido com a luta do Povo português, saudando a luta heróica do nosso Partido.

Kim Gi Nam, membro do Comité Central e director do órgão central do Partido do Trabalho da Coreia, foi o último orador desta sessão. O apoio e solidariedade para com a luta das forças da paz e da democracia do nosso País foi de novo reafirmada e entusiasticamente saudada pelo Congresso.

O profundo conhecimento da situação portuguesa e da actividade do nosso Partido manifestada na generalidade por todos os convidados estrangeiros demonstra bem como as forças progressistas do mundo têm os olhos postos em Portugal. O reconhecimento do papel decisivo do nosso Partido nas transformações que se operam em Portugal em prol da democracia são, inequivocamente, a consagração do PCP como incontestável vanguarda das massas trabalhadoras portuguesas.

O entusiasmo vibrante, a determinação revolucionária, o profundo conhecimento das realidades nacionais em todos os sectores, a maturidade política, a imagem real, dada por mais de 6000 comunistas, de um Partido temperado na luta, firmemente enraizado nas massas populares, ideologicamente coeso e fiel aos princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário – voltaram a ser, na sessão da tarde de ontem, as notas dominantes do VIII Congresso do nosso Partido, primeiro Congresso ordinário realizado após a jornada libertadora do 25 de Abril.

Presidiu a esta sessão o camarada Joaquim Gomes, membro do Secretariado e da Comissão Política do Comité Central do Partido, que deu a palavra, em primeiro lugar ao camarada Manuel Pereira, operário agrícola de Viseu. Depois de saudar, em nome da Comissão Distrital de Viseu do Partido, o Comité Central do PCP, os elementos das delegações estrangeiras, designadamente os camaradas dos partidos irmãos, os delegados, os convidados e todos os militantes comunistas presentes, aquele trabalhador rural referiu-se às lutas dos pequenos e médios agricultores na região, tendo destacado a importância da organização do Sindicato e o grande esforço colectivo que se vem desenvolvendo pelo aumento de salários, pela aplicação da Lei do Arrendamento Rural e pela formação de cooperativas.

O nosso Partido – diria mais adiante – **trabalha neste distrito com bastante dificuldade mas, nem por isso, deixa de cumprir com a sua missão: defender intransigentemente as classes trabalhadoras.**

No decorrer da sua intervenção – frequentemente interrompida por vibrantes aplausos – o camarada Manuel Pereira salientou ainda a acção do caciquismo: elementos da CAP/PPD/CDS que continuam a agir frontalmente contra a lei, contra a legalidade democrática, contra a Constituição, perseguindo e ameaçando os trabalhadores rurais, nomeadamente os rendeiros, que exigem aquilo a que têm direito.

A mobilização das mulheres para a luta política e para o movimento sindical unitário, e o seu papel dentro do Partido, foram alguns dos temas abordados pela camarada Rosa das Dores Silva, dona de casa e membro da Comissão de Freguesia da Ajuda do PCP. **A Revolução portuguesa só avança se alargar a sua base de apoio,** sublinhou aquela camarada que apontou ainda a necessidade urgente de levar a todas as mulheres portuguesas (mais de 4 milhões e meio) a mensagem da luta e do apelo à participação na construção do futuro.

O TRABALHO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA

Calorosamente aplaudido, falou seguidamente o camarada Aurélio Santos, suplente do Comité Central, sobre o trabalho de Informação e Propaganda. Salientou a actividade deste sector no passado, nomeadamente o papel desempenhado pelo «Avante!», quando o fascismo fazia circular por todos os meios ao seu alcance, a mentira e a calúnia – apontando as tarefas essenciais a promover na organização e funcionamento dos organismos de Informação e Propaganda. Neste sentido, referiu-se à criação de estruturas que possibilitem a formação de quadros relacionados com as tarefas de agitação e propaganda, à associação desta actividade com a actividade política e às iniciativas frequentemente promovidas por organizações do nosso Partido: sessões de cinema e teatro, colóquios, encontros, actividades editoriais, etc.

Sublinhando a capacidade no trabalho organizativo dos militantes comunistas, o camarada Aurélio Santos – cuja intervenção publicamos noutro local e na íntegra – referiu que ainda há 8 dias a nave central da FIL era um hangar vazio: em pouco tempo, num esforço colectivo organizado, brigadas de militantes comunistas decoraram e prepararam com carinho e gosto a gigante sala onde decorre o VIII Congresso do Partido da classe operária portuguesa.

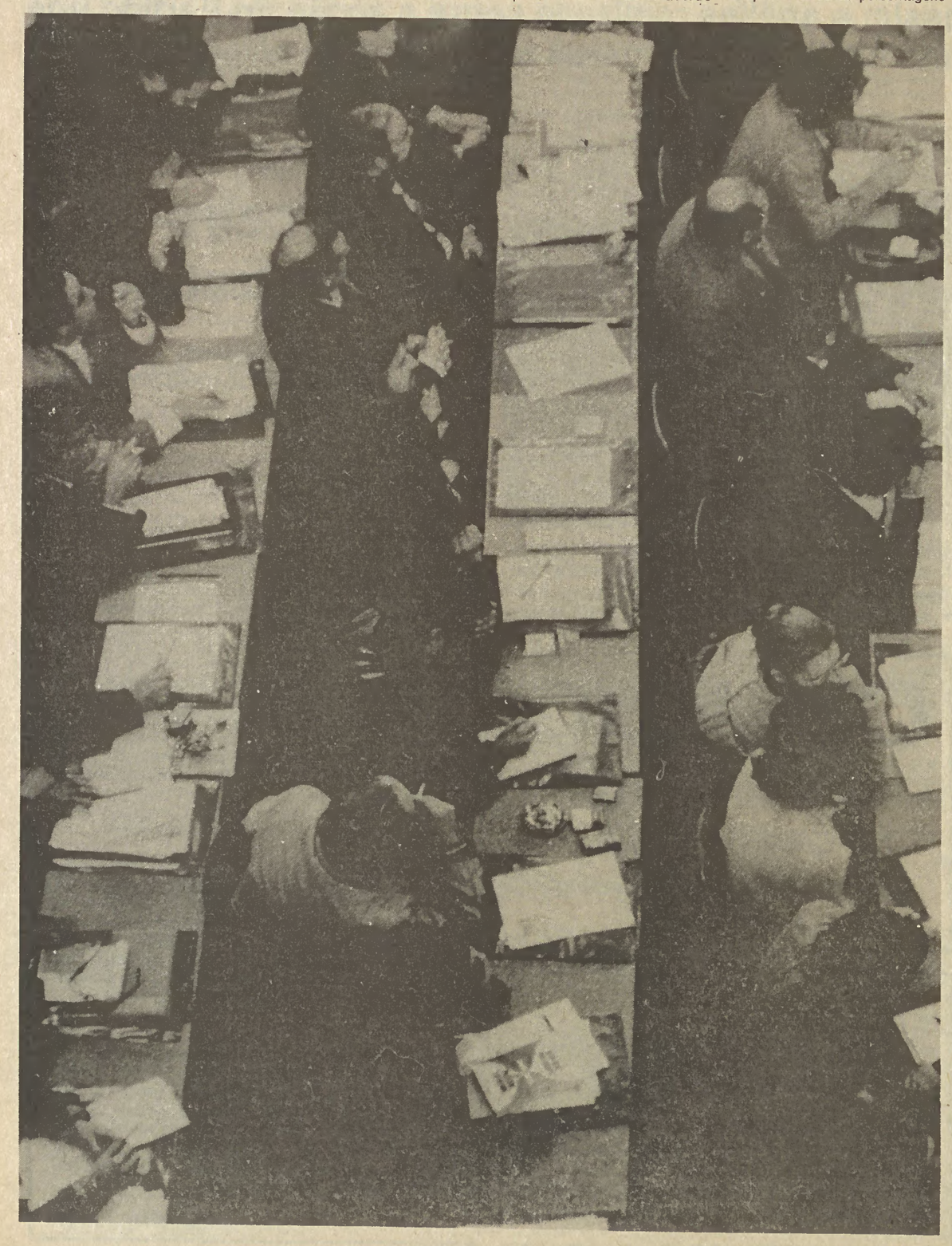
O camarada Joaquim Gomes deu, em seguida, a palavra a Mário Vieira Araújo, operário e membro do secretariado da célula dos trabalhadores comunistas dos Estaleiros de Viana do Castelo. Diversas vezes aplaudido de pé pelos participantes no Congresso, aquele camarada começaria por salientar a importância do debate das Teses na preparação do Congresso, passando depois a abordar a actual situação da indústria naval no nosso País. **Os trabalhadores dos Estaleiros de Viana vêm afastar-se o espectro do desemprego**, diria o camarada Mário Araújo, depois de traçar uma breve panorâmica da luta que ali se travou pela nacionalização e desenvolvimento da empresa, pelo controlo operário e pelo direito ao trabalho. Os esforços desenvolvidos pelos operários dos estaleiros – afirmou mais adiante – conseguiram atingir os seus objectivos. **Conscientes da situação na empresa, os trabalhadores resolveriam, num plenário, começar a jornada diária de trabalho uma hora antes. Foi uma grande derrota para os elementos de direita e para os esquerdistas** – salientou o camarada Mário Araújo, tendo ainda referido o contrato para a construção de quatro navios, firmado recentemente em Moscovo entre a URSS e uma delegação dos Estaleiros, onde figurava um membro do Conselho de Trabalhadores. O acordo, que será assinado brevemente no nosso País, constitui um factor de desenvolvimento para a indústria naval, assegurando também a plena laboração na empresa, que emprega mais de 1600 trabalhadores.

A ECONOMIA NACIONAL

Uma importante intervenção, onde se analisa a evolução da economia portuguesa e as transformações que sofreu ao longo do processo democrático, seria feita pelo camarada Carlos Carvalhas, membro do grupo de trabalho para as actividades económicas junto do CC e deputado comunista na Assembleia da República.

As forças reaccionárias têm procurado, por todos os meios, atirar as culpas da crise económica para os seis meses de Revolução a que correspondem o IV e V Governos Provisórios. Compreendemos o seu ódio de classe pois foi neste período que tiveram lugar as nacionalizações, que se avançou com o controlo operário e se deu início à Reforma Agrária. Mas a verdade é que, apesar da

(Continua na pág. 3)



Jaime Serra

AS ALTERAÇÕES AOS ESTATUTOS

Camaradas:

As alterações a alguns artigos nos Estatutos do nosso Partido que são apresentadas à aprovação deste Congresso têm a sua origem em três tipos de razões:

Primeiro, exigências do decreto-lei de 7 de Novembro de 1974 que rege e regula certos aspectos da formação da vida dos partidos políticos;

Segundo, exigências de carácter orgânico que se impõem;

Terceiro, vantagem em introduzir nos Estatutos pequenas modificações, mais propriamente nova arrumação e pequena adaptação à realidade, no que toca aos artigos estatutários referentes à organização do Partido.

Todas as questões agora submetidas à vossa apreciação têm um carácter quase exclusivamente formal, que não implica alterações de princípio — teóricos ou orgânicos — nos Estatutos do Partido Comunista Português. Não se trata pois de uma revisão estatutária, mas sim de uma simples adaptação.

Vejamos agora, com algum pormenor, as alterações, cuja nova redacção proposta é já do vosso conhecimento:

A primeira exigência apontada — a da lei, implica alterações no artigo 19.º na (alínea c) do artigo 20.º e no artigo 42.º dos nossos Estatutos.

Exige a lei que os Estatutos dos partidos estabeleçam de forma concreta como através dos órgãos superiores dos partidos, os seus filiados devem deliberar sobre todas as vicissitudes que, em qualquer momento, possam surgir na vida do respectivo partido.

Por isso no artigo 19.º introduz-se uma frase que define a forma de deliberação nos Congressos do nosso Partido. Assim, será através do voto da maioria absoluta dos delegados ao Congresso que as deliberações serão tomadas, o que equivale a dizer, no caso de haver cerca de 1.200 delegados — que é o que acontece neste Congresso — que serão necessários 601 votos para que uma resolução proposta seja ratificada.

A alínea *c*) do artigo 20.º sofre uma pequena modificação de forma a tornar ainda mais explícita do que já está, a total capacidade e poder do Congresso em deliberar sobre todos os problemas da vida do Partido que entenda ser necessário.

Assim, definida, por um lado e de maneira muito concreta, a forma de qualquer deliberação do Congresso ser válida e obrigar todo o Partido e, por outro lado, acentuada ainda mais nitidamente a total capacidade e poder do Congresso em decidir sobre qualquer situação, ficam os Estatutos de acordo com o espírito e as indicações da lei.

Por fim, visto que as contas anuais do Partido devem ser publicadas no *Diário da República* acompanhadas do parecer do órgão por elas responsável, introduziu-se no actual artigo 42.º uma frase que explicita a necessidade de parecer do Comité Central ou do organismo em que este delegar essa função.

Quanto à segunda ordem de razões para alteração — as de carácter orgânico — limita-se a proposta que vos é feita em acrescentar ao artigo 23.º a existência estatutária da Comissão Política do Comité Central, eleita por este, de entre os seus membros efectivos.

Fica deste modo consagrado nos Estatutos aquilo que já era um facto: a Comissão Política do Comité Central é, juntamente com o Secretariado do Comité Central, um dos mais importantes organismos dirigentes do nosso Partido, eleitos pelo Comité Central, que é, ele próprio, o organismo máximo do Partido no intervalo dos Congressos.

Resta por fim justificar as alterações, arrumações e adaptações que vos são propostas aos artigos 13.º, 14.º, 24.º e 27.º dos actuais Estatutos do Partido, e que se referem fundamentalmente a questões de organização.

Considera-se que na redacção actual do artigo 13.º integrado no Capítulo que define o centralismo democrático, existe matéria que diz mais respeito aos problemas de organização do Partido (e está por conseguinte melhor arrumada no Capítulo Quinto), e que pouco ou nada acrescenta à boa compreensão e definição dos princípios marxistas-leninistas do centralismo democrático, que caracterizam a vida interna do nosso Partido. Propõem-se, por isso, que as duas frases do actual artigo 13.º que definem o critério da organização do Partido (na base do território e por local de trabalho) sejam transferidas para um novo primeiro artigo do Capítulo Quinto, o qual trata em pormenor da organização partidária.

Também a definição de «organismo superior», incluída até agora no artigo 13.º, deve ser transferida para o final do artigo seguinte, o 14.º que se refere mais em detalhe a esses mesmos organismos.

Por força das alterações atrás justificadas, propõe-se que o primeiro artigo do Capítulo Quinto defina os critérios de estruturação nacional e, dentro deste esquema nacional, indique que os militantes devem ficar organizados pelo seu local de trabalho, pelo local de residência ou outra esfera de acção.

Na verdade a prática mostrou que, embora se deva continuar a concentrar o principal do esforço de organização na formação das células de local de trabalho — que são o baluarte da organização do Partido — não se podem subestimar as células por local de residência e é necessário estar atento à oportuna e dinâmica formação de células noutras esferas de acção dos militantes.

Aprovado o primeiro novo artigo do Capítulo Quinto na redacção que vos é proposta, o actual artigo 24.º passará a ser, no seu todo, o artigo 25.º, e assim sucessivamente nos restantes artigos dos Estatutos.

Também no actual artigo 27.º (que passa a ser o 28.º) se propõem algumas adaptações: introduzir o termo «bairro» na enumeração dos diversos tipos de organismos de base do Partido, pois tal é já uma realidade principalmente nas grandes cidades (Lisboa, Porto, Setúbal, Coimbra, etc.); e a eliminação da expressão «em certos casos» quando se abre a possibilidade da formação de células por local de residência, pois considera-se essa expressão demasiado limitativa.

Por fim, na redacção proposta para o actual artigo 27.º dá-se maior realce aos organismos de base do Partido nas zonas rurais, trazendo para plano de maior evidência as células de herdade, e acrescentando as «células de cooperativas» e de «Unidades Colectivas de Produção» (UCP).

Todos vós, camaradas delegados, não deixareis de compreender que, principalmente na zona da heróica Reforma Agrária, o Partido tem especiais responsabilidades. A contribuição insubstituível que os trabalhadores alentejanos têm dado ao nosso processo, dando mais pão português aos portugueses e travando o avanço da reacção, correspondeu também (porque tal se encontra intimamente ligado aos sucessos obtidos nessa frente de luta) um reforço da organização do Partido. É a esse reforço e à atenção com que deve ser acompanhado o desenvolvimento da nossa organização nessas regiões, que se deve no essencial a razão das propostas que vos são feitas para a nova redacção do artigo 27.º.

Estas são, queridos camaradas delegados, as propostas de alteração aos Estatutos do nosso Partido, que entendemos submeter à vossa apreciação e aprovação.

(Continuação da pág. 2)

herança do fascismo, da sabotagem do grande capital, do boicote do imperialismo (já confirmado por Ford e Willy Brandt), apesar da situação complexa que se viveu, a economia portuguesa não só conseguiu aguentar-se como, em Agosto de 1975 (data da nacionalização do grupo económico CUF), se encontrava em condições para ser reanimada e se lançar rumo ao socialismo. Num relatório do MIT (Instituto Tecnocrático do Imperialismo) feito em Agosto deste ano, diz-se que a economia portuguesa se manteve «surpreendemente sólida e teve um comportamento mais favorável do que a maioria dos países capitalistas, nestes dois últimos anos e meio», afirmou o camarada Carlos Carvalhas, tendo, em seguida, sublinhado que **aquele relatório, bem assim como o orçamento geral do Estado para 1976, o relatório do Departamento Central de Economia sobre a «Situação Económica Portuguesa» e outros documentos oficiais demonstram que tínhamos razão quando no último Congresso Extraordinário refutámos e denunciámos a tese do caos económico, tão cara a Spínola e às forças da direita, tese que veio também a ser retomada pela direcção do Partido Socialista e pelo PPD durante o V Governo Provisório. Ora, a verdade é que durante os três primeiros trimestres de 1975, não só se conseguiu travar o ritmo da inflação, limitar o desemprego, como se aumentou o nível de vida dos trabalhadores.**

Este aumento – prosseguiu – **alargou o mercado interno, transformando-se num dos factores que aguentaram a nossa economia, como reconhece um documento oficial do Departamento Central de Economia.**

No decorrer da sua intervenção – atentamente seguida pelos presentes – o camarada Carlos Carvalhas declarou:

Em Setembro de 1975 o Estado tinha à sua disposição as principais alavancas e dispunha de 860 toneladas de ouro e cerca de 15 milhões de contos em divisas no Banco de Portugal, para reanimar a economia se tivesse querido levar à prática uma política revolucionária, patriótica e nacional.

Porém, durante mais de um ano, o governo de hegemonia PS/PPD não só não accionou as alavancas como delapidou o ouro e as divisas. Assim, durante o VI Governo consumiram-se 33,8 milhões de contos de reservas, três vezes mais que durante o IV e V Governos Provisórios juntos. Aumentou o desemprego, o crescimento dos preços retomou o ritmo de antes do 25 de Abril, diminuíram os salários reais, aumentou a dívida externa, desvalorizou-se o escudo e agravou-se a dependência ao imperialismo. Com o Governo Constitucional PS a situação não só não se modificou como se agravou. Com efeito na sua vigência já se consumiram 7,5 milhões de contos de reservas. A dívida externa ultrapassa já os 112 milhões de contos estimando-se que os pagamentos (amortização e juros) ascenderão em 1976 a cerca de 15% das exportações. Quer dizer que por cada milhão de contos exportados em 1976, 150 mil contos serão para pagar empréstimos. E a situação de tesouraria não é melhor. O Estado encontra-se a zero no Banco de Portugal.

Citando ainda importantes números, alguns dos quais fornecidos pelo Instituto Nacional de Estatística, o camarada Carvalhas observou:

Quanto aos salários, o INE apresenta para a indústria e transportes uma subida de mais de 12,5% em Lisboa e mais 11,9% no Porto, até ao primeiro semestre deste ano, mas em igual período os preços subiram nestas cidades, respectivamente 14,8% e 17%, o que quer dizer que os salários reais têm diminuído. Também as condições sociais se agravam. Não existem dados exactos do número de desempregados em Portugal, mas os números globais divulgados, oficialmente, apontam para uma taxa de 10% da população activa com tendência para se agravar. Pode-se, no entanto, afirmar que hoje o desemprego ultrapassa os trezentos mil trabalhadores, número que seria muito maior se não fosse a luta contra os despedimentos.

Existem, contudo, soluções que podem fazer sair o País da crise em que se encontra:

Apesar da situação ser incomparavelmente pior do que há um ano, a crise tem uma saída, a orientação da economia rumo ao socialismo. No plano financeiro é urgente um conjunto de medidas que a curto prazo reduzam os monumentais défices. São necessárias medidas que façam pagar a crise aos beneficiários de quase meio século de fascismo.

No plano produtivo é necessário aumentar a produção, avançar pela planificação e controlo operário, reestruturar a banca, os seguros e os sectores nacionalizados, multiplicar o investimento público produtivo.

A concluir sublinhou:

É tempo de a direcção do Partido Socialista arrepiar caminho, abandonar o triunfalismo oco e meditar no seu Governo de «orgulhosamente sós». Só um Governo de esquerda, de democratas e patriotas poderá contar com os trabalhadores e dar resposta aos problemas que defrontamos!

Antes do primeiro intervalo da sessão falaram ainda três representantes estrangeiros, cujas intervenções publicamos noutro local: o camarada Mirko Popovic, secretário do Comité Executivo da Presidência do CC da Liga dos Comunistas Jugoslavos; o camarada Anker Schjerning, candidato ao Comité Central do Partido Comunista da Dinamarca e responsável pela Comissão de Paz e Solidariedade, e o camarada Yusuf Dadoo, presidente do Partido Comunista da África do Sul.

O camarada Mirko Popovic salientou a luta que os comunistas de todo o mundo desenvolvem no sentido da cooperação, do fim da corrida aos armamentos e da paz, tendo ainda analisado a crise no Médio Oriente e reafirmado o apoio dos comunistas jugoslavos às forças progressistas que na África do Sul combatem o regime fascista de Vorster.

Por intermédio do camarada Anker Schjerning, esteve presente no Congresso a voz internacionalista dos comunistas dinamarqueses. Durante a sua breve intervenção falou das conquistas da Revolução portuguesa e sublinhou a solidariedade que une os trabalhadores da Dinamarca aos trabalhadores de Portugal. Neste sentido, referiu a campanha organizada recentemente no seu país, que, contando com o apoio de 30 sindicatos recolheu fundos para a compra de um tractor destinado a uma cooperativa agrícola portuguesa. O camarada Schjerning ofereceu no final da sua breve intervenção, duas lembranças ao nosso Partido – momento que foi vibrantemente assinalado pelos participantes no Congresso.

Uma calorosa ovação recebeu, em seguida, o presidente do PC sul-africano, camarada Yusuf Dadoo, que destacou o respeito e a admiração dos comunistas e do Povo trabalhador da África do Sul pelo camarada Álvaro Cunhal e pelos comunistas portugueses. Da tribuna do Congresso, o camarada Yusuf Dadoo desejou ainda os maiores êxitos nas tarefas que se colocam ao nosso Partido, e declarou que o PCP, como verdadeiro partido marxista-leninista, nunca se desviou do caminho traçado pelo movimento comunista internacional, apoiando firmemente o Acordo de Helsínquia, o processo de desanuviamento internacional, apoiando firmemente a União Soviética – baluarte do socialismo e da luta pela paz mundial.

Detendo-se em particular na análise da actual situação na África Austral, declarou que as massas trabalhadoras do seu país desenvolvem uma intensa movimentação contra o inimigo: o racismo, a exploração, a dominação capitalista. Depois de referir que a resistência popular já se intensifica em todos os centros, disse que ainda recentemente a polícia, responsável por numerosos crimes, carregou à bastonada e à bala sobre uma manifestação de protesto contra as medidas racistas do Governo. Por todo o país – sublinhou mais adiante – as greves de carácter político demonstram claramente que o Povo está determinado e que a luta contra o regime de Vorster vai prosseguir até à sua queda. Um imenso bloco humano gritou em seguida: **«A vitória é certa! A luta continua!»**

ASSIM SE VÊ A UNIDADE DO PC

António José de Brito, operário e membro da célula da Sorefame e da Comissão Concelhia de Oeiras do PCP, abordando a acção consciente dos trabalhadores na defesa das suas conquistas, revelou que a organização do Partido no local onde trabalha se desenvolve de dia para dia. Seguidamente, apontou as responsabilidades da Organização no concelho, "um dos mais populosos do país", salientando a necessidade de a alargar e ultrapassar as dificuldades, correspondendo ao prestígio que o PCP desfruta entre as massas trabalhadoras do concelho. Ao terminar a sua intervenção referiu a participação de mais de sessenta por cento dos militantes do concelho na discussão das Teses, da qual resultaram 150 propostas de alteração enviadas.

A moção seguidamente lida por Maria do Carmo Tavares Rosa, do Sindicato da Indústria Química, sobre a unidade do movimento sindical, única barreira à recuperação capitalista, foi aprovada por unanimidade, gritando os delegados e convidados repetidamente **Unidade-Unidade.**

O Agricultor e membro da Comissão Concelhia de Óbidos do PCP, Custódio de Sousa Santos abordaria, na sua intervenção ao Congresso, a importância da Reforma Agrária para os pequenos e médios agricultores, na medida em que possibilita **o desenvolvimento e fortalecimento das nossas organizações de classe (ligas, cooperativas e outras associações) na nossa luta contra o caciquismo e todas as forças da reacção encabeçadas pela CAP.**

Lembrando a derrota **que os pequenos e médios agricultores de Óbidos infligiram aos caciques da CAP e aos intermediários na transformação do ex-Grémio da Lavoura em cooperativa,** informou:

Quatrocentos trabalhadores ali reunidos, apercebendo-se das manobras dos reaccionários e esquerdistas, levaram por diante a aprovação dos Estatutos e a eleição da direcção da nossa cooperativa com pessoas da sua inteira confiança.

Antes de apelar para o reconhecimento por parte das entidades oficiais **dos direitos que assistem ao povo sobre a mais rica e extensa propriedade do concelho, a Várzea da Rainha,** salientou que **a verdade está do lado daqueles que trabalham a terra sol-a-sol e não com os agrários, os intermediários parasitas, lacraus e sanguessugas do suor e sangue do Povo português.**

Por seu turno, João Maria Gonçalves, empregado de escritório e membro do sector sindical do Porto, que falou a seguir, deu conta das dificuldades com que se tem defrontado o Norte no movimento sindical unitário e os triunfos obtidos neste campo pelas forças progressistas.

Saudado com entusiasmo, falou depois Amílcar José Ferreira, da Cooperativa Agrícola "Os Pioneiros", de Cortiços; do distrito de Bragança, o que levou toda a assistência a gritar numa só voz: **Força, força Norte, e a Revolução será mais forte!**

Nas suas palavras explicou a formação da Cooperativa **porque havia terra que estava mal aproveitada ou inculta ao mesmo tempo que existiam braços sem trabalhar.**

Ao terminar, apresentou as duas razões que permitiram a formação e a continuação de uma Cooperativa Agrícola de Produção "no imenso covil da reacção que é o distrito de Bragança": a ligação aos pequenos agricultores e ao povo da aldeia e do concelho e por outro lado toda a cooperação e solidariedade dos comunistas e progressistas do distrito e do Norte.

A presença a seguir na tribuna de Adalita Mota da Silva, em representação do Organismo dos Retornados foi igualmente saudada com entusiasmo por todos os presentes.

Começando por sublinhar que o respectivo Organismo **não considera os problemas dos trabalhadores retornados de uma forma diferente dos problemas dos trabalhadores que não são retornados,** pois, como especificou, nas ex-colónias muitos foram explorados pelo regime imperialista, tal como os trabalhadores de Portugal, Adalita da Silva diria mais adiante que **seria errado tomar os retornados como um todo,** porque **importa distinguir os que são trabalhadores e aqueles que o não são.**

São bem visíveis os resultados das terras que se encontram nas mãos dos trabalhadores! — afirmou por seu turno Alberto Cabaço Correia, operário agrícola e membro da Comissão Directiva da Cooperativa Agrícola "Camponês Livre", no distrito de Castelo Branco.

Na sua intervenção ressaltaria as dificuldades que existem tanto no aspecto de técnicos como na concessão de créditos, que afectam também os pequenos e médios agricultores. Referiu, no entanto, a solidariedade manifestada por trabalhadores de outros sectores profissionais que têm oferecido máquinas e alfaias, bem como a solidariedade expressa pela oferta de material agrícola da União Soviética.

Gil Manuel Ladislau, membro do secretariado da célula da CUF abordou a defesa dos trabalhadores na consolidação do Controlo Operário, como instrumento na "defesa dos seus postos de trabalho e como parte integrante da luta dos mesmos na destruição do sistema capitalista e arrancada para a construção da sociedade socialista".

Antes de um breve intervalo os delegados aprovaram o encerramento da leitura das intervenções sobre o primeiro ponto da Ordem de Trabalhos devido ao atraso verificado. Contudo, todas as intervenções que não foram lidas serão publicadas juntamente com as outras.

No prosseguimento dos trabalhos e depois do camarada Veiga de Oliveira ter lido uma moção propondo o reforço do trabalho de todos os militantes na unidade para os problemas das autarquias, que foi aprovada por unanimidade e aclamação, acompanhada pela palavra de ordem "o Povo Unido vencerá", passou-se ao momento alto da sessão da tarde — a votação do Projecto de Resolução Política do VIII Congresso do PCP e do Projecto das Medidas para Defesa e Consolidação da Democracia e da Independência Nacional.

No relatório que leu previamente o camarada Carlos Brito deu conta da ampla discussão que se verificou em todas as bases do Partido bem como das numerosas (ultrapassando as quatro mil e quinhentas) propostas de emendas que foram enviadas, referindo contudo que as Teses foram aprovadas na generalidade em todo o Partido.

Foi no meio do maior silêncio que o camarada Joaquim Gomes informou os delegados para prepararem os seus cartões para a votação. Quando disse que quem estivesse de acordo deveria levantar o seu cartão todos os delegados, como se fossem uma só pessoa, se ergueram com o cartão vermelho bem levantado. Toda a sala do Congresso rompeu numa só voz: **assim se vê a unidade do PC.** Unidade que não precisava de confirmações e que o presente Congresso veio reforçar ainda mais. Mal os intensos aplausos começaram a esmorecer logo todos os delegados e convidados, dando largas à sua alegria, compartilhada por todo o Comité Central e delegações estrangeiras, fizeram ouvir num clamor que enchia a FIL: **Avante, avante, rumo ao socialismo,** cantando em seguida o "Venceremos". Manifestando a sua determinação a sala continuou de pé gritando repetidamente: "a luta continua" de imediato transformado em "a vitória é difícil mas é nossa".

A unidade dos militantes do Partido, de que ninguém duvidava ficou assim bem patente e era visível a alegria tanto nos delegados como nos convidados.

No prosseguimento dos trabalhos coube a vez ao camarada Jaime Serra ler o relatório sobre a alteração dos estatutos que se relacionam principalmente com problemas de ordem jurídica. Igualmente se verificou a unanimidade de todos os delegados na aprovação das alterações propostas.

POVOS DO MÉDIO-ORIENTE CONDENAM O IMPERIALISMO

Podemos afirmar que o Médio-Oriente e as suas principais organizações progressistas e revolucionárias foram a presença dominante da parte final de ontem da sessão de trabalho do Congresso.

E isto porque a sessão praticamente encerrou com as intervenções dos representantes das delegações da Organização Política Unida — Frente Nacional da República Popular Democrática do Yemen, do Partido Comunista Jordano, do Partido Baas Árabe Socialista do Iraque e do Partido Comunista de Israel.

Um dos traços característicos de todas estas intervenções e que é uma demonstração da vitalidade e de unidade do movimento comunista e operário internacional e da sua indestrutível aliança com os movimentos de libertação dos povos foi, o facto de todos eles, oriundos de países que se encontram de ambos os lados das trincheiras de guerra, condenarem a ingerência do imperialismo americano e a sua aliança com os círculos mais reaccionários da zona, ao mesmo tempo que aprovam os propostas da União Soviética e dos outros países socialistas para uma solução pacífica do conflito.

A sessão de ontem encerrou-se com a leitura e a aprovação por unanimidade de várias moções: uma condenando a libertação dos dois bombistas e exigindo medidas eficazes no combate ao terrorismo; outra saudando os camaradas, que não puderam estar presentes no nosso Congresso, ficando nos seus centros de trabalho a desempenhar tarefas necessárias; e uma terceira encarregando o Comité Central que for eleito, no Congresso de elaborar uma grande campanha de fundos.

Finalmente, e antes de declarar o encerramento dos trabalhos de ontem, o camarada Joaquim Gomes procedeu à leitura da lista dos partidos comunistas e operários irmãos, de organizações políticas portuguesas, de organizações do nosso Partido e de grupos de trabalhadores que enviaram mensagens de saudações ao VIII Congresso do PCP.

Balanço do dia de trabalho

(Continuação da pág. 1)

Carlos Costa, membro do Secretariado e da Comissão Política do Comité Central:

— O traço mais saliente da jornada de hoje parece ser a clareza com que o Partido surgiu como o mais firme e consequente defensor dos interesses da classe operária e das diferentes camadas da população.

De salientar, em especial, o calor com que o Congresso sublinhou a necessidade de defender a unidade do movimento sindical; de reforçar a atenção aos problemas de organização; de empenhar o Partido na batalha para as próximas eleições para as autarquias locais, pela sua importância na situação política e em especial pelo seu papel na conquista do campesinato do Norte e das Beiras. Noutras intervenções, sobretudo na de um camarada dos Estaleiros Navais, reflectiram-se bem as preocupações dos trabalhadores portugueses quanto ao rumo da Revolução, referindo-se, com bastante ênfase, a disposição dos trabalhadores em contribuírem com o seu trabalho esforçado e abnegado para o progresso da economia nacional mas frisando, também, que não estão dispostos a verem o seu nível de vida ser diminuído em benefício da recuperação capitalista.

As intervenções sobre a luta dos rendeiros e agricultores das Beiras pela aplicação da Lei do Arrendamento Rural; sobre a luta na Madeira pela abolição da colonia e pela melhoria das condições de vida; sobre os problemas dos reformados e sobre a luta dos intelectuais confirma o papel insubstituível do nosso Partido na defesa de todas as classes e camadas do Povo português.

Um aspecto saliente, comum a todas as sessões do Congresso, é estas constituírem uma extraordinária manifestação de internacionalismo proletário. Penso, também, que teve grande importância e que reflecte bem o papel internacionalista do nosso Partido, a intervenção de S. Mahajan, dirigente do Partido do Congresso Nacional Indiano. A Índia é um país com 500 milhões de habitantes, um dos mais importantes do Mundo e o Partido do Congresso Nacional Indiano é o partido que dirige este grande país asiático. O facto de um partido não comunista, que está no Governo de tão grandioso país, ter vindo ao nosso Congresso, revela a importância que os países não-alinhados atribuem ao papel internacionalista do Partido Comunista Português, particularmente à sua solidariedade activa à luta dos povos contra o domínio colonial. Na verdade, o PCP manteve sempre uma posição muito firme contra todas as manifestações de colonialismo e de imperialismo.

Por último, não quero deixar de sublinhar a extraordinária eficiência dos serviços de apoio técnico que, no final dos trabalhos da manhã, atingiram a folha número um milhão! Isto exprime a dedicação profissional de centenas de camaradas que não são funcionários do Partido. Tendo em conta que não tínhamos nenhuma experiência de organização de Congressos deste tipo, creio que o trabalho dos Serviços de Apoio Técnico demonstram, também, a força da capacidade organizativa do Partido Comunista Português.

Blanqui Teixeira, membro da Comissão Política do Comité Central:

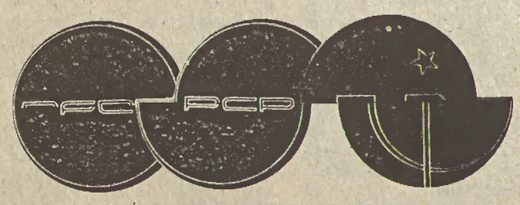
— Os trabalhos de hoje confirmam as caractèrísticas fundamentais que o nosso Congresso tem assumido. O que mais me impressiona nessas características é a enorme vontade de participação dos delegados e a grande unidade do nosso Partido.

Aliás, neste Congresso participam 1200 delegados, mas ainda muitos milhares de convidados, camaradas que, apesar de nunca serem os mesmos de dia para dia e das sessões da manhã para as sessões da tarde, mantêm o mesmo nível de participação e dão uma imagem inequívoca de coesão do Partido, unindo-se aos delegados, manifestando uma intensa participação.

Esta vontade de participação comum a todos os delegados, demonstra-se não só através das explosões de entusiasmo durante o decorrer dos trabalhos mas também no aparecimento de muitas e muitas inscrições. Hoje, com a decisão do Congresso de terminarem as intervenções respeitantes ao primeiro ponto da ordem de trabalhos, verificou-se que dezenas de inscritos não puderam falar.

Por outro lado, sucede que, pela primeira vez na sua história, o nosso Partido tem no Congresso a presença de largo número de delegações estrangeiras o que, neste caso concreto, demonstra a importância internacional da Revolução Portuguesa e o prestígio do Partido Comunista Português. Essa participação de partidos irmãos e de outros partidos revolucionários e democráticos concede uma grande importância internacional ao Congresso. Creio que os representantes dos partidos estrangeiros sentiram a grande compreensão e adesão dos nossos delegados à sua presença e intervenções, prova do nível ideológico do Partido e de como este se encontra estreitamente ligado ao internacionalismo proletário.

MEDALHA PCP



Preço 200$00
À VENDA
NAS JÁ POPULARES LIVRARIAS *CDL*

Uma criação do escultor CONDUTO

Carlos Costa

INTERVENÇÃO SOBRE AS AUTARQUIAS

Queridos camaradas delegados e caros convidados:

Em primeiro lugar desejo saudar-vos, fraternalmente a todos, Camaradas:

Quando terminar este Congresso, todos nós, delegados, sairemos dele, de certeza, cheios de confiança no nosso Partido, na classe operária, nos trabalhadores, nas perspectivas da nossa revolução, no futuro do nosso País e do Mundo.

Sairemos daqui, de certeza, ardendo no desejo de prosseguir no nosso combate, sem tréguas, até à vitória final.

A vitória final não se obtém senão travando múltiplas batalhas. Mas em cada momento é preciso saber, claramente, qual a batalha, no imediato, mais decisiva para nela concentrarmos as nossas forças.

Ora este Congresso deve estabelecer claramente que de todas as importantes batalhas que temos que travar a curto prazo (e sem prejuizo da batalha da Reforma Agrária, da batalha sindical e da batalha pelo controlo operário) a batalha eleitoral pelas autarquias locais é, neste momento, a batalha mais geral, decisiva e mais imediata.

Ela é a mais geral pois envolve os seis milhões de eleitores de todas as freguesias e concelhos do País.

É a mais imediata pois tem data marcada para o próximo dia 12 de Dezembro. É decisiva, pois do seu resultado depende em que mãos fica uma parte importante do aparelho de Estado (o poder local) e, portanto, a maior ou menor possibilidade de satisfazer necessidades prementes das populações. Mas esta batalha é ainda decisiva porque, sendo a última deste ciclo eleitoral iniciado com as eleições para a Constituinte, permitirá avaliar a correlação das forças em presença e terá, portanto, fortes repercussões nas soluções políticas futuras. Nós pensávamos e pensamos que estas eleições não deveriam ser partidarizadas pois não se realizam em torno de um programa de política geral. Mas o PS, o CDS, e o PPD já as transformaram numa avaliação das suas forças.

Se querem tirar mais ilacções políticas não será a Frente quem as teme. A FEPU afirmar-se-á como uma poderosa força eleitoral, e estamos certos de que serão o PPD e o CDS (no seu conjunto) os grandes derrotados no que toca ao número total de votos nas eleições municipais. Sem dúvida que um tal resultado irá consolidar a maioria numérica de esquerda existente na Assembleia da República e evidenciar ainda mais a necessidade de tal maioria numérica se transformar numa maioria política.

Por todas estas razões podemos dizer que, em certo sentido, é decisiva a próxima batalha eleitoral.

A FEPU é a organização eleitoral que se apresenta às eleições no maior número de Câmaras e Assembleias Municipais no Continente. Esta é já uma primeira grande vitória.

Na verdade, a FEPU concorre no Continente a 273 (das 274) Câmaras Municipais, às quais corresponde 99,9 % do eleitorado do Continente. Igualmente concorre a 272 Assembleias Municipais do Continente correspondentes a 99,5 % do respectivo eleitorado.

Ora, embora não tenhamos ainda informações completas, o PS não concorreu em, pelo menos, 4 Câmaras Municipais e 6 Assembleias Municipais. O PPD não concorre, pelo menos, a 34 Câmaras Municipais e 35 Assembleias Municipais. O CDS não concorre, pelo menos, a 37 Câmaras Municipais e 52 Assembleias Municipais.

Sem dúvida que a não concorrência do PPD e do CDS a um número tão elevado de Câmaras Municipais e Assembleias Municipais se deve à sua incapacidade, mas não apenas à sua incapacidade. Deve-se também a uma aliança expressa ou táctica com o PS nos Distritos de Setúbal, Beja, Évora e Portalegre, onde, como se sabe, o PCP tem forte implantação. Aliás, a existência de conhecidos elementos do PPD em listas do PS (a lista para a Câmara de Beja é um dos exemplos) confirma a existência desta aliança.

Mas voltemos à FEPU.

O facto de a Frente não concorrer a uma Câmara e a duas Assembleias Municipais, ao contrário do que nos chegou a ser informado, deve-se a lamentável negligência de camaradas nossos e ao facto de não terem querido apresentar as listas fora de horas como em muitos casos fez o PS, que chegou ao ponto de apresentar listas no dia seguinte ao do termo do prazo.

A FEPU apresenta ou apoia listas para 1372 freguesias que correspondem a 75 % do eleitorado do Continente.

Nos Açores e na Madeira, apesar da inexistência de segurança e liberdade que ali se verifica, a Frente concorre, mesmo assim, para 15 Câmaras Municipais que abrangem 79 % dos eleitores, e 16 Assembleias Municipais que correspondem a 82 % do eleitorado das regiões autónomas.

No seu conjunto estas listas compreendem cerca de 30 mil candidatos.

No que toca à composição política destas listas, isto é, ao seu carácter unitário, pode desde já dizer-se que ela vai muito para além dos partidos que apoiam formalmente a Frente. Embora não se possuam ainda dados globais, qualquer amostra que se tome é expressiva da realidade.

Assim por exemplo, a participação de candidatos não pertencentes ao PCP, nem ao MDP nem à FSP, nas listas da Frente Eleitoral Povo Unido é para a Assembleia Municipal de Póvoa de Lanhoso 52 %, para a Câmara Municipal de Guimarães de 75 %, para a Câmara Municipal de Vieira do Minho de 70 %, para a Assembleia Municipal de Alcobaça de 43 %, para a Câmara Municipal das Caldas de 73 %, para a Câmara Municipal da Nazaré de 75 % para a Assembleia Municipal de Peniche de 93 %, para a Assembleia Municipal de Porto de Mós de 90 %, para o conjunto das Assembleias de Freguesia do Concelho de Gaia de 50 %, para as Assembleias de Freguesia do Concelho de Alcochete de 60 %, para as Assembleias de Freguesia de Sines de 56 %, para as Assembleias de Freguesia do Distrito de Évora de 62 %.

Como se vê esta característica é geral por todo o País. Deve dizer-se que um pouco por toda a parte militantes do PS participam nas listas da FEPU.

O que tudo isto significa, quer o número de candidatos apresentados, quer a composição política das listas, de trabalho realizado por milhares e milhares de camaradas nossos, por milhares de homens de outros partidos e sem partido, o que tudo isto significa de esforço, sacrifício, dinamismo e maturidade política, não é possível descrevê-lo aqui. Mas a imensa maioria dos delegados ao Congresso, que participou nesta batalha, sabe o que isto foi.

As listas não foram fabricadas no gabinete, como as dos partidos concorrentes a estas eleições. Foram elas próprias produto de milhares de reuniões, assembleias, plenários em que participaram as mais variadas estruturas ou seus representantes: partidos políticos, comissões de moradores, assembleias populares, comissões administrativas de autarquias locais, comissões de trabalhadores, com comissões sindicais, associações recreativas, desportivas, culturais, bombeiros, etc.

O objectivo era o de unir as populações em torno, não de um programa político geral, mas sim em torno de problemas concretos e dos homens que mereçam a confiança necessária para lutar pela solução de tais problemas. Um tal objectivo coaduna-se perfeitamente ao carácter específico das próximas eleições e ao trabalho que há a realizar no futuro. Porque foi criada precisamente para responder a este onjectivo e porque corresponde também à grande vaga de fundo unitário que se faz sentir em todas as frentes de luta, a FEPU é já um grande sucesso político que confirma a justa orientação traçada quer no que concerne à política unitária quer à linha de massas quer ao estilo de trabalho.

Camaradas:

Não vou referir aqui detalhadamente à imoralidade política que envolveu a feitura e aplicação da lei eleitoral. Basta que se diga que com os ardis da lei se pretendeu liquidar a possibilidade, garantida na Constituição, de formação da Frente e de listas promovidas por grupos de cidadãos eleitores. Depois foram alterações à lei (prorrogação do prazo de entrega de listas, dispensa do bilhete de identidade, etc.) ao sabor das conveniências do Partido no poder. Isto para não falar, quer das complacências, quer das ilegais exigências de vários juizes.

Há contudo, um aspecto da lei que interessa desmistificar. Discutiu-se muito sobre a representação proporcional nas próximas eleições. É sabido que apesar da Constituição estabelecer tal princípio, o CDS e o PPD se lhe opunham frontalmente. Os propósitos destes partidos de caciques reaccionários foram derrotados pelos deputados do PCP e PS na Assembleia da República. Mas não se tirem daqui falsas conclusões. Haverá até certo ponto representação proporcional dentro de cada círculo eleitoral (freguesia ou concelho), mas não há qualquer proporcionalidade entre o número de eleitores e o número de eleitos. Assim, por exemplo o concelho de Barcelos, com apenas 55 mil eleitores vai eleger para a Assembleia Municipal 90 candidatos, enquanto Lisboa com 673 mil eleitores vai eleger alguns 60 candidatos.

O Distrito de Braga com menos 38 mil eleitores do que o distrito de Setúbal vai contudo eleger 3007 candidatos para as Assembleias de Freguesia, enquanto Setúbal elegerá apenas 557 candidatos, isto é, 5 vezes menos. Todo este sistema eleitoral está, pois, concebido para que os distritos do Norte (onde a reacção tem maior implantação) elejam muito maior número de candidatos do que os distritos do Sul. Não há, portanto, como dizíamos, qualquer proporcionalidade entre o número de eleitores e o número de candidatos a eleger.

Em resumo, nos distritos do Norte e Beiras eleger-se-ão muitíssimo mais candidatos às Assembleias de Freguesia e Municipais do que nos distritos do Sul. Sem dúvida que os partidos reaccionários vão, depois das eleições, procurar especular com o número de pessoas que conseguiram eleger. Porém, isso não alterará a realidade quanto à derrota que vão sofrer respeitante ao número de votos que vão obter à escala nacional para as eleições municipais. E este, sim, é que define a correlação política de forças.

Camaradas:

A ditadura de Salazar e Caetano não trouxe ao nosso povo apenas a super-exploração directa dos trabalhadores, a eliminação das liberdades, a opressão, o terror e a guerra. Enquanto protegeu monopolistas e latifundiários ignorou totalmente, e esse não é o menor dos seus crimes, as condições de vida das nossas populações, as suas necessidades mais elementares.

Numa grande parte das localidades do nosso País são enormes as carências e em muitas falta tudo. São imensas as carências no que toca à habitação, à água canalizada, à electrificação, aos esgotos e lixos, às estradas e caminhos, aos serviços de saúde, às escolas, creches, jardins de infância, desporto, recreio, cultura, etc., etc.

Depois do 25 de Abril houve Municípios em que se fez bem mais, num ou dois anos, do que nos 20 anos anteriores. E uma importante experiência. Mas os limitadíssimos meios financeiros e legais existentes (persiste o vergonhoso Código Administrativo de Marcelo Caetano), o não ter sido saneado o aparelho de Estado, e a própria escassez do tempo decorrido fez com que se não pudesse ter alterado no essencial a situação existente.

É a batalha contra estas carências que é preciso vencer para construirmos o novo Portugal democrático.

Para vencer esta batalha impõe-se:

1.º Que sejam as massas populares a definir quais os problemas que devem ser prioritariamente resolvidos. Tais problemas devem ser incluídos nos programas das listas promovidas ou apoiadas pela Frente.

2.º Fazer eleger nas próximas eleições os homens capazes de estar na vanguarda da luta pela realização desses programas.

3.º Lutar por uma legislação que permita que os Municípios e as Freguesias disponham dos poderes e dos recursos financeiros e técnicos possíveis e necessários para enfrentarem a situação existente e liquidarem a herança do fascismo.

4.º Mobilizar permanentemente as populações para que sejam elas próprias, com o seu trabalho e a sua imaginação criadora, a participar decisivamente na execução das realizações a empreender.

O trabalho já realizado abriu enormes possibilidades de unir, organizar e mobilizar vastas camadas populares numa extensão geográfica e numa profundidade nunca antes alcançada.

Pela primeira vez milhares e milhares de homens e mulheres estão a participar não de uma maneira mais ou menos passiva mas de uma maneira activa e organizada na vida política do País. Esta é a melhor forma de fazer chegar o 25 de Abril onde ele não chegou ainda e assim se ganharem para o lado da Revolução vastas camadas populares, especialmente os camponeses do Norte e das Beiras.

A experiência recolhida é já riquíssima. Para além das eleições o Partido deve dar a maior atenção ao prosseguimento deste trabalho. A luta nesta frente terá influência decisiva no curso da Revolução e na construção de um Portugal novo.

Com absoluta confiança nas massas, com o espírito bem aberto e unitário que desta confiança resulta, com tenacidade, audácia e imaginação criadora, prossigamos esta batalha para obtermos, de imediato, uma grande vitória eleitoral.

VIVA A FRENTE ELEITORAL POVO UNIDO!
POVO UNIDO VENCERÁ!
VIVA PORTUGAL!
VIVA O PCP!

Blanqui Teixeira

SOBRE A ORGANIZAÇÃO DO PARTIDO

CAMARADAS!

O nosso Partido atingiu, em Setembro passado, um efectivo de 115 mil membros. Nessa altura, contaram-se mais de 7 mil Organismos a trabalhar regularmente e cerca de 70% dos membros do Partido com participação na sua actividade diária.

É evidente que se o nosso Partido não se tivesse transformado, em muito curto prazo, no grande Partido que é, não se poderiam ter dado os passos históricos e revolucionários que as Teses do Comité Central colocam claramente.

Quem analise a nossa influência nas diferentes regiões, nos vários concelhos, nas diversas empresas, em todo o lado, sempre tirará a lição de que tal influência está directamente, profundamente ligada ao estado da Organização do Partido.

Por isso, ao mesmo tempo que realçamos que só um partido como aquele que os comunistas construiram no nosso País poderia contribuir tão fortemente para o desenvolvimento do processo democrático, também devemos dizer que **são as nossas deficiências orgânicas que explicam muitos dos nossos insucessos, das nossas dificuldades, da nossa menor participação em algumas regiões e em alguns aspectos da actividade do País.**

É muito importante, que se torne parte integrante do pensamento revolucionário de todos os Camaradas que, assente numa correcta orientação política, a Organização do Partido é a nossa principal e mais poderosa arma.

É fundamental, para o desenvolvimento e para a vitória da Revolução Portuguesa, que nos preocupemos mais, muito mais, com a resolução dos problemas organizativos, que reforcemos muito a nossa Organização.

Camaradas!

A Organização do Partido alcançou, no primeiro ano a partir do 25 de Abril, um efectivo de 100 mil membros.

Naturalmente que um tal ritmo de crescimento não poderia manter-se. Mas, ao analisarmos a situação orgânica do Partido, é preciso apontar as razões que actualmente dificultam o seu alargamento.

Antes de mais, á razões de ordem política, devido aos ataques desencadeados contra o processo democrático, devido ao domínio e à intimidação que a reacção impõe em grandes regiões do País, quer nas Ilhas, quer no Continente.

Além disso há razões de ordem orgânica, pois são as nossas deficiências neste campo que explicam que não tenham sido contados no nosso balanço de Setembro milhares de camaradas e que alguma gente que se aproximou do Partido se tenha desinteressado.

Há ainda razões ligadas às nossas dificuldades em quadros, cuja falta impede praticamente um maior crescimento do Partido.

É para estas últimas razões que devemos voltar a nossa atenção, pois, na hora actual, **o que nos permitirá romper com as nossas principais dificuldades é a consolidação da organização na base de um notável alargamento dos quadros do Partido.**

Camaradas!

O reforço da Organização tem de se processar a todos os níveis, desde as células de base até aos organismos de maior responsabilidade.

A todos os dirigentes das diversas organizações do Partido, impõe-se uma clara compreensão da importância da sua tarefa, um estilo de trabalho que aproveite todas as potencialidades da Organização Partidária, um especial cuidado no acompanhamento dos membros do Partido com que contactam, um grande esforço para a sua própria formação e para ajudar a formação dos camaradas cujo trabalho dirigem, uma preocupação constante pelo fortatecimento das organizações a seu cargo e pela eliminação das dificiências mais importantes.

A todos os membros do Partido impõe-se uma correcta compreensão da sua qualidade de membros do Partido, um conhecimento claro das condições fundamentais dessa qualidade: a aceitação do Programa e dos Estatutos do Partido, o pagamento da quota e a militância numa dada organização.

Todo o dirigente, de qualquer organização do Partido, que não consegue descentralizar as suas tarefas, que não consegue conhecer os camaradas que dirige, ajudar a formá-los como quadros e criar condições para a sua promoção, que não consegue impulsionar a estruturação da organização, que não consegue levar a organização a uma actividade bem ligada às massas, é evidente que não está cumprindo bem a sua tarefa.

Todo o membro do Partido que continua a considerar a sua adesão ao Partido como uma atitude formal, que o não vincula a uma actividade, a uma contribuição para a acção geral do Partido, é evidente que não assimilou ainda um ponto fundamental dos nossos Estatutos e da nossa prática política.

O reforço da Organização tem de passar por um melhor estilo de trabalho de todos os dirigentes de organizações do Partido, pela formação acelerada e constante de novos milhares e milhares de quadros e pela conquista de todos os membros do Partido para uma verdadeira militância.

Camaradas!

O reforço da nossa organização exige também um grande alargamento da eleição dos organismos dirigentes e a prestação de contas da sua actividade às organizações que dirigem, tal como obrigam os nossos princípios orgânicos.

Os princípios do centralismo democrático, que guiam a nossa Organização, têm de ser compreendidos e respeitados por todos os membros do Partido.

O centralismo democrático não admite as atitudes autoritárias, os atropelos das normas democráticas, a negação do trabalhoo colectivo. Não admite igualmente o democratismo «basista» que nega, normalmente com objectivos malsãos, o papel dos dirigentes e a necessária centralização do poder de decisão.

O centralismo democrático exige a eleição de todos os organismos dirigentes do Partido, da base ao topo.

Para fora de alguns casos em que as nossas organizações actuam quase que na clandestinidade ou ainda em condições muito incipientes, em todas as outras organizações é necessário preparar e realizar, como se fez já em vários sectores, as Assembleias de Células, das organizações de sector, de classe profissional e de zona, das organizações, de freguesia, concelhias, distritais e regionais.

A preparação destas Assembleias e a sua realização serão um novo e relevante motivo para uma grande mobilização dos membros do Partido, para um melhor conhecimento e contacto com a respectiva Organização e todos os seus membros, para um reforço da unidade interna do Partido, para uma intensificação da militância dos seus memebros, para uma melhor estruturação de todos os militantes, para um combate mais activo às dificiências existentes, para uma acção mais capaz, mais ligada às massas.

Esta importante tarefa, que as Resoluções do Congresso naturalmente rectificarão, deverá ser imediatamente levada à prática.

Camaradas!

Na medida em que consolidaremos a organização, em que aumentarmos nitidamente o número dos seus quadros, em que melhorarmos o estilo de trabalho dos organismos dirigentes, em que elevarmos a responsabilidade destes organismos com a sua eleição, em que ganharmos todos os membros do Partido para um trabalho militante, então estaremos em melhores condições para alargar a nossa organização, para não sermos «só» 115000. mas 150000 ou 200000.

Reforçando a Organização, estaremos em melhores condições para fortalecer ainda mais as células das empresas industriais, agrícolas e também as de serviços, as organizações de classe profissional, a nossa implantação e influência na classe operária e entre os empregados.

Reforçando a Organização, estaremos em melhores condições para ampliar muito mais a indispensável, a deciva aliança do proletariado com o campesinato, organizando no Partido muitos e muitos pequenos e médios agricultores e ajudando-os a mobilizarem-se, a unirem-se e a organizarem-se na defesa dos seus interesses. É necessário que os pequenos e médios Agricultores compreendam, pela sua própria experiência, que o nosso Partido não é só o Partido da classe operária, do proletariado, mas é também o maior defensor dos interesses dos pequenos e médios agricultores e do campesinato.

Reforçando a Organização, estaremos em melhores condições para impulsionar eficazmente o nosso desenvolvimento nas regiões mais atrasadas, onde a reacção faz imperar ainda o seu domínio. Não sendo possível apagar, a curto prazo, as grandes diferenças de nível económico e social que se criaram entre diversas regiões do País, é possível com um grande esforço do Partido, que tem de contar com a ajuda das organizações mais fortes, é possível diminuir as grandes discrepâncias no que respeita à nossa influência e à nossa Organização.

Reforçando a Organização, estaremos em melhores condições para auxiliar e para influenciar **as camadas juvenis de trabalhadores e de estudantes,** principalmente através das grandes organizações autónomas de jovens comunistas, a UJC e a UEC, **as Mulheres trabalhadoras e as mulheres donas de casa,** e as suas organizações específicas, **os Intelectuais** e a sua actividade progressista, **os pequenos comerciantes e industriais, todas as camadas que se podem aliar na defesa e no prosseguimento do processo democrático.**

Reforçando a Organização, estaremos em melhores condições para intensificar **o combate às nossas principais deficiências** particularmente na nossa ligação com as massas, com a constante defesa dos interesses dos trabalhadores, com a constante defesa das grandes conquistas da Revolução, com a constante defesa dos objectivos nacionais. Para isso é indispensável continuar a intensificar o nosso combate ao sectarismo, que procura sempre desviar-nos das nossas justas posições de estreito contacto com as massas.

Camaradas,

Debrucemo-nos, todos, mais e mais, sobre os problemas organizativos, formemos mais e mais quadros, alarguemos mais e mais a nossa organização e **não haverá tarefas impossíveis de cumprir.**

Todos unidos e mobilizados:

Para consolidação da Organização na base dum alargamento dos quadros do Partido;

Para a preparação e a realização de Assembleias em todas as organizações onde for possível;

Para um grande reforço da organização em todos os sectores e em todas as Regiões do País.

Aurélio Santos

PROPAGANDA E INFORMAÇÃO

Como justamente observa o camarada Álvaro Cunhal no Relatório aprovado pelo Comité Central para o nosso VIII Congresso, «depois de 25 de Abril, a importância da informação e propaganda do Partido, longe de ter diminuído, mais aumentou».

Antes do 25 de Abril – as armas principais da reacção eram o terror, a repressão, a censura, a intimidação. Agora o centro do campo de batalha transferiu-se para o campo político e ideológico. A desinformação, a mentira, as campanhas de calúnias, tornaram-se uma das principais armas da contra-revolução. Ao trabalho de propaganda e informação do Partido cabe a tarefa de dar resposta a essas armas.

Havemos de o fazer com êxito.

Tal como sob a ditadura fascista conseguimos ser a voz que sempre indicou às massas o caminho da luta e da vitória, através do «Avante!», da Rádio Portugal Livre, da propanda clandestina do Partido – também gora saberemos encontrar as formas de desintoxicar o País do veneno do anticomunismo, com que a reacção e a direita querem paralisar, dividir e desorientar as massas populares, para depois mais facilmente destruir as conquistas da nossa Revolução.

Fazendo o balanço do trabalho do Partido no Sector da Propaganda, o Relatório assinala que dificuldades particulares se levantaram a este sector de actividade após o 25 de Abril. Podemos considerar que foram fundamentalmente duas as causas da complexa evolução da actividade de propaganda que atrasaram o seu arranque e ainda hoje condicionam o seu desenvolvimento.

Por um lado, foi a dificuldade do Partido em lançar as bases de trabalho de um sector «novo» como o da propaganda de massas numa situação de legalidade – sector em que, ao contrário do que sucedia noutros, a experiência da clandestinidade pouco se adaptava. Essa dificuldade revelou-se, principalmente, em encontrar a sua justa colocação no conjunto das actividades do Partido e, sobretudo, em definir claramente o seu campo de acção e objectivos, e, consequentemente, uma correcta estruturação do seu trabalho e adequadas soluções no plano de quadros, meios, instalações.

Por outro lado, algumas características do processo político português levaram o Partido, durante bastante tempo, a uma certa subestimação da actividade de propaganda. O desenvolvimento do processo revolucionário, o papel motor do Partido, o constante empenhamento exigido pela enorme acção política do Partido (comícios, sessões, manifestações), o eco nacional imediato que tal acção, tal como a de outros partidos encontrava através dos órgãos de Informação libertados da dominação dos sectores reaccionários, permitiam que a acção do Partido fosse divulgada a milhões de portugueses, sem possuir grandes estruturas centrais e periféricas de propaganda. Esta situação momentânea levou a uma incompreensão e subestimação do papel do sector de propaganda do Partido como **actividade autónoma** (isto é, com características e formas de actuação específica) e como elemento necessário de toda a acção política pública do Partido. Essa subestimação política retardou a definição do **conteúdo e objectivos** da actividade da propaganda e levou a que não se criassem estruturas e organização (central e nacional) do sector, não se destacassem os quadros necessários para essa actividade, nem se tomassem medidas para formar quadros especializados.

A resolução do Comité Central de Dezembro de 1975 pode ser considerada como um momento de viragem. A partir daí a Direcção do Partido tem procurado criar condições (políticas e organizativas e de quadros), para o arranque de uma actividade de Informação e Propaganda à altura das necessidades do Partido.

As três batalhas eleitorais travadas este ano servem de teste para avaliar a actividade realizada durante este período, tanto para a SIP central como para as SIP's das DOR's. O balanço contido no Relatório mostra os passos dados e a importância do trabalho realizado.

Os resultados desse trabalho são apreciáveis, mas ainda francamente insuficientes. Se quisermos responder plenamente à situação actual – com as suas perspectivas mas também as suas dificuldades – temos de reforçar e melhorar ainda muito e muito mais o nosso trabalho de propaganda.

Para isso temos, em primeiro lugar, de ter uma ideia clara de quais são os objectivos do nosso trabalho de informação e propaganda.

Quais são esses objectivos?

Temos de responder, no domínio político e ideológico a todas as questões que se colocam às massas populares, aos trabalhadores e ao País. Temos de ajudar à organização das massas para a acção. Temos de contribuir para fazer dos nossos militantes quadros politicamente preparados e firmes, capazes de agir eficazmente na vanguarda das massas populares.

Isto quer dizer que a nossa actividade de informação e propaganda tem de dirigir-se, por um lado, às mais largas massas populares, para as arrancar à influência da reacção e do oportunismo; e por outro lado, tem de dirigir-se aos nossos militantes e simpatizantes para os armar política e ideologicamente.

Para satisfazer estes objectivos impõe-se uma propaganda com materiais diversificados, de acordo com os sectores para os quais se destina, embora toda ela solidamente integrada numa linha política comum e capaz de concentrar os esforços nos temas fundamentais de cada momento.

Esta coordenação de uma actividade de propaganda diversificada só é possível se forem observadas três condições.

A primeira – é a criação de estruturas e a formação de quadros que se especializem nessa tarefa, que possam acumular experiências e dedicar-se sistematicamente ao acompanhamento dos problemas de propaganda. A estruturação da SIP central, a criação das SIP's das direcções regionais, a criação de secções de agitação e propaganda nos organismos intermédios e de base correspondem à realização desta primeira condição.

A segunda condição – é a associação da actividade de propaganda e agitação com a actividade política corrente das organizações e dos militantes do Partido. A propaganda do Partido não pode ser feita numa base «técnica», por «aparelhos» desligados da vida política e da luta. O que dá força à nossa propaganda é exactamente a sua integração num amplo trabalho colectivo. Isto não significa apenas a participação de todos os militantes em actividades de agitação e propaganda – como na colagem de cartazes, nas sessões de esclarecimento e outras. Significa, também, a participação activa dos camaradas das estruturas de propaganda no trabalho das organizações a que estão ligados para aí ser discutido regularmente o trabalho de agitação e propaganda e para que eles melhor conheçam a actividade política geral do seu sector.

A terceira condição para melhorar o nosso trabalho de informação e propaganda é a sua boa coordenação, à escala de todo o País e de todas as estruturas ligadas a esse trabalho. As reuniões nacionais das SIP's a que já se procede regularmente, as assembleias de propaganda que têm sido organizadas em várias organizações regionais, bem como a troca de experiências, são já passos nessa direcção, que é necessário ainda aprofundar. Mas tem de se ir mais longe, e fazer uma coordenação regular e orgânica entre as SIP's, a Imprensa, as actividades editoriais, as iniciativas no campo do Cinema, do Teatro, do espectáculo. Em todos estes campos temos já uma experiência acumulada que pode ser agora multiplicada com uma boa coordenação.

O sectorialismo, a estreiteza de espírito de grupo ou do «bairrismo» de organização pode causar (e já tem causado) prejuízos ao nosso trabalho, levam à duplicação e dispersão de esforços e encargos, a flutuações na orientação, ao mau aproveitamento de equipamentos e quadros, à falta de critério na utilização de recursos financeiros. O reforço da coordenação e cooperação permitirão ao Partido dar um novo passo em frente não só na acção prática como na orientação política das várias frentes da agitação, informação e propaganda.

Outro aspecto em que precisamos de melhorar a nossa agitação e propaganda – é quanto à planificação do trabalho. Temos de desenvolver o espírito de iniciativa, mas de acabar com o espírito de improvisação. E isto a todos os níveis – desde trabalhos de direcção central de propaganda aos mais directos trabalhos de agitação, desde a planificação das grandes campanhas nacionais à planificação de uma colagem.

A prova de que os militantes do nosso Partido são capazes desse esforço de planificação temo-la aqui nesta sala que ainda há oito dias não passava de um hangar vazio e gelado e que o esforço coordenado de centenas de camaradas montou e decorou com gosto, carinho e entusiasmo. Isto sim, camaradas: é propaganda e daquela que só o nosso Partido é capaz de fazer porque é a soma do entusiasmo e cooperação de milhares de militantes, é a sua criação colectiva.

Camaradas:

Hoje, as tarefas que se colocam à propaganda do nosso Partido são de grande responsabilidade.

Para a realização dessas tarefas não basta repetir ideias gerais.

Não foi repetindo mecanicamente «slogans» sobre a Revolução democrática e nacional que essa Revolução se iniciou e alcançou vitórias decisivas. Foi, sim, apontando em cada momento os caminhos, os passos, pequenos que fossem, que conduziam à Revolução – isto é, encontrando em cada situação os objectivos concretos e imediatos capazes de interessar e mobilizar um grande número de pessoas. Não foi a propaganda que fez a Revolução, mas foi a propaganda que no 25 de Abril tornou possível que centenas de milhares de pessoas orientassem a sua acção num sentido politicamente definido, com objectivos idênticos, sentimentos comuns, grandes aspirações colectivas. com uma ideia «do que se queria» e do que era preciso alcançar.

Agora, as tarefas são outras, mas não é menor a importância da informação e da propaganda, para a mobilização dos esforços e vontades, necessários à realização dos grandes objectivos que se colocam ao nosso Povo.

Temos de levar a todo o lado o significado e importância das conquistas da nossa Revolução.

Temos de tornar mais compreensíveis todas as grandes transformações que se deram em Portugal e as novas tarefas que se colocam às forças revolucionárias portuguesas.

Nenhuma dessas tarefas poderá ser realizada sem um grande trabalho de propaganda, de informação – e também de agitação, no sentido em que se fala no Relatório do camarada Cunhal para que as novas camadas da população, novos combatentes, novas consciências sejam ganhos para a causa da Revolução, da democracia e do socialismo.

O lema do nosso Congresso aponta a direcção principal: COM A DEMOCRACIA PARA O SOCIALISMO.

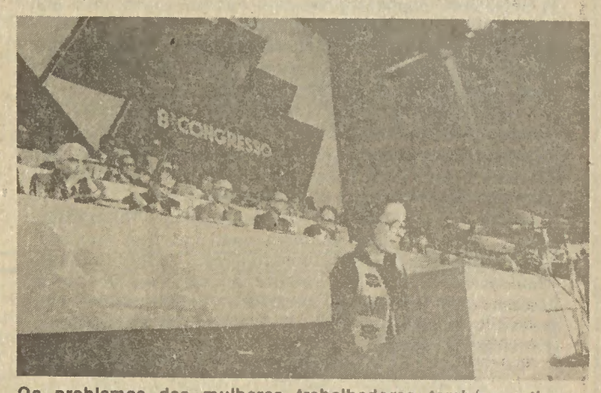
Estamos certos que nas tarefas da construção do novo Portugal democrático a caminho do socialismo, a propaganda do nosso Partido terá a mesma importância, o mesmo papel decisivo que teve na liquidação da ditadura terrorista dos monopólios e na conquista da liberdade.

Avante camaradas – COM A DEMOCRACIA PARA O SOCIALISMO

IMAGENS

Um aspecto da sala da FIL onde decorreram os trabalhos do VIII Congresso do PCP

Na tribuna tiveram voz todos os problemas das classes trabalhadoras



Os problemas das mulheres trabalhadoras também estiveram presentes

A juventude representada no Congresso

Todos os delegados ao VIII Congresso que usaram da palavra deram uma achega para a realização dos trabalhos

A contribuição de todos enriqueceu o Congresso

O camarada Francisco Miguel leu o relatório da Comissão de Mandatos

Os serviços de apoio ao Congresso trabalharam dia e noite para satisfazer todas as exigências de um acontecimento que mobilizou milhares de camaradas

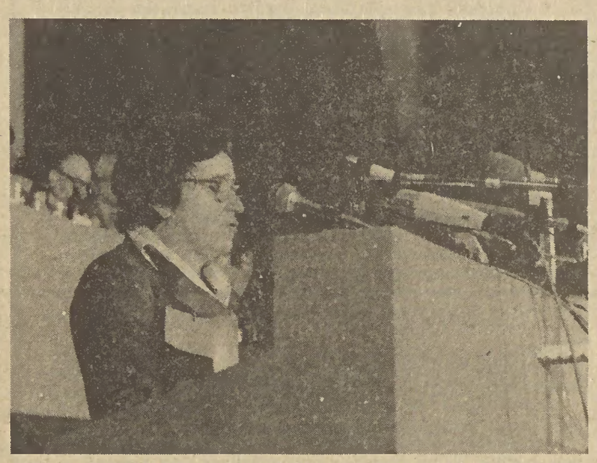
Um aspecto das delegações estrangeiras e de partidos irmãos que assistiram ao Congresso

O delegado do Partido Comunista da Índia, camarada Jogendra Sharma, no final da sua intervenção

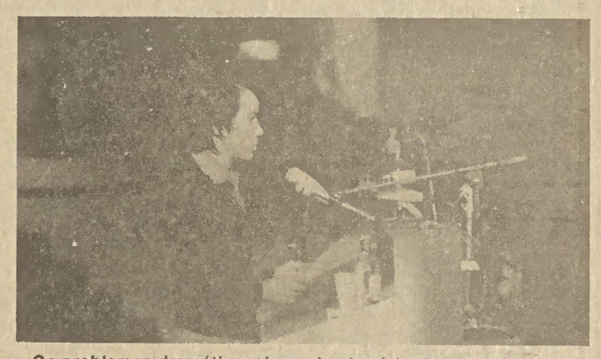
Os trabalhos foram seguidos com uma atenção constante

O camarada Pires Jorge apelou para a intensificação do trabalho de organização junto dos pequenos e médios agricultores

O camarada Veiga de Oliveira lendo uma moção sobre o poder local e as próximas eleições



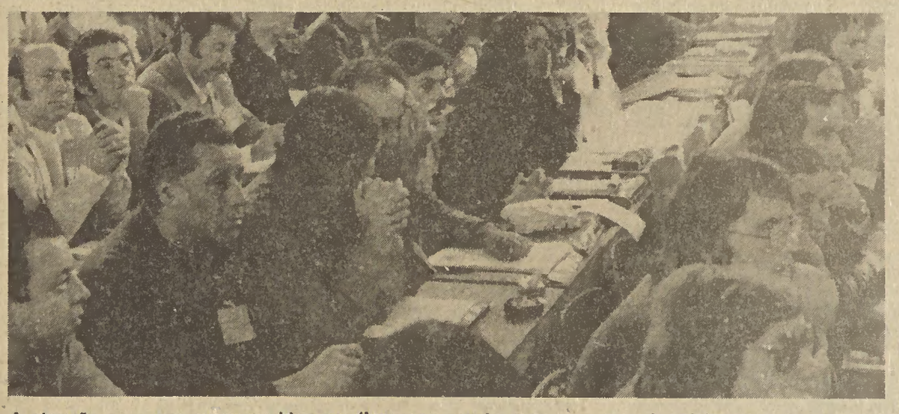
A camarada Alda Nogueira falou sobre a situação da mulher



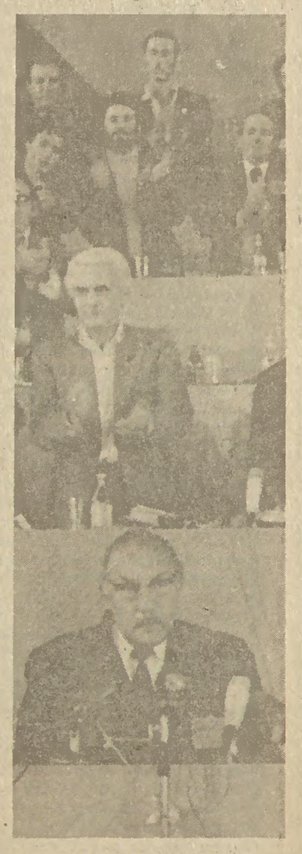
Os problemas dramáticos do ensino também foram abordados

Nas intervenções verificadas nem só os problemas dos operários e trabalhadores agrícolas foram abordados. Também os assuntos respeitantes aos pequenos e médios agricultores, comerciantes e industriais mereceram atenção

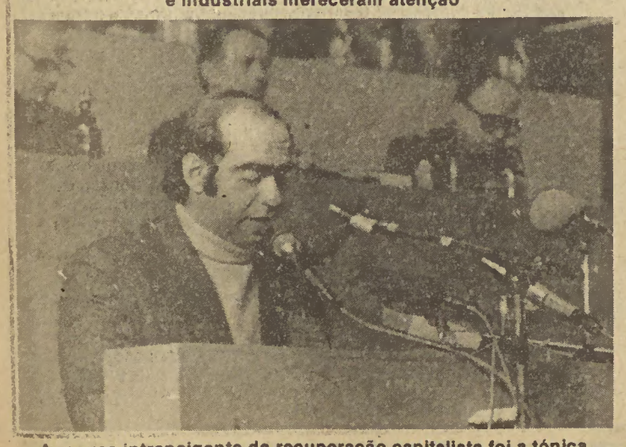
O apelo à defesa das conquistas da Revolução ocupou numerosos discursos



A atenção com que eram ouvidos os discursos manteve-se por parte dos delegados durante todo o Congresso



Na tribuna, o camarada J. Jackson, delegado do Partido Comunista dos EUA



A recusa intransigente da recuperação capitalista foi a tónica

O camarada Giancarlo Pajeta intervém em nome do Partido Comunista Italiano

O Partido do Trabalho da Coreia ocupa a tribuna através do camarada Kim Gi Nam

Intervém o delegado do Partido Comunista Romeno, camarada Cornel Burtica

Alda Nogueira

AS MULHERES E A REVOLUÇÃO

É impossível falar-se da luta das forças democráticas revolucionárias, da luta do nosso Partido e das massas populares contra o fascismo, pela Democracia a caminho do Socialismo, sem se falar da enorme importância da participação das mulheres nesta luta ontem, hoje e amanhã.

Mas é igualmente impossível esquecer que toda esta actuação destacada e indispensável, das mulheres, tem sido levada a cabo no meio de múltiplas dificuldades, obstáculos e limitações de toda a espécie, fruto das discriminações e preconceitos que há séculos a sociedade capitalista faz pesar sobre a mulher e em especial sobre a mulher trabalhadora.

São todas estas discriminações geradoras de situações de inferioridade para a mulher que, em primeiro lugar, importa combater para vencer.

Não é esta uma batalha fácil. Não é também uma luta de resultados espectaculares e imediatos. Teremos ainda luta para muito tempo. Mas teremos de ser nós comunistas, homens e mulheres, a dar, aqui também, o exemplo de verdadeiros democratas consequentes.

Após o 25 de Abril, com a restauração das liberdades, tem-se verificado, uma actuação cada vez mais massiva e destacada das mulheres trabalhadoras – donas de casa, intelectuais e outras – nas várias e difíceis jornadas de luta popular pelo avanço do processo revolucionário, em defesa da nossa jovem Democracia, contra as repetidas ofensivas da reacção.

Foi assim no 28 de Setembro, no 11 de Março, foi assim na luta nas empresas contra a sabotagem económica do patronato reaccionário, na luta em defesa da Reforma Agrária, no trabalho duro levado a cabo nas Unidades Colectivas de Produção e nas Cooperativas.

Por outro lado, no que respeita às eleições, para a Assembleia Legislativa e Assembleia da República, duma primeira análise ainda que incompleta das votações em muitas e diferentes regiões do País, conclui-se que o voto das mulheres teve precisamente a mesma expressão política nas mesas onde votaram só mulheres e nas mesas onde votaram só homens. E, como é lógico, a mesma expressão política nas mesas onde votaram homens e mulheres.

Se outra tivesse sido a expressão do voto das mulheres, jamais poderia ter sido eleita, para a Assembleia Constituinte, e para a Assembleia da República, uma maioria de deputados de esquerda.

Entretanto, a promoção das mulheres a tarefas e cargos de responsabilidade está bem longe de corresponder ao que tem sido a actuação revolucionária das massas femininas antes e depois do 25 de Abril.

Isto sucede seja ao nível profissional, seja ao nível do movimento popular de massas, seja ao nível dos sindicatos, seja ao nível do nosso próprio Partido.

Com efeito, o número de mulheres propostas e eleitas para tarefas e cargos com responsabilidade e de direcção não está em proporção com o número de mulheres filiadas no Partido. O número destas tem vindo a aumentar progressivamente, a um ritmo ainda maior que o do aumento do número geral de homens e mulheres que nos últimos dois anos e meio se têm filiado no Partido Comunista Português.

Temos porém de reconhecer que é ainda insuficiente o número de mulheres inscritas no nosso Partido. (Neste momento mais de 17% dos nossos efectivos).

É necessário modificar as actuais condições de vida da mulher em geral, e da trabalhadora em especial, de modo a que a mulher tenha uma vida igual à do seu companheiro de trabalho e que, como ele, faça uma «aprendizagem» (chamemos-lhe assim) da administração das coisas públicas, da vida colectiva nos seus vários aspectos.

É necessário criar condições para que a mulher se integre cada vez mais nessa vida colectiva, no aspecto económico, social e político para que tenha tempo livre para ir às reuniões, por exemplo, para realizar tarefas de interesse colectivo, na actividade sindical, associativa, cultural e política.

A libertação das mulheres de todas as peias e dificuldades que entravam o seu desenvolvimento como ser social passa necessariamente pela sua integração no processo social da produção.

Aqui há que nos determos um pouco na realidade socio-económica do nosso País.

Somos, na Europa, o País com mais baixa percentagem de mulheres trabalhadoras, quer em relação à população activa, quer em relação à população feminina e, consequentemente, o País da Europa que tem a percentagem mais alta de mulheres domésticas ou donas de casa. Somos um País com menos de um milhão de mulheres trabalha fora de casa e mais de dois milhões de mulheres donas de casa, domésticas.

Esta é uma realidade herdada do fascismo. A não chamada das mulheres à produção após o 25 de Abril (com excepção da zona da Reforma Agrária) não modificou substancialmente esta realidade.

E no que respeita às mulheres trabalhando na indústria e serviços, por exemplo, o que se verifica é justamente o contrário: elas têm sido dentre os mais atingidos pelo desemprego, pois constituindo as mulheres cerca de um quarto da população trabalhadora, cerca de metade dos despedidos são mulheres.

O 25 de Abril trouxe melhorias sensíveis e substanciais para a situação das mulheres trabalhadoras. Ao nível dos salários, por exemplo, (até porque cerca de 80% dos trabalhadores ganhava menos do que o salário mínimo nacional então estabelecido). E também no que respeita a outras regalias. Os camaradas e as camaradas que me antecederam já se referiram e os camaradas e as camaradas que vão ainda usar da palavra já referiram e referirão certamente algumas dessas melhorias e regalias.

Mas as mulheres trabalhadoras, e não só, têm toda uma série de problemas específicos que ainda estão longe de estar resolvidos.

Também aqui, tendo em conta toda esta realidade no seu conjunto, teremos nós comunistas, homens e mulheres, que nos debruçar sobre toda esta situação, sobre este conjunto, de problemas, derivados da realidade do nosso País, para podermos ajudar a modificar progressivamente e decisivamente esta mesma situação.

Um primeiro e importante passo já foi dado nesse sentido. Temos uma Constituição onde se encontram consagrados os direitos das mulheres, uma Constituição que veio pôr fim às discriminações, que consagra o «salário igual para trabalho igual», a igualdade da mulher perante a lei como cidadã, como mãe e como trabalhadora.

Não foi pequena a contribuição dos deputados comunistas que se bateram para que a Constituição incluísse estes princípios e direitos referentes às mulheres que foram aprovados com os votos dos deputados comunistas e socialistas.

Foi um passo importante, é certo, mas não basta. Uma coisa é igualdade na lei e outra é igualdade na vida.

Não basta que a Constituição e até alguns CCTs estabeleçam o princípio do «salário igual para trabalho igual», por exemplo. É necessário que o patronato respeite e cumpra este mesmo princípio, o que está a exigir e vai ainda exigir muita luta.

Mas, há que o sublinhar, a Constituição da República é instrumento importante nas mãos das mulheres portuguesas dos vários partidos democráticos e sem partido, na luta unida pela defesa das suas reivindicações e direitos.

O problema das mulheres, tal como outros problemas nacionais, é também um problema do nosso Partido e como tal deve ser discutido e debatido pelo Partido no seu conjunto.

Se assim o fizermos, novos e importantes passos serão dados no caminho da libertação das mulheres, e consequentemente novos e importantes passos serão dados para uma participação ainda mais massiva das mulheres no processo revolucionário, para ombro com ombro com os homens defenderem, construirem, e consolidarem a nossa jovem Democracia, rumo ao Socialismo.

Zita Seabra

OS ESTUDANTES COMUNISTAS

Queridos camaradas:

Em nome dos estudantes comunistas, queria apresentar as mais calorosas saudações a todos os delegados, convidados, camaradas e amigos aqui presentes e afirmar neste momento histórico da vida do nosso Partido,que os estudantes comunistas tudo farão para que o nosso Congresso contribua para uma melhoria geral do nosso trabalho, para que a classe operária, os trabalhadores e o seu Partido de vanguarda – o PCP – continuem a contar com os Estudantes Comunistas no prosseguimento do processo revolucionário, na consolidação do regime democrático a caminho do socialismo.

A discussão das Teses do Comité Central foi uma rica experiência que abarcou não só os militantes do Partido na UEC mas todos os estudantes comunistas, contribui já, em muito para uma melhor assimilação e compreensão da linha política do nosso Partido e sua aplicação prática.

O número de propostas de alteração às Teses e à Plataforma de Emergência enviadas através da C. Executiva da UEC é de cerca de 150, o que prova o interesse manifestado pelos estudantes comunistas na discussão havida.

Camaradas:

A União dos Estudantes Comunistas está também a preparar o seu Congresso – o I Congresso da UEC, que decorrerá sob o lema «Pelo direito ao ensino – por uma saída profisional».

Na preparação desse Congresso, que virá a ter uma importância decisiva na correcção de alguns erros e deficiências que se têm revelado no nosso trabalho, no enriquecimento da linha política da UEC, numa classificação de propostas sobre a Reforma Geral e Democrática do Ensino, na necessária melhoria do nosso trabalho de organização estão já empenhados os militantes da UEC.

Visando a preparação desse Congresso a sua Comissão Central definiu quatro metas que já foram discutidas praticamente em todos os organismos e células da UEC.

A primeira, camaradas, decorre sobre o lema de aumentarmos significativamente a organização e todas as células da UEC até ao Congresso. Apesar de muitas escolas não estarem ainda a funcionar é possível e urgente ultrapassar a presente situação.

Nós estamos plenamente de acordo com a análise crítica que o relatório do CC ao VIII Congresso apresentado pelo camarada Álvaro Cunhal faz, ao insuficiente número de militantes da UEC que pelos últimos dados que possuímos é de cerca de 10 mil.

A segunda meta que nós próprios nos colocamos decorre sob o lema «cada militante um colaborador associativo». A importância de alcançarmos este objectivo encontra-se exactamente na principal razão de ser da UEC que é o desenvolvimento do movimento de massas dos estudantes, o Movimento Associativo.

Os reflexos de termos defendido este objectivo está já à vista e reflectiu-se numa sensível melhoria do trabalho de massas da UEC. Os estudantes comunistas estão hoje na vanguarda da luta estudantil, contra a tão bem já aqui classificada política de «recuperação obscurantista» do actual ministro da Educação.

Por último, camaradas, colocamos mais duas metas: 1000 contos até ao Congresso e outra sob o lema «cada militante da UEC um bom estudante», pois pretendemos que os nossos militantes vivam e pulsem com os estudantes, queremos que os militantes da UEC sejam os melhores técnicos, técnicos capazes de servir eficazmente um País verdadeiramente democrático.

Camaradas:

A UEC é uma organização temperada na luta. Na luta clandestina contra o fascismo, na luta após o 25 de Abril contra as forças e organizações reaccionárias e pseudo-esquerdistas.

Efectivamente, camaradas, os estudantes comunistas enfrentam nas escolas uma grande ofensiva das forças reaccionárias do CDS, do PPD, do MRPP, da AOC, da UDP e outros que tentaram muitas vezes e frequentemente através de mocas e pedras, criar o caos nas escolas, perturbar e entravar o processo revolucionário em curso.

Efectivamente diremo-lo aqui sem nenhuma dúvida que se as escolas não paralisaram isso deve-se antes de mais, à acção revolucionária e corajosa dos estudantes comunistas que enfrentaram muitas vezes sós e perante o silêncio comprometido de outras forças políticas esses grupos de caceteiros.

A prova desta afirmação qualquer a pode tirar e achamos bem que o senhor ministro da Educação o faça também, para que não continue a fazer demagógicas insinuações caluniosas. A prova está em que são exactamente as faculdades onde a UEC e os professores comunistas têm maior implantação e influência nos órgãos de gestão, que melhor funcionam, que melhoraram em muito o nível pedagógico e científico do seu ensino. O inverso também é válido, todos conhecemos os exemplos caóticos de Direito e do Técnico, onde os estudantes comunistas chegaram a ser impedidos de lá entrar.

Também hoje, camaradas, a UEC não pretende e combaterá a paralisação das escolas ou o caos pedagógico.

Mas o que a UEC também não consentirá é que em nome de um falso funcionamento do ensino o ministro da Educação pretenda fazer regressar às escolas os métodos repressivos, o conteúdo dos programas, as relações hierárquicas, os professores e os polícias que de lá foram corridos nos dias que se seguiram ao 25 de Abril.

Engana-se o ministro se pensa que os estudantes e os professores consentirão, ou se pensa adormecidos os sentimentos democráticos dos estudantes.

A prova desta nossa afirmação está já à vista na onda de descontentamento que se manifesta nas escolas.

As grandes assembleias que por todo o País estão a rejeitar esta política, a manifestação de professores em Lisboa, os significativos Encontros Nacionais de Conselhos de Gestão, e AA, EE, englobando mais de meia centena de estruturas, a greve de cerca de 10.000 estudantes no Porto, as acções em Coimbra em defesa da autonomia da Universidade e contra o saneamento do reitor, são exemplos elucidativos.

Os estudantes defenderão a gestão democrática das escolas do ensino superior e secundário, que o ministro, através de vários decretos feitos sem consulta de nenhuma estrutura estudantil ou de professores, «confidenciais» como nos foi dito, pretende liquidar e entregar a Universidade de novo única e exclusivamente aos catedráticos, no fundo aqueles mesmos que durante 50 anos mantiveram e sustentaram uma Universidade obsoleta, reaccionária e pedagógica, científica e tecnicamente atrasada dezenas de anos – a Universidade fascista.

O actual MEIC retirou o essencial do conteúdo progressista ao ensino unificado, saneou mais de meia centena de técnicos e professores progressistas e conduziu à demissão de outros tantos, está a desmantelar uma política de desporto de massas, criou censura prévia aos programas dos docentes, instaurou os «numerus clausus» vedando o acesso à Universidade de milhares de jovens que ficarão paralisados ou no desemprego e prejudicando o acesso de jovens oriundos das classes trabalhadoras, acaba de dar a conhecer uma lista de cursos não reconhecidos, talvez por serem demasiado progressistas.

De positivo que fez? É difícil responder, pois, camaradas e amigos, caluniou infamemente o grande esforço feito por muitas centenas de estudantes democratas que através do Movimento Alfa dedicaram as suas férias a trabalhar nas cooperativas agrícolas voluntariamente e a ensinarem as primeiras letras a muitos trabalhadores.

Estes são alguns dos objectivos visados pelo actual ministro pois seria moroso enumerá-los todos. Porém, não se pode passar em branco a marcação de exames do 1.º ano de Medicina do Porto para fora das instalações universitárias para o governo civil.

Até há dois anos os ministros levavam a polícia para as escolas. Sottomayor Cardia leva as escolas para a polícia!

Camaradas:

Lutaremos firmemente para que as conquistas no campo do ensino, tal como outras conquistas da revolução não voltem atrás. Bem pelo contrário, tudo faremos para que a acção unida de todos os estudantes progressistas conduza ao aprofundamento das medidas visando a democratização do ensino e da cultura e sua colocação ao serviço de todo o povo.

VIVA A UNIDADE DE TODOS OS ESTUDANTES PROGRESSISTAS!

VIVA A ORGANIZAÇÃO REVOLUCIONÁRIA DOS ESTUDANTES, A UEC!

VIVA O PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS!

Domingos Abrantes

SOBRE O MOVIMENTO SINDICAL

Camaradas

A discussão das teses, na qual participaram muitos camaradas empenhados na frente Sindical, a continuação dessa discussão na base dos materiais saídos do Congresso será uma importante contribuição extraordinária para o reforço do nosso trabalho nesta importantíssima frente de trabalho.

O movimento sindical português, nas novas condições do Portugal Democrático, tornou-se uma poderosa organização de massas, desempenhando um papel importante no avanço e defesa das conquistas da Revolução, na luta pela melhoria das condições de vida das massas trabalhadoras. Com a conquista das liberdades sindicais alargou-se substancialmente o número de trabalhadores sindicalizados. Sectores tão importantes como os pescadores, função pública e assalariados agrícolas puderam finalmente criar as suas organizações de classe, abarcando já hoje muitos milhares de sindicalizados e desempenhando papel decisivo no esclarecimento, organização e mobilização dos trabalhadores destes sectores. Os assalariados agrícolas, privados dos seus Sindicatos desde a instauração do fascismo, dispõem hoje de dez Sindicatos com mais de 120000 sócios. A luta heróica dos assalariados agrícolas do Alentejo e Ribatejo pela Reforma Agrária está intimamente ligada à acção dos seus sindicatos.

Depois do 25 de Abril, pela sua luta firme e consequente, organizados no movimento sindical, os trabalhadores conseguiram importantes conquistas. Obtiveram a fixação do salário mínimo e aumentos substânciais dos salários, impuseram o alargamento do tempo de férias e respectivo subsídio, a proibição dos despedimentos sem justa causa foi consagrada por lei. A contratação colectiva foi dotada de mecanismos mais eficientes capazes de fazer face às tentativas de sabotagem por parte do patronato.

Estas importantes conquistas foram possíveis porque na sua luta os trabalhadores dispuseram de uma forte organização de classe de espírito revolucionário, porque defenderam a sua Unidade, condição da vitória na luta contra os exploradores e todos os inimigos da democracia e da liberdade. É precisamente por saberem que os trabalhadores só unidos e organizados poderão fazer frente com êxito, à frente comum dos exploradores, que os inimigos da Unidade procuram cindir e desorganizar o movimento sindical.

Os senhores da CIP afirmam ser inaceitável a existência de uma Central Sindical Única e exigem abertamente a liquidação do movimento sindical revolucionário. O imperialismo norte-americano e a social-democracia europeia interferem abertamente no nosso movimento sindical, dispendem centenas de milhares de dólares em actividades de sapa contra a Unidade dos trabalhadores. A CISL instalada há meses em Portugal, organiza seminários, cursos sindicais, subsidia largamente os divisionistas. A central sindical americana AFL-CIO, instrumento da CIA e da guerra-fria na frente sindical, apoia as forças cisionistas, os partidos de direita e os reformistas.

Os partidos reaccionários e alguns dirigentes do PS, servindo-se do domínio dos órgãos de comunicação social, desencadearam nos últimos meses, contra o movimento sindical unitário, uma vasta operação divisionista. Derrotados em Janeiro de 1975 aquando da batalha de unicidade, os inimigos da unidade dos trabalhadores, animados pela viragem à direita operada na vida política portuguesa depois do 25 de Novembro, julgam ter chegado o momento de liquidar uma das importantes conquistas da nossa revolução: a existência da Central Sindical Única.

No sentido de confundir os trabalhadores, caluniam a Intersindical, deturpam sistematicamente a sua força real bem como a sua histórica. A luta contra a Intersindical não visa somente atacar a existência de um movimento sindical forte, coeso, defensor consequente da liberdade e dos interesses dos trabalhadores, visa igualmente contestar a sua luta contra o fascismo. Os falsos e recentes defensores das liberdades sindicais procuram fazer crer que a Intersindical foi criada por decreto, o que é falso. A Intersindical formou-se durante o noite fascista, numa altura em que a luta pela liberdade sindical podia significar, e em muitos casos significou, longos anos de prisão. Os reformistas, tomando os desejos por realidades, apresentam a Intersindical como estando em franca desagregação. É bem diferente a verdade, a sua influência e autoridade junto das massas trabalhadoras não cessam de crescer. Com 159 sindicatos filiados na altura do seu Congresso, realizado em Julho de 1975, conta actualmente 201 sindicatos filiados representando mais de 1 600 000 trabalhadores. A sua actuação estende-se hoje a todos os distritos e Ilhas, desempenhando um importante papel no esclarecimento, organizaçãc e mobilização dos trabalhadores contra a recuperação capitalista, contra a legislação antioperária, em defesa das conquistas da revolução. É esta poderosa força da luta unida e organizada dos trabalhadores portugueses que o patronato, os reaccionários e os dirigentes da direita do PS querem liquidar.

Camaradas,

A ofensiva contra o movimento sindical unitário é parte integrante da operação de recuperação capitalista. A existência de um forte movimento sindical, unido e organizado, é um sério obstáculo à concretização dos projectos de recuperação capitalista. Este é, na verdade, o pano de fundo da actividade cisionista, o seu instrumento é a "santa-aliança" que vai do PS ao MRPP, passando pelo PPD e CDS e que se chama "carta Aberta".

A convocação do próximo Congresso dos Sindicatos tem dominado grande parte dos problemas com que se defronta o movimento sindical português. Se tomássemos à letra as afirmações das várias correntes empenhadas nesta batalha, facilmente concluiríamos que não há desacordo quanto aos objectivos fundamentais. Todavia, a actuação prática dos elementos que persistem, apesar do seu isolamento, no que é já o pequeno grupo da "Carta Aberta", veio demonstrar que nem estavam interessados na unidade, nem no Congresso dos Sindicatos. Para eles trata-se de bandeiras, usadas hipocritamente para camuflar os seus reais objectivos divisionistas.

A batalha pela realização do Congresso Sindical permitiu esclarecer milhares de trabalhadores, permitiu demonstrar, na prática, quem são os defensores das liberdades sindicais, quem respeita a democracia sindical e quem a viola da forma mais grosseira.

A actividade desenvolvida nos últimos meses revelou a grande vitalidade do movimento sindical unitário, a sua profunda influência nas massas trabalhadoras. Foram distribuídos 1 milhão de exemplares do projecto de regulamento do Congresso, realizaram-se mais de 1500 reuniões, com a participação de 460 000 trabalhadores.

A reunião geral de sindicatos realizada nos passados dias 22/23 de Outubro, a maior reunião sindical até agora realizada em Portugal, com a participação de 286 estruturas sindicais, das quais 223 sindicatos, representando 1 500 000 trabalhadores, foi uma magnífica resposta aos inimigos da classe operária, levando quase à desagregação completa da "santa-aliança" formada à volta da "Carta-Aberta".

Camaradas,

As grandes acções unitárias do último mês são importantes vitórias para a formação de um movimento sindical mais coeso e dinâmico, são uma séria derrota para os cisionistas e revelam que os trabalhadores portugueses estão determinados a defender a sua unidade. Não se pode, no entanto, descansar nos êxitos obtidos. A unidade do movimento sindical continua ameaçada, persistem muitos perigos de divisão que é preciso liquidar. O recente Congresso do PS tornou mais claro que os objectivos dos dirigentes do Partido Socialista nada têm a ver com a unidade Sindical. Os apelos directos à cisão feitos pelo dr. Mário Soares, os insultos habituais do dr. Marcelo Curto ao movimento sindical unitário e a insistência em planos hegemónicos devem ser um sério aviso para todos os trabalhadores.

A unidade exige a exclusão de planos hegemónicos, exige o respeito pelas decisões democraticamente tomadas. O PS fala muito no respeito pela vontade da maioria, mas a sua posição face ao movimento sindical demonstra, à evidência, que se trata de uma teoria para aplicar conforme as circunstâncias, isto é, demonstra tratar-se de uma teoria para alicar pelo PS conforme lhe seja ou não vantajoso.

A experiência vai demonstrando que os dirigentes não tiram as devidas conclusões da resposta dos trabalhadores (e mesmo de muitos socialista) à sua actividade cisionista, à persistência em esquemas de aliança com forças reaccionárias e grupelhos esquerdistas. É um caminho perigoso que nada trará de bom, nem aos trabalhadores nem ao próprio PS, facto demonstrado com a desagregação do Grupo da "Carta Aberta" e com a substituição de várias direcções sindicais da linha dita "democrática" ou seja de influência socialista.

Também há dois dias uma lista unitária composta por comunistas, socialistas, outros homens de esquerda e independentes, em oposição a uma lista inspirada pela direcção do PS, obteve uma importante vitória nas eleições para a Direcção do Sindicato da Hotelaria do Sul.

Da tribuna do nosso Congresso, saudamos fraternalmente esses trabalhadores socialistas que, apesar das pressões, calúnias e ameaças souberam manter-se no caminho da unidade, da defesa dos interesses da classe operária, seguindo o exemplo de outros trabalhadores socialistas que já participam hoje em várias Direcções Sindicais ao lado de trabalhadores comunistas, seus irmãos de classe.

Camaradas,

A unicidade foi uma barreira decisiva para impedir que o patronato, as forças reccionárias internas e externas e os dirigentes socialistas dividissem e desorganizassem o movimento sindical, garantiu a sua independência face ao patronato, aos Partidos Políticos e ao Estado. A Constituição, apesar da acção dos deputados comunistas não consagrou a unicidade.

Na situação presente, e ao contrário do que afirmam sectores esquerdistas, não é através da lei que se pode impedir a divisão do movimento sindical.

Hoje como ontem, a Unidade será defendida na base de um amplo trabalho de massas. Reclamar uma solução legal nas novas condições políticas é desviar o movimento operário do fortalecimento da sua unidade na base de um amplo trabalho de massas e sujeitá-lo à derrota.

Ao colocar a unicidade, nas condições actuais, como questão decisiva para o movimento operário, os esquerdistas fazem o jogo da direita. Pois, isso significaria pôr os trabalhadores contra a Constituição, quando é sabido que os trabalhadores estão empenhados na luta pelo respeito e cumprimento da lei fundamental do País.

A batalha da unicidade, bem como a experiência recente, mostra que o caminho para isolar completamente os cisionistas está no trabalho de massas, no funcionamento e reforço das estruturas democráticas dos sindicatos, no amplo esclarecimento dos trabalhadores sobre os perigos de cisão e de que só unidos e organizados poderão defender as conquistas da revolução.

O Congresso dos Sindicatos, apesar dos esforços desesperados dos divisionistas foi marcado para Janeiro. Os trabalhadores não podem repousar nos êxitos obtidos. Os três meses que nos separam do Congresso Sindical deverão servir para aprofundar os êxitos e impedir qualquer aventura divisionista.

É fundamental que o amplo movimento unitário suscitado com a discussão do regulamento prossiga e se amplie com a discussão dos documentos para o Congresso dando continuidade com espírito fraternal ao esforço de aproximação e cooperação com direcções sindicais que até há pouco se mantinham em posições contrárias à unidade, continuando também a acção para trazer à unidade e ao diálogo na base do trabalho de massas os que mantêm posições divisionistas. Há dois dias os jornalistas em Assembleia Geral, impuseram à Direcção do Sindicato a saída da "Carta Aberta" e a participação no Congresso dos Sindicatos. Este é mais um exemplo a seguir. Os que persistirem na tentativa de dividir o movimento sindical desrespeitando a vontade expressa pelos trabalhadores serão isolados e derrotados.

Camaradas,

A discussão dos problemas do Congresso dos Sindicatos deverá ser aliada à dos problemas concretos que afectam os trabalhadores. O patronato, animado pela política de direita do governo socialista, política antioperária e de cedências crescentes às exigências dos capitalistas mostra-se cada vez mais arrogante. A contratação colectiva encontra-se praticamente congelada há muitos meses, afectando cerca de um milhão e quatrocentos mil trabalhadores. A recente lei dos despedimentos elaborada pelo governo para satisfazer reivindicações do patronato, caso viesse a ser posta em prática, significaria um sério atentado às conquistas dos trabalhadores. O governo não poderá manter-se surdo às justas reclamações dos trabalhadores, os quais em plenários de Empresa, Assembleias Gerais de Sindicatos, Encontros de Comissões de Trabalhadores, etc., manifestaram, já, de forma inequívoca, o seu repúdio pela política antioperária do governo.

No passado dia 6, cerca de 5000 trabalhadores, delegados sindicais, dirigentes sindicais e membros de Comissões de Trabalhadores, representando centenas de Empresas de todo o País, afirmaram a sua determinação de fazer frente à política antioperária e defender as conquistas da revolução.

A luta contra o congelamento da contratação é um objectivo capaz de mobilizar muitos trabalhadores. A luta contra a lei dos despedimentos, denunciada com vigor, inclusive por muitos trabalhadores socialistas, permitirá igualmente estabelecer uma ampla unidade de acção.

Camaradas,

A unidade é necessária, a unidade é possível. A combatividade e o espírito de classe dos trabalhadores, o poderoso movimento sindical de massas que os trabalhadores souberam erguer em duras lutas serão capazes de vencer a ofensiva do patronato, das forças reaccionárias e reformistas, de prosseguir a consolidação de Portugal democrático rumo ao socialismo.

Ontem como hoje e sempre, os comunistas estão na primeira linha do combate em defesa dos interesses e da unidade e do movimento sindical e dos trabalhadores.

VIVA A UNIDADE DOS TRABALHADORES PORTUGUESES!

VIVA O SEU PODEROSO MOVIMENTO SINDICAL UNITÁRIO!

VIVA O VIII CONGRESSO DO PCP!

Pires Jorge

A ACTIVIDADE NA REGIÃO DAS BEIRAS

Queridos camaradas:

Nos 5 distritos da DORB, realizaram-se 102 plenários e reuniões alargadas em que participaram milhares de camaradas para elegerem os seus delegados ao Congresso e para discutirem as Teses que mereceram a aprovação geral.

Tal como num *écran*, elas projectam os aspectos essenciais da vida política e revolucionária do nosso País, desde 1965 até à data. Uma boa parte dos grandes objectivos da Revolução Democrática e Nacional foram alcançados. E é preciso não esquecer que tudo se realizou **sem a existência de um poder político revolucionário efectivo**, o que explica certas particularidades entre as quais os fluxos e refluxos do nosso processo. Reportando-nos apenas ao PS, verifica-se que a sua direcção continua obstinadamente numa posição hegemónica, mantém estreitas ligações com os imperialistas, favorece a recuperação capitalista e dá novos alentos às forças reaccionárias. Não respeita a vontade do Povo, que é a maioria de esquerda, nem a própria Constituição. Se a interpretasse de maneira correcta e respeitasse a vontade do Povo, os acontecimentos teriam curso diferente. Há milhares de membros do próprio PS a afirmá-lo. A prova está no facto de numerosos socialistas (embora contra a vontade expressa de certos dirigentes locais do PS), terem participado em muitas listas unitárias na vasta região da DORB, o que favorece e valoriza a Unidade Popular de apoio à Frente Eleitoral Povo Unido que apresentou listas em todos os concelhos dos 5 distritos. Há em toda a DORB zonas industriais de certa importância, onde a classe operária tem participado em numerosas acções reivindicativas de massa. Há várias empresas em autogestão e existe um apreciável movimento sindical unitário em franco desenvolvimento, que se estende já aos assalariados agrícolas. Na velha Universidade de Coimbra há mais de 12 mil estudantes, a maioria dos quais interessados na defesa de uma política progressiva do ensino. A juventude e o corpo docente progressivo estão contra as arbitrariedades de Sottomaior Cardia, que destituí compulsivamente o reitor e o vice-reitor, drs. Teixeira Ribeiro e Joaquim Gomes Canotilho. Mas o extracto social mais importante nas regiões das Beiras são os pequenos e médios agricultores que ainda não foram ganhos para a Revolução. São grandes zonas rurais onde o cacique domina económica e politicamente, onde se pratica o anticomunismo mais sórdido e primitivo, onde se impede o exercício das liberdades democráticas, onde ainda se mantém o poder fascista e reaccionário. Durante a época dos incêndios e outras práticas abertas de terrorismo, foi particularmente sentida a falta do saneamento dos fascistas e reaccionários nos aparelhos do Estado e a não garantia do exercício das liberdades fundamentais pelas autoridades civis e militares. É preciso não esquecer que o coito dos ELPs está ali com os seus comandos, armas e forças. Albergam-se ali os terroristas e mercenários às ordens da contra-revolução, prontos à prática do crime. Torna-se, portanto, necessário liquidar as organizações terroristas, não esquecendo que essa liquidação passa obrigatoriamente pelas Beiras. No ano passado vários Centros de Trabalho do nosso Partido foram destruídos e incendiados. Mas a maior parte foram já reconstruídos e outros abertos de novo. Merece particular destaque o CT de Viseu reaberto há meses e com uma actividade notável. Saudamos fraternalmente os camaradas que realizaram esta tarefa que exige coragem e elevada compreensão política e ideológica. Uma das principais tarefas no sector é ganhar os lavradores pobres para a Revolução. Dedicaremos cada vez mais atenção ao desenvolvimento das UCPs na zona sul de Castelo Branco e às cooperativas de comercialização e de produção em toda a zona da DORB. As várias cooperativas de produção são alvo dos ataques da reacção. Mas são olhadas com simpatia e interesse pelos agricultores. Importante e valiosa foi a solidariedade prestada pelas UCPs da Zona da Reforma Agrária (Aviz e Couço), enviando 6 ceifeiras debulhadoras para ajudar os pequenos e médios agricultores na safra do arroz no Baixo Mondego.

Estabeleceu-se um clima de amizade e confiança, que vai produzir os seus frutos no terreno político, social e humano. As Teses salientam que a Revolução não satisfez **ainda** as aspirações da pequena e média lavoura. Tudo faremos para esclarecer e mobilizar os agricultores, consolidar a aliança com a classe operária, reforçar o seu apoio, de modo que cada vez mais eles sejam os verdadeiros conquistadores das suas justas aspirações. Hoje são particularmente sentidas a falta de cumprimento das medidas de apoio em inúmeras empresas sob o controlo operário e de bastantes cooperativas salvas pela acção dos trabalhadores à sabotagem do patronato. Do mesmo modo a aplicação da legislação no que respeita à Reforma Agrária no Norte altera a situação económica das vastas camadas de agricultores e contribuirá para a adesão de vastas camadas de camponeses ao processo revolucionário, diminuindo assim os factores de intranquilidade e dúvida nessas mesmas camadas.

Camaradas:

Nesta zona também o nosso Partido teve um crescimento rápido e em pirâmide depois do vinte e cinco de Abril o que foi muito bom, mas criou sérias dificuldades de quadros e estruturação orgânica. Estamos a superá-las com a ajuda de todo o Partido. A recente formação de listas para as autarquias abriu novas perspectivas às organizações e constituiu uma notável ajuda contra o sectarismo. A organização alargar-se, consolida-se e aumenta a confiança. O nosso Congresso, queridos camaradas, pela justeza das suas Teses vai ter um papel decisivo no crescimento e consolidação orgânica do Partido. O nosso Congresso, queridos camaradas, é desde já uma poderosa contribuição ao desenvolvimento do processo revolucionário e à consolidação da democracia rumo ao Socialismo!

VIVA A UNIDADE DA CLASSE OPERÁRIA, E DAS FORÇAS POPULARES NA LUTA PELA DEFESA DAS LIBERDADES, PELA CONSOLIDAÇÃO DA DEMOCRACIA E RUMO AO SOCIALISMO!

VIVA A ALIANÇA DA CLASSE OPERÁRIA COM O CAMPESINATO!

VIVA O VIII CONGRESSO DO PCP!

VIVA O PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS!

Carlos Brito

RELATÓRIO DA COMISSÃO DE REDACÇÃO

Camaradas:

Tendes em vosso poder desde o dia 12 de manhã, terceira sessão do nosso Congresso, o **Projecto de Resolução Política** elaborado pela Comissão de Redacção.

A base do projecto são, naturalmente, as Teses aprovadas pelo Comité Central na sua reunião de 2 de Outubro e postas a partir de 10 de Outubro à discussão em todas as organizações do Partido.

O **Projecto de Resolução,** mantendo no essencial a estrutura das **Teses** e as suas grandes linhas de apreciação é, como já tivestes oportunidade de observar, um documento substancialmente enriquecido. O mesmo acontece com o documento intitulado **Medidas para a Defesa e Consolidação da Democracia.**

São duas fundamentalmente as origens das alterações: as propostas de emenda vindas das organizações ou subscritas por militantes individualmente, como resultado do debate; e o **Relatório** do camarada Álvaro Cunhal, aprovado pelo Comité Central, naqueles aspectos em que inova, amplia ou aprofunda a análise e as conclusões contidas nas **Teses.**

O **Projecto de Resolução,** posto em confronto com o texto das **Teses,** testemunha a profundidade e a intensidade do trabalho preparatório do nosso VIII Congresso, em que participaram activamente mais de 40 mil membros do Partido em mais de 2300 assembleias e reuniões especiais, segundo os últimos relatórios. Testemunha a imensa reflexão colectiva e democrática dos comunistas portugueses sobre o passado e o futuro da Revolução na busca das soluções e dos caminhos que melhor sirvam os trabalhadores, o povo, a pátria portuguesa, o reforço das liberdades e do regime democrático, a consolidação das conquistas revolucionárias que alteraram profundamente as estruturas da nossa sociedade, abrindo caminho à transição para o socialismo em conformidade com a Constituição da República.

Camaradas:

A Comissão de Redacção recebeu, examinou atentamente e discutiu, segundo um balanço que ainda não é definitivo, três mil cento e quarenta e nove propostas de emenda, no texto das **Teses** e considerou que 1366 dessas propostas, isto é, cerca de 43,4%, deviam dar origem a alterações que aparecem agora inseridas no **Projecto de Resolução.**

Não foi possível à Comissão de Redacção examinar cerca de 400 propostas chegadas na véspera da abertura dos trabalhos do Congresso e quando se procedia já à elaboração do **Projecto de Resolução.** Nestas circunstâncias, e porque foram apenas ligeiramente apreciadas, não as englobámos no número total que atrás referimos.

Quanto ao documento anexo às **Teses** com o título *Medidas para a Defesa e Consolidação da Democracia e da Independência Nacional*, hoje de manhã distribuído numa versão sensivelmente alterada, podemos dizer-vos que chegaram à Comissão de Redacção cerca de 900 propostas de emendas.

Quer dizer que, para o conjunto dos dois documentos e incluindo as propostas chegadas à última hora os registos da Comissão de Redacção acusam a entrada de praticamente 4500 propostas.

Camaradas:

Estamos ainda em condições de vos apresentar a distribuição por capítulos das propostas de emenda às **Teses** referindo o tratamento que lhe foi dado pela Comissão de Redacção. Trata-se de uma informação que para além do seu significado político ajudará a compreender outras observações que faremos adiante.

Assim:

Capítulos	Propostas de emenda	Alterações produzidas	%
Introdução	63	22	35%
1. A crise do regime fascista	435	140	32,2%
2. O derrubamento da ditadura e as conquistas da revolução	309	116	37,6%
3. O desenvolvimento do processo revolucionário	447	202	45,2%
4. O regime democrático e os perigos actuais	387	290	75%
5. As medidas que se impõem	400	220	55%
6. O movimento popular	427	146	34,2%
7. O Partido	681	220	32,3%
TOTAL	3149	1366	13,4%

Os números referidos impõem como conclusão fundamental o grande empenhamento e o alto nível de participação das organizações e militantes comunistas na definição da linha política do Partido.

Esta conclusão toma mais força ainda quando observamos que grande parte das propostas vêm de organismos colectivos: células, secretariados de célula, colectivos de hospitais, por exemplo, grandes plenários, assembleias concelhias. Um conjunto de propostas vem de uma organização concelhia com cerca de 4500 militantes e foi aprovado em assembleia de concelho. Mas devemos acentuar que as conclusões colectivas não submergiram o ponto de vista pessoal que chegou até à Comissão de Redacção em numerosas propostas subscritas por militantes individualmente.

Consideramos ainda de grande importância a observação da distribuição das propostas por subcapítulos. Deixando de lado o capítulo primeiro, que se refere ao período anterior ao derrubamento do fascismo, temos o seguinte quadro:

No capítulo segundo, os subcapítulos sobre que incidiu o maior número de propostas são: *A Conquista das Liberdades Democráticas*, com 85 propostas; *A Reforma Agrária*, com 47 propostas *As Forças Revolucionárias e o Poder*, com 45 propostas.

No capítulo terceiro os subcapítulos sobre que incidiu o maior número de propostas são *A Crise Político-Militar*, com 160; *As Duas Componentes e a Aliança Povo-MFA*, com 97 propostas; *O Esquerdismo Aliado da Direita*, com 90 propostas.

No capítulo quarto *Os Perigos para a Democracia*, com 165 propostas; *O Governo PS*, com 95 propostas; *As Eleições*, com 59 propostas.

No capítulo quinto, *Uma Política ao Serviço do Povo e do País*, com 162 propostas; *Recuperação Capitalista ou Perspectiva do Socialismo*, com 89 propostas; *Os Problemas Cruciais do Momento Presente* com 68 propostas.

No capítulo sexto *Luta da Juventude*, com 67 propostas; *Movimento Sindical* com 59 propostas; *As Alianças Sociais e as Bases de Apoio da Revolução*, com 45 propostas.

No sétimo capítulo *Trabalho de Direcção*, com 154 propostas; *Trabalho de Informação e Propaganda*, com 130 propostas; *Trabalho de Organização*, com 113 propostas.

Em síntese, camaradas, no conjunto do documento, os três subcapítulos que mereceram em maior grau as atenções do Partido são: *Os Perigos para a Democracia*, com 165 propostas; *Uma Política ao Serviço do Povo e do País*, com 162 propostas e *A Crise Político-Militar* com 160 propostas.

Estes dados são elucidativos sobre a qualidade do debate efectuado. Na verdade, o Partido debruçou-se profundamente sobre as grandes questões que nos ocupam no nosso VIII Congresso: o balanço do passado e os seus ensinamentos, os perigos presentes e a perspectiva.

Esta conclusão não pode deixar de nos inspirar a maior confiança em relação aos documentos que vamos aprovar. Nos pontos capitais elas traduzem o apuramento de uma aturada discussão em todo o Partido.

O conjunto das propostas analisadas e dos relatórios e considerações gerais que as acompanham põe em grande relevo a democracia interna e a liberdade de crítica do nosso Partido. Resulta do seu exame que está profundamente arreigado em todos os militantes a consciência do direito e da necessidade de intervirem e participarem com a sua opinião na elaboração da linha do Partido e na definição da sua orientação em todas as questões. Mas este traço, camaradas, opera num quadro de grande unidade e de sólida coesão. As **Teses** foram aprovadas na generalidade em todo o Partido.

Nos milhares de propostas examinadas apenas duas se afastam sensivelmente (sem no entanto se lhe oporem) da linha política subjacente às **Teses** e da orientação geral seguida pelo Partido nestes últimos dois anos e meio. Muitas traduzem diversidade de pontos de vista em questões parcelares e concretas, e críticas à acção prática desenvolvida neste ou naquele sector, nesta ou naquela frente de trabalho. A grande massa de propostas é, no entanto, orientada no sentido de enriquecer o texto com novas teses, com aspectos que não estavam considerados, com outros ângulos de abordagem das questões.

Elas traduzem um grande, um imenso esforço do Partido para alcançar a maior profundidade na análise e o maior acerto nas direcções do trabalho a definir pelo Congresso. Este esforço fora já antes patenteado quando se colocou a tarefa de reunir os dados, as informações e as experiências que serviram de base à elaboração das **Teses** e do Relatório do Camarada Álvaro Cunhal.

A democracia interna e a sólida coesão, a liberdade de crítica e a unidade de pensamento são traços que se manifestaram exuberantemente nos trablhos preparatórios do Congresso, mas que não surgiram com eles. Representam uma afirmação do estímulo em que o Partido se está formando e onde são características salientes a vida política intensa e corrente debate de ideias. Mas o Congresso e a sua preparação constituem já, e vão constituir para diante, um marco de grande importância no desenvolvimento e generalizacão destas características.

Todos os delegados têm em seu poder as **Teses** que serviram para a discussão preparatória, assim como o **Projecto de Resolução Política** resultante das emendas introduzidas em consequência desse debate. Estão pois em condições de apreciarem todas as alterações, cortes e aditamentos. Mas cremos que será de interesse chamar a vossa atenção, ainda que brevemente, para algumas das mais importantes modificações.

1.º) No capítulo 4.º do **Projecto de Resolução Política** que tem o título *O Regime Democrático e os Perigos Actuais*, foi introduzido todo um novo subcapítulo *Autonomia e Integridade Territorial*, relativo aos Açores e Madeira. Em substância correspondente à alínea 6, do capítulo IV do **Relatório** do camarada Álvaro Cunhal **A Revolução Portuguesa: o Passado e o Futuro,** aprovado pelo Comité Central, e responde às observações recebidas como fruto do debate das **Teses.** Trata-se, sem dúvida, de uma questão de inegável saliência para os trabalhadores das Ilhas Adjacentes, para todo o Povo português e a nossa Revolução.

2.º) Na página 27, 1.ª coluna e começo da 2.ª coluna, do **Projecto de Resolução Política,** cap. 5. *As Medidas que se Impõem*, aparece uma importante passagem relativa à caracterização das formações económicas actualmente existentes, como fruto das transformações revolucionárias que alteraram profundamente as estruturas económicas e sociais do nosso País. Podemos dizer que se trata duma *conclusão nova*, que se não encontrava explicitada anteriormente nas **Teses.** Trata-se dum resultado conclusivo do estudo científico da nossa realidade que vinha sendo realizado e prosseguirá, o qual corresponde à alínea 1 do cap. VI, *A Política Necessária*, do **Relatório** do camarada Álvaro Cunhal, aprovado pelo Comité Central. Em todo o debate realizado com base nas **Teses,** numerosos camaradas apontaram com razão, e a partir de variados aspectos, neste sentido. Com razão, porque se trata de facto de *uma das questões centrais mais profundas* da análise da situação actual, em que se fundamenta a linha política que o nosso VIII Congresso aprecia e vai decidir, conforme claramente resulta da intervenção do camarada Álvaro Cunhal, na abertura do debate do nosso Congresso.

3.º) O ponto 4.3.4 das **Teses** foi substancialmente desenvolvido e transferido para o final do cap. V, *Medidas que se Impõem* do **Projecto de Resolução Política,** página 31, com o título *Alternativa Democrática*, respondendo assim a várias observações recebidas e correspondendo à alínea 8 do cap. VI do **Relatório** aprovado pelo Comité Central.

4.º) Na página 10 do **Projecto de Resolução Política,** cap. 2, *Derrubamento da Ditadura e as Conquistas da Revolução*, foram introduzidos dois parágrafos relativos à *desfascização do ensino e da cultura*, no quadro do subcapítulo *A Conquista das Liberdades Democráticas*. Responde-se assim às justas observações de numerosos camaradas e organizações.

5.º) O ponto 3.3.5 das **Teses** na sua nota *autocrítica* foi dos que suscitou grande interesse na discussão anterior ao Congresso. Em consequência, e como justa conclusão a retirar do debate, no **Projecto de Resolução Política,** página 18, 1.ª coluna, cap. III, subcapítulo que tem o título *A Crise Político-Militar*, foram introduzidos dois novos parágrafos, referentes a questões como a FUR, que são aliás tratadas no **Relatório** aprovado pelo Comité Central.

Outras alterações importantes certamente existem e foram verificadas por vós, mas não queríamos deixar de chamar a vossa atenção para as que acabamos de referir.

De acordo com os dados que referimos de início, houve, naturalmente, um grande número de propostas de emenda ou aditamento que a Comissão de Redacção julgou não poderem ser favoravelmente acolhidas no **Projecto de Resolução Política** e no documento **Medidas para Defesa e Consolidação da Democracia e da Independência Nacional.**

Esse conjunto de propostas pode ser discriminado da seguinte forma: **Em primeiro lugar:**

Propostas que sendo absolutamente concordantes com as linhas de orientação fundamentais das **Teses,** se referem, no essencial, a matérias justamente abordadas e desenvolvidas no **Relatório** do Camarada Álvaro Cunhal aprovado pelo Comité Central. A sua inclusão na **Resolução Política** afectaria a natureza, estrutura, dimensão e objectivos próprios deste documento.

Em segundo lugar:

Propostas que, reflectindo uma enorme experiência revolucionária de ligação às massas, sugeriam uma minuciosa e excessiva particularização, no plano local ou sectorial, das tarefas do Partido e do movimento operário e popular nas suas diversas expressões.

A aceitação de tais propostas introduziria grandes desequilíbrios no nível de tratamento dos problemas das diversas zonas e sectores e submergiriam o relevo, a clareza e impacto com que, na medida do possível, as Teses fundamentais do Partido deveriam estar consagradas na **Resolução Política** do nosso Congresso.

Entretanto, é necessário sublinhar que este conjunto de propostas, longe de representar esforço perdido dos militantes e organizações do Partido, representa pelo contrário um material de enorme riqueza, interesse e importância e um assinalável contributo para a actividade futura do nosso Partido, pelo que serão objecto de oportuna e atenta ponderação.

Em terceiro lugar:

Propostas, em número muito elevado, que, visando alterações de natureza essencialmente formal, não puderam ser consideradas porque se traduziriam em notórias alterações ao estilo dos documentos em discussão, prejudicando a harmonização formal que, embora com deficiências, se procurou assegurar.

Em quarto lugar:

Propostas, em número aliás pouco expressivo, que debruçando-se sobre factos muito pontuais e acontecimentos e situações localizadas, formulavam sugestões de alteração julgadas incompatíveis com a orientação geral ou concreta expressa nas **Teses** e que se continua a julgar corresponderem melhor à realidade e a uma correcta posição do Partido.

Finalmente:

Propostas e sugestões que, exprimindo dúvidas ou reflectindo falta de informação se encontrarão hoje certamente respondidas quer com a publicação do **Relatório** do camarada Álvaro Cunhal, aprovado pelo CC, quer com as alterações introduzidas e hoje constantes do **Projecto de Resolução Política** e do documento **Medidas para a Defesa e Consolidação da Democracia e da Independência Nacional.**

O tratamento, ponderação e análise de mais de 4000 propostas de emenda no curto espaço de 5 dias foi um trabalho exaustivo, até pela preocupação de incluir o maior número de propostas nos Projectos da **Resolução Política** e das **Medidas para Defesa e Consolidação da Democracia e da Independência Nacional** que vos foram apresentados.

Embora procurando trabalhar com o maior escrúpulo, a Comissão de Redacção tem a consciência de que pode ter havido lapsos na consideração de sugestões e emendas, dado o grande volume destas e a rapidez com que tivemos que trabalhar.

A grande riqueza e diversidade das propostas e até de alguns estudos colectivos que aprofundam problemas abordados nas **Teses** levam-nos a considerar que a nossa tarefa não fica terminada com a aprovação destes documentos e que, juntamente com as propostas chegadas tarde e que já não puderam ser consideradas, todo esse material deverá ser analisado posteriormente, como uma valiosa contribuição de todo o Partido que enriquecerá o nosso conhecimento dos problemas e o nosso trabalho.

Camaradas:

O nosso Congresso e a actividade preparatória revelam-nos um Partido que adquiriu uma enorme experiência na prática de dois anos e meio de Revolução. É seguro que não conseguimos ainda apreendê-la completamente e generalizá-la mesmo em questões e frentes importantes. É uma tarefa que temos por diante. Mas chegamos a conclusões rigorosas pela análise científica da realidade e o mais amplo debate colectivo. Temos uma linha política que rasga claras perspectivas, não apenas para os comunistas mas para todos aqueles que estejam dispostos a juntar-se-lhes nas grandes tarefas de consolidação das liberdades, da democracia, das conquistas revolucionárias, iniciadas com a Revolução de Abril e no caminho para o Socialismo.

"Aos comunistas caberá, uma vez aprovados os documentos do Congresso, concentrar todos os esforços e energias para os levar à prática».

Horácio Rufino

SOBRE A JUVENTUDE COMUNISTA

Camaradas e amigos,

A realização do VIII Congresso do nosso Partido tem, igualmente para os jovens comunistas, um grande significado. É mais um importante contributo de todos os comunistas à luta do nosso povo e da juventude, pela democracia e pelo socialismo.

Participámos activamente na discussão das teses. Centenas de reuniões contribuiram com dezenas de propostas de alteração; em muitas delas foram eleitos os jovens convidados. Os delgados são portadores do espírito de confiança no Partido que lhes foi transmitido pelas assembleias que os elegeram.

As teses do CC e o relatório do camarada Álvaro, que aprovámos sem reservas na generalidade, são contributos históricos à análise da luta do nosso Povo, constituem documentos da maior importância para o movimento juvenil e para a luta dos jovens comunistas.

Esses documentos são também fruto da experiência acumulada por gerações de revolucionários, de que os delegados ao nosso Congresso são herdeiros e continuadores. Daqui, com profunda emoção e sentimentos revolucionários, saúdo os camaradas delegados e, por seu intermédio, todos os militantes e simpatizantes do nosso querido Partido, na certeza de que rasgarão o caminho radioso que nos conduzirá à sociedade liberta para sempre da exploração do homem pelo homem.

A juventude sempre recusou estar ao lado daqueles que tudo fizeram para aniquilar a sua capacidade criadora, o seu espírito crítico, o seu dinamismo e alegria de viver, a sua aspiração de construir um futuro melhor. O 25 de Abril mostrou bem de que lado estava a juventude. Eram jovens, muitos dos que desceram à rua a vitoriar a acção patriótica dos militares. Eram jovens, filhos do povo fardados, os soldados, marinheiros e oficiais que, em 25 de Abril, derrubaram o governo fascista.

A 9 de Março de 1975 foi formada a UJC. A sua actividade durante este ano e meio de existência apontou sempre para a ligação às massas, para a mobilização da juventude em torno da defesa e consolidação das grandes conquistas da Revolução.

Impulsionadas pelos jovens comunistas, têm sido constituídas dezenas de comissões unitárias de jovens em sindicatos e empresas. Existem cerca de meia centena de comissões de juventude, no mesmo número de sindicatos. Muitas delas desenvolvem importantes acções de massas, com a participação de milhares de jovens.

A defesa das reivindicações da juventude na elaboração, discussão e aplicação dos CCT, a realização de Encontros Profissionais (Comércio, Hotelaria, Farmacêuticos, Jovens Rurais, etc.), a resolução dos problemas concretos dentro das empresas, a promoção de iniciativas desportivas e culturais são exemplos da sua variada actividade. Os trabalhos preparatórios do Encontro Regional de Jovens Trabalhadores de Lisboa e Setúbal, que terá lugar a 28 deste mês, movimentou cerca de 25 comissões de juventude. A realização de assembleias de jovens em dezenas de empresas, onde se elegem os delegados e se discutem os documentos-guia, são bom exemplo de uma justa direcção de esforços do trabalho juvenil nos sindicatos. Prevê-se que até à realização do Encontro se efectuem ainda assembleias em mais de 100 empresas, dezenas de plenários de zona na cintura industrial de Lisboa.

Os trabalhadores-estudantes lutam pelo funcionamento das escolas, para novos programas e métodos pedagógicos, pela resolução dos problemas (cantinas, horários, bares, bibliotecas, etc.), organizando-se em associações, comissões diversas e participando na gestão. Muitas escolas nocturnas não teriam iniciado o novo ano lectivo se não fosse a actividade de muitos jovens que, no período de férias escolares, depois da jornada de trabalho na empresa, organizaram a abertura do novo ano escolar. Mas estes e outros exemplos de contributo decisivo dado pelos trabalhadores-estudantes ao ensino são ignorados pelo senhor ministro Cardia, que do alto do seu gabinete ordena o afastamento dos trabalhadores-estudantes da gestão e faz tábua rasa sobre as suas conquistas, em nome do «pluralismo» e das ideias de regresso ao 24 de Abril.

Absorveram grande parte das energias da nossa organização centenas e centenas de pequenas e médias iniciativas, como festas, cinemas, cantos-livres, bailes, excursões, torneios desportivos realizados por iniciativa da UJC ou das comissões de juventude, das comissões de moradores e colectividades. Estas iniciativas mobilizaram milhares e milhares de jovens. Nesta frente de trabalho, é de destacar a realização de mais de 20 festivais de canto-livre (nas Beiras, Norte, Lisboa, Setúbal e Alentejo), com a participação de mais de 30 000 jovens. Os oito Festivais da Primavera, realizados em conjunto com a UEC, no Dia da Juventude – dia 28 de Março – tiveram a presença de mais de 100 000 pessoas. De salientar que foram antecedidos pela realização de mais de cem iniciativas locais de preparação, num período de mês e meio.

As jornadas de trabalho voluntário, na construção de parques infantis, campos desportivos, limpezas de escolas, e particularmente nas terras da Reforma Agrária são exemplos vivos da energia, combatividade e generosidade de que a juventude é capaz quando se trata de agarrar com as suas próprias mãos a construção do seu futuro de alegria e felicidade: o socialismo.

A acção desenvolvida nas campanhas eleitorais, para a Assembleia e Presidência da República saldou-se em mais de 450 iniciativas juvenis e foram um contributo positivo ao trabalho do nosso Partido.

À actividade da UJC, diversificada e ligada às massas, se devem no fundamental, os progressos no campo da organização.

Pensamos, camaradas, que na frente da luta pelos interesses de classe da juventude trabalhadora, o nosso trabalho é deficiente. Apesar dos progressos registados, a participação da juventude na vida sindical é ainda muito pequena, tal como o número de comissões de juventude nas empresas. É necessário intensificar a mobilização da juventude trabalhadora na luta contra o agravamento das condições de vida, contra a lei dos despedimentos e o desemprego, pelo salário mínimo aos 18 anos, pela redução de 2 horas de trabalho para os trabalhadores-estudantes, denunciando as medidas políticas antioperárias e antijuvenis do Governo socialista.

É necessário dar mais atenção ao trabalho unitário nas colectividades e associações juvenis. É necessário mobilizar a juventude para o apoio ao Partido nas eleições para as autarquias, na criação de amplas comissões juvenis unitárias de apoio à Frente Eleitoral Povo Unido.

Por ocasião do seu primeiro aniversário a 9/3/76, a UJC contava com cerca de 12 000 membros. Três meses depois, atingia quase 15 000, soma já ultrapassada neste momento.

De acordo com o balanço de Maio/76 cerca de 53% dos membros da UJC são jovens operários industriais; 10% operários agrícolas; 25% empregados e 12% com profissões diversas ou desempregados. É de referir que 70% dos membros têm menos de 21 anos e que, em cada 100, só 5 ultrapassam a idade dos 25 anos. Mais de 600 organismos e células e mais de 4500 jovens reuniam regularmente todas as semanas.

Há contudo importantes deficiências que o balanço acusava. Uma delas é a fraca percentagem de raparigas nas nossas fileiras (apenas 17%). Outras dizem respeito ao elevado número de inscritos não organizados, ao reduzido número de cartões passados (cerca de 10 000) à baixa percentagem de inscritos que pagam regularmente quotas – 35%. Era igualmente pequeno o número de células de empresa que funcionava em comparação ao número de células locais.

Com todas as deficiências e dificuldades, a UJC é já uma organização à escala nacional, com uma razoável influência entre os jovens trabalhadores e dispondo de um bom número de quadros formados na actividade juvenil.

O número de inscritos está ainda aquém das possibilidades e necessidades da nossa luta. Mas estamos confiantes que se a actividade de massas continuar a ser desenvolvida, se reforçarmos a ligação às fábricas, às unidades colectivas de produção e às cooperativas se combatermos o sectarismo, se intensificarmos os esforços no sentido de recrutar mais e mais jovens poderemos aumentar o número de inscritos, poderemos fazer da UJC aquela organização de massas que as tarefas da nossa Revolução exigem.

A UJC e a UEC não têm poupado esforços no sentido de se unirem na acção com as organizações democráticas e progressistas e, particularmente, com a Juventude Socialista.

Hoje, como ontem, os jovens comunistas reafirmam a sua disposição de discutir, conversar e encontrar formas de acção comuns com todos os que estão interessados em defender as grandes conquistas da nossa Revolução. Para isso não têm poupado os seus esforços.

Camaradas:

Apesar das deficiências e dificuldades, é com alegria que afirmamos que as organizações da juventude comunista (UJC, UEC) são, de longe, sem qualquer dúvida, a maior e mais influente força organizada da juventude no nosso País, contando nas suas fileiras com cerca de 25 000 jovens.

É necessário que sem prejuízo da autonomia e actividade próprias de cada uma, se continue a reforçar a cooperação e se vão tomando as necessárias medidas orgânicas.

Há que definir em comum uma política face às medidas antijuvenis do Governo, face às reivindicações da juventude no plano desportivo, cultural, na ocupação dos tempos livres, no combate à droga, à prostituição e à delinquência juvenil.

Há que encontrar em comum soluções para novas formas e métodos de recrutamento, de propaganda, de imprensa e do trabalho ideológico.

Há que ganhar a juventude portuguesa para a nova atitude perante o trabalho e o estudo, despertá-la para a realidade das grandes transformações democráticas, nos campos da Reforma Agrária, nas empresas nacionalizadas ou sob o controlo dos trabalhadores, há que mobilizá-la entusiasticamente para a defesa da Revolução.

A ajuda de muitas organizações do Partido ao trabalho da UJC e UEC tem dado resultados frutuosos e é um exemplo a multiplicar.

É importante que sem pôr em causa a autonomia das organizações juvenis, o Partido se informe e discuta o trabalho da juventude, nomeadamente nas regiões onde a UJC e a UEC não possuam organização. É necessário encontrar formas de participação de jovens da UJC e da UEC nos diversos organismos do Partido.

A experiência e a vida mostram que a juventude tem um papel decisivo na Revolução. Quem tiver ao seu lado a juventude pode confiar que as conquistas revolucionárias do presente serão defendidas no futuro.

Antes de terminar, quero transmitir a todos os delegados e convidados, a todo o Partido, que as organizações juvenis continuarão com confiança e entusiasmo a educar os jovens trabalhadores e estudantes no espírito de amor ao Partido e à causa do socialismo e do comunismo. Que levarão às fábricas, aos campos e às escolas, a todos os locais de concentração de juventude as conclusões deste Congresso. Os jovens comunistas continuarão a erguer bem alto a gloriosa bandeira vermelha do PCP.

VIVA O VIII CONGRESSO!

VIVA A UNIÃO DOS ESTUDANTES COMUNISTAS!

VIVA A UNIÃO DA JUVENTUDE COMUNISTA!

VIVA O NOSSO GLORIOSO PARTIDO – O PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS!

REPRESENTANTES DOS PARTIDOS IRMÃOS FALAM AO «AVANTE!» SOBRE O CONGRESSO

Já assistimos a muitos Congressos de Partidos irmãos. E podemos dizer que este é o Congresso mais entusiástico em que alguma vez participámos — esta opinião, assim expressa pela delegação do Partido Comunista da África do Sul, foi repetida por todas as outras delegações de Partidos irmãos e outras forças prgressistas entrevistadas pelo nosso jornal. Todos foram unânimes, em que uma das mais fortes sensações que levavam do nosso Congresso, era a força, o vigor, o entusiasmo, o espírito revolucionário que impregnava a sua própria atmosfera.

A coesão de todo o Partido, o espírito de militância, a unidade em torno do CC, pela compreensão da justa linha política e pela evidente vontade de a concretizar na defesa das conquistas revolucionárias e no prosseguimento do caminho rumo ao socialismo — foram características do nosso trabalho, como partido, também unanimemente destacadas. A delegação do MPLA salientou mesmo essa unidade e coesão, o espírito de organização demonstrados — características fundamentais num partido operário — como uma preciosa lição que puderam recolher ao vivo no decurso dos trabalhos do nosso Congresso.

Impressionou-nos particularmente a profunda análise marxista-leninista contida no informe do camarada Álvaro Cunhal, a maturidade política com que o vosso Partido analisou os problemas e as tarefas mais actuais da vossa Revolução com vista ao seu posterior desenvolvimento à construção de uma sociedade verdadeiramente democrática. O entusiasmo, a plena unidade demonstrada, são garantia da capacidade do PCP para mobilizar as massas no cumprimento das tarefas principais, postas pelo Congresso — salientou a delegação do Partido irmão da Bulgária.

A justeza da linha política do PCP, a fidelidade ao marxismo-leninismo e a intransigência na defesa dos seus princípios, foram aspectos múltiplas vezes destacados. O prestígio internacional do nosso Partido, pela sua posição de inegável vanguarda na luta do Povo português, ontem sob o fascismo, como hoje na complexa luta pela vitória definitiva da revolução e seu desenvolvimento, pela inequívoca fidelidade ao marxismo-leninismo — foram realçados por muitas delegações de Partidos irmãos. **Os comunistas portugueses podem estar justamente orgulhosos com o enorme prestígio internacional do seu Partido que teve uma expressão clara no facto de assistirem ao Congresso mais de 60 delegações de partidos comunistas e outros partidos revolucionários e democráticos** — afirmou-nos um membro da delegação do Partido Comunista da Bulgária. **Este facto confirma a alta apreciação dos Partidos irmãos à atitude do PCP no cumprimento das suas tarefas nacionais e internacionais, a sua fidelidade ao marxismo-leninismo e ao internacionalismo proletário.**

Confiança — confiança no PCP, na sua capacidade para encabeçar as massas trabalhadoras portuguesas na defesa das conquistas revolucionárias, na luta pelo avanço do processo revolucionário português, pela conquista da unidade necessária entre todas as forças democráticas e progressistas para a concretização destes objectivos — foi a palavra escolhida pela delegação do Partido Comunista da Jordânia, para expressar a sua convicção de que a justeza da nossa linha política, a responsabilidade na defesa dos interesses de classe e dos interesses nacionais, será um factor determinante para a vitória da revolução.

Esta confiança foi aliás tónica nas declarações ao «Avante!» de todos os Partidos irmãos e amigos contactados. Por sua vez, o Partido Comunista da Coreia, que teve a oportunidade de assistir ao debate das Teses ao Congresso em algumas células do Partido, salientou **a amplitude e o carácter profundamento democrático da discussão**, o entusiasmo, a firme decisão de defender a democracia em Portugal, de todos os militantes do PCP.

Lado a lado com o espírito revolucionário, a força, o entusiasmo, que constituem a própria atmosfera do Congresso, foi salientado por todas as delegações de Partidos irmãos e amigos, o dominante espírito de internacionalismo proletário, particularmente sentido pelos camaradas estrangeiros presentes nos trabalhos do Congresso. Foram naturalmente as delegações dos países que se batem contra ditaduras fascistas as que mais profundamente sentiram esse espírito internacionalista e de solidariedade: **À nossa delegação impressionou particularmente a cálida homenagem prestada pelo Congresso aos combatentes antifascistas da América Latina. É uma homenagem que, somada à solidariedade militante dada pelos comunistas portugueses aos nossos povos, infunde novas energias aos lutadores do Brasil, do Chile, do Uruguai, do Paraguai e Guatemala, a fim de prosseguir na sua luta contra as tiranias fascistas que oprimem os seus países.** Mas não só em relação aos povos que se batem contra o fascismo em todo o mundo, ficou patente o espírito de solidariedade dos comunistas portugueses. O espírito de internacionalismo proletário ficou também bem evidenciado, e foi inúmeras vezes destacado pelos camaradas de Partidos amigos e irmãos, na profunda amizade para com o PCUS e a URSS, e para com os povos de Angola, Moçambique, Guiné e S. Tomé e Príncipe.

Como foi destacado pelo camarada do Partido Comunista da Índia, entrevistado pelo nosso jornal, o Congresso do PCP, manifestação de internacionalismo e simultaneamente do prestígio internacional do nosso Partido, constitui também **uma contribuição para a unidade do movimento comunista internacional e de todas as forças progressistas.** Uma prova mais do espírito de internacionalismo proletário que preside a toda a acção do nosso Partido. Uma prova mais da indissolúvel unidade entre os interesses nacionais e internacionais das massas trabalhadoras e de todos os povos do mundo.

MENSAGENS E SAUDAÇÕES

Continua a aumentar a lista de mensagens recebidas pela Mesa do Congresso.

O Comité Central do Partido do Povo do Panamá enviou em nome dos militantes do Partido "saudações revolucionárias aos delegados do histórico VIII Congresso do PCP".

Do estrangeiro continuaram a afluir telegramas de democratas, simpatizantes e organismos de emigrantes do PCP. Registamos os provenientes de Kelstenbach (REP), Hamburgo, Frankfurt-am-Mein, Osnabruelk. Trabalhadores portugueses em viagem na URSS escrevem de Kiev, Moscovo e Leninegrado. Membros e simpatizantes do Partido a bordo do "Marofa" exprimiram a sua convicção de que do "Congresso sairá mais um reforço de unidade e coesão pela causa da democracia, do socialismo, da paz e do bem-estar de todos os povos".

Os comunistas portugueses da região de Arpajon, aproveitando a presença no Congresso da delegação da URSS manifestam-lhe e "ao Povo e Governo Soviéticos o agradecimento pela oferta de máquinas e alfaias às cooperativas agrícolas"

Os trabalhadores da Unidade Colectiva de Produção "Pioneiros da Reforma Agrária", de Beja, enviaram aos congressistas uma extensa carta.

Comunistas e democratas de diversas tendências da empresa SELCA (Porto) saúdam o camarada Álvaro Cunhal, o VIII Congresso e, na passagem do 1.º Aniversário da República Popular de Angola, felicitam a Delegação do MPLA.

Também a Organização das Pequenas e Médias Empresas e a Célula dos Ferroviários, da Auto-Reconstrutora e a Comissão Concelhia do Barreiro escrevem assegurando que "o Barreiro, um dos fortes bastiões do nosso Partido, está nestes quatro dias com os olhos postos nesta extraordinária reunião e nos seus resultados".

No mesmo sentido se manifestam as Células da Gazina (Venda Nova), Cel-Cat e a Comissão de Freguesia de Carnaxide.

261 JORNALISTAS VINDOS DE TODO O MUNDO

O interesse que o VIII Congresso do Partido está a despertar não só em Portugal como em muitos outros países é já uma prova indesmentível do alcance histórico da reunião do órgão supremo dos comunistas portugueses.

Até ontem ao fim da manhã, o Gabinete de Imprensa do Congresso tinha já passado 261 cartões de acreditação a jornalistas nacionais e estrangeiros, prevendo-se que até ao encerramento do Congresso venham a ser passados mais.

Entre os órgãos de informação portugueses encontram-se representados os seguintes órgãos diários: **Página Um, Diário Popular, Século, Jornal Novo, Jornal de Notícias, o diário, Diário de Lisboa, Diário de Notícias, Capital, Comércio do Porto, Primeiro de Janeiro e Luta.**

No que toca a semanários, encontram-se representados os seguintes: **Nova Gente, Expresso, Nova Terra, Opção, Aqui, o Jornal, Notícias da Amadora.**

Entre os órgãos de comunicação social nacionais encontram-se ainda representados o **Jornal Cinematográfico Nacional,** a **Radiodifusão Portuguesa,** a **Rádio Renascença** e a **Rádio Televisão Portuguesa.**

As agências noticiosas internacionais mais importantes têm igualmente os seus representantes no nosso Congresso: **ANOP, DPA, Noticiero Universal, Associeted Press, France Presse, EFE, Interpress Service, Evo Press Internacional, Pacific News Service, Pyressa, Imprecor, Visnews, Gamma, United Press, Alot Free Lance, Agence de Presse Liberation.**

As agências noticiosas dos países socialistas têm também enviados ao VIII Congresso: **BTA (Agência Búlgara de Imprensa), Agência Noticiosa Checa, TASS, Novosti, MTI (Agência Noticiosa Húngara), Prensa Latina, PAP (Agência Polaca de Imprensa), ADN (Agência Noticiosa da RDA), Tanjung.**

Por sua vez encontram-se representados entre nós vários órgãos centrais de partidos irmãos: **Nepszabadzag** (Partido Socialista Operário Húngaro), **Rabotnichesko Delo** (Partido Comunista Búlgaro), **Trybuna Ludu** (Partido Operário Unificado Polaco), **L'Unità** (Partido Comunista Italiano), **Neues Deutchland** (Partido Socialista Unificado da Alemanha), **Scinteia** (Partido Comunista Romeno), **Mundo Obrero** (Partido Comunista Espanhol) e **Pravda** (Partido Comunista da União Soviética).

Dos países socialistas vieram ainda o jornal **Izvestia** (URSS), a **TV Húngara,** a **TV Checoslovaca,** a **TV da RDA,** a **TV da URSS, Rádio Berlim** e **Rádio Praga.**

O jornal **Tribuna,** da República Popular de Moçambique, encontra-se igualmente representado.

Dos países capitalistas encontram-se ainda representados os seguintes órgãos de comunicação: **O Pasquim** (Brasil), **Times, New York Times, Nord Reporter, BBC, Time Magazine, TV da RFA, Business Europe, Bagbladet, The Guardian, El Pueblo, Frankfurt Nein, Paesa Sera, Daily News, Beriak, Le Monde.**

SOBRE O PODER LOCAL E AS PRÓXIMAS ELEIÇÕES

Tendo em conta o relatório da actividade do Comité Central e as Teses apresentadas, tendo apreciado as várias intervenções produzidas, nomeadamente e especialmente as dos camaradas Álvaro Cunhal, Carlos Costa e Jaime Serra, sobre o poder local e as próximas eleições dos seus órgãos, Câmaras Municipais, Assembleias de Freguesia e Municipais, dando o devido valor ao esforço já desenvolvido e ao magnífico trabalho já realizado, o VIII CONGRESSO DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS — decide:

1.º — Chamar todas as organizações do Partido, todos os seus militantes e simpatizantes para a grande batalha política das eleições dos órgãos das autarquias locais, a realizar no próximo dia 12 de Dezembro, considerando-a, de entre as tarefas imediatas de todo o Partido, como a mais importante e geral, aquela que envolve mais extenso e profundo trabalho de massas, aquela cujos resultados pesarão mais fortemente na resolução dos múltiplos problemas que afligem as populações e, também, na consolidação do Estado Democrático a caminho do Socialismo;

2.º — Ratificar completamente a linha seguida e dar todo o seu apoio à política de unidade desenvolvida, com o objectivo de reunir os partidos e as forças de esquerda mais consequentes, e os democratas e antifascistas sem partido, numa larga frente — a FRENTE ELEITORAL POVO UNIDO — capaz de conquistar a vitória possível, capaz de contribuir poderosamente para a derrota dos partidos da reacção e dos seus caciques, capaz de defender e consolidar as posições conquistadas pelo movimento popular, para além do acto eleitoral;

3.º — Confirmar e apoiar totalmente a linha de massas como fundamento da política municipal e local, política assente na confiança ilimitada no papel das massas populares e na sua capacidade de se organizarem em defesa dos seus interesses; política assente na compatibilidade entre os interesses imediatos das populações e os seus interesses de médio e longo prazos; política assente na harmonia dos interesses municipais e locais e duma efectiva e autêntica autonomia administrativa e financeira dos órgãos de poder local, com os interesses nacionais e gerais da pátria portuguesa; política assente na certeza de que a participação activa das massas populares é um manancial, com reservas insondáveis, de energia criadora e de capacidade ilimitada de trabalho; política assente, na certeza de que só a participação activa das massas populares poderá consolidar o Portugal democrático de hoje, poderá construir o Portugal Socialista do futuro, mais livre, mais próspero, feliz e independente;

4.º — Salientar o importante papel que as organizações populares — com particular relevo para as Assembleias de Moradores, Assembleias Populares e Comissões de Moradores — poderão e deverão assumir nas próximas eleições e depois delas. Contribuindo para aglutinar as populações à volta da solução dos seus problemas mais sentidos; participando na mobilização popular em prol da liberdade e da democracia, as organizações populares têm sido e continuarão a ser destacamentos fundamentais do movimento popular de massas e factor decisivo da democratização da vida local, em articulação com os órgãos que sairão das próximas eleições;

5.º — Recomendar vivamente a todos os delegados ao VIII Congresso e a todos os camaradas que nele participam como convidados que, de regresso às suas organizações e locais de trabalho, com primeira prioridade, concentrem todos os seus esforços e toda a sua capacidade política na tarefa inadiável, imediata e geral das eleições para os órgãos das autarquias locais, pela vitória das listas de unidade, pela vitória das listas da FRENTE ELEITORAL POVO UNIDO.

Lisboa, 14 de Novembro de 1976.

CONVIDADOS PORTUGUESES E AS SUAS OPINIÕES

Registámos uma série de depoimentos de membros de delegações de partidos e organizações portuguesas presentes no Congresso acerca do modo como este tem decorrido. Não pudemos recolher a opinião da delegação do Partido Socialista, visto ontem à tarde, quando procedemos ao nosso trabalho, não se encontrar na sala nenhum dos seus elementos.

Major Vítor Alves do Conselho da Revolução

– Queremos agradecer a oportunidade que nos deram de poder assistir aos trabalhos do VIII Congresso do Partido Comunista Português. Estamos gratos pelo vosso convite. Devo dizer que estamos impressionados pela organização, militância e unidade patentes no decorrer dos trabalhos.

José Manuel Tengarrinha, da Comissão Nacional do MDP/CDE

Em primeiro lugar, quero destacar a grande coesão e unidade interna e o entusiasmo entre os delegados e todos os militantes do Partido Comunista.

Em segundo lugar, a grande coerência revolucionária do Partido Comunista, demonstrada na afirmação dos seus objectivos do passado e do presente, que faz dele uma força indispensável na defesa e consolidação da democracia no nosso País, e uma força de grande relevo no movimento internacional de libertação dos trabalhadores.

Este último aspecto, de resto, tem sido salientado pelo impressionante e elevado número de representantes de organizações revolucionárias de todos os pontos do mundo pelo entusiástico apoio que têm dado ao Partido Comunista Português.

Finalmente, o terceiro aspecto de grande importância, no momento presente é a consciência que ressalta deste Congresso da necessidade de uma ampla unidade das forças democráticas para defendermos as conquistas do nosso Povo.

Manuel Serra, da Comissão Política da Frente Socialista Popular

Para mim o vosso Congresso representa uma nova etapa no processo político que o Povo português está a viver.

Na realidade, um partido como o Partido Comunista – com a tradição de luta que tem contra o fascismo e que a seguir ao 25 de Abril teve que aguentar com grande parte da organização das massas trabalhadoras contra a reacção, que estava a ser desapossada dos seus privilégios – veio a conseguir, não só reestruturar-se e revigorar-se, como, de facto, com este Congresso, mostrar a vitalidade, não só na renovação dos seus quadros como na inserção das massas trabalhadoras.

Tudo isto é claramente demonstrado pela participação dos delegados ao Congresso.

Por outro lado, grande parte das propostas e teses aqui apresentads podem abrir uma nova fase de unidade das forças de esquerda para bater a reacção, que tenta novamente aproveitar-se de todas as contradições do processo político português, recuperar todos os privilégios que, com o 25 de Abril lhe foram retirados.

Estão pois de parabéns todos os militantes do Partido Comunista por esta grande realização e pela forma como o Congresso está a decorrer.

Vasco Ferreira, do Secretariado Nacional do Movimento Social-Democrata (MSD)

Aceitámos o convite do Comité Central do PCP para assistir a este Congresso porque a ele preside a ideia-chave da luta pela democracia e pelo socialismo em que participamos. Estamos interessados na forma como os trabalhos se têm desenvolvido e vão desenvolver. Temos acompanhado o trabalho e apreciado o esforço organizativo de que o VIII Congresso do PCP é a prova evidente. Tomaremos na devida consideração o que aqui foi dito e as nossas análises sobre a situação política contarão com o enriquecimento que este Congresso lhes veio trazer.

Jorge Sampaio, da direcção da Intervenção Socialista (IS)

Penso que é prematuro tirar conclusões deste Congresso. O conteúdo rico das teses e da restante documentação publicada terá de passar pela prática política. Esperamos que essa prática seja consequente. Queremos salientar a renovação das propostas de unidade, aspecto para nós muito importante, sobre o qual iremos debruçar-nos, tendo em conta novas perspectivas abertas pelo Congresso. Essas propostas de unidade são positivas, pois prendem-se com a questão da hegemonia, a que dedicamos particular interesse.

O Congresso veio reforçar a questão da unidade e a dinâmica unitária de esquerda. Esperamos que a prática política venha a demonstrar esse reforço.

Aspecto saliente será também a análise dos aspectos de crítica e autocrítica que vieram a público na tribuna do VIII Congresso. Esperamos também que a prática política confirme os avanços nesse campo.

O Congresso é, sem dúvida, uma manifestação espectacular de capacidade organizativa e de força militante. A sua importância política é, sem dúvida, muito grande. Esperamos que as exigências da prática confirmem essa importância bem patente no Congresso.

Carlos Carvalho, membro do Secretariado da Intersindical

A Intersindical foi convidada pelo Partido Comunista Português a fazer-se representar neste Congresso. Aceitámos este convite que consideramos honroso.

Temos acompanhado os trabalhos do Congresso e consideramos que há aspectos que gostaríamos de salientar. O primeiro é o da organização do Partido Comunista Português, de que este Congresso e a forma como está a decorrer é uma prova. Por outro lado é a riqueza e a profundidade das intervenções dos delegados, o profundo sentido unitário que as tem animado.

Ainda salientamos que têm sido aqui colocados e equacionados os grandes problemas com que a sociedade portuguesa se debate e houve propostas concretas para a resolução desses mesmos problemas.

Consideramos que este Congresso tem ultrapassado em importância o próprio Partido, é um Congresso importante para todas as forças progressistas e esperamos que seja um contributo importante para a consolidação e avanço da democracia para o socialismo.

A unidade demonstrada pelos delegados e mesmo pelos convidados do Partido Comunista, a forma como as outras organizações políticas aqui foram recebidas foi um dos aspectos mais salientes do decorrer dos trabalhos.

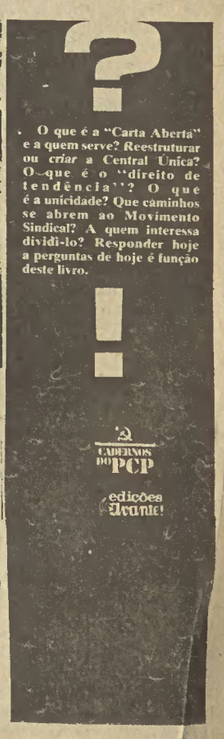
A importância que foi dada às delegações e intervenções dos convidados estrangeiros mostra o indiscutível prestígio do PCP. Gostaria neste caso de fazer notar as intervenções dos convidados dos países africanos que afirmaram a sua solidariedade ao PCP, que se bateu sempre pela independência das antigas colónias.

PUB.

SINDICATOS E ACÇÃO SINDICAL

Distribuição CDL

JÁ À VENDA



A PALAVRA AOS DELEGADOS

O desenrolar dos trabalhos do Congresso e a actividade do nosso Partido em vários pontos do país são-nos retratados por alguns delegados, que foram ouvidos pela reportagem do «Avante!». Na diversidade das opiniões, salientando um ou outro aspecto, este ou aquele ponto relacionado com o amplo trabalho de preparação do Congresso, podemos encontrar facilmente o mesmo entusiasmo e a mesma determinação de quem considera o VIII Congresso do nosso Partido — o primeiro Congresso ordinário realizado após a jornada libertadora do 25 de Abril — não só um importante passo na vida do PCP, mas também um marco na luta do nosso povo.

Abordámos primeiro o camarada Ilídio Peixoto que, visivelmente comovido no final da primeira sessão da manhã saía com os outros delegados das bancadas. Com 58 anos, o camarada é apontador metalúrgico na SECA, em Gaia. Disse-nos, logo que lhe dissemos que o "Avante!" estava interessado nas suas opiniões sobre o desenrolar do VIII Congresso:

— Só quero dizer, camarada, que acabei de ouvir o camarada Álvaro Cunhal e que ele, com os seus 63 anos, é um homem que sabe falar às massas e que as massas trabalhadoras, nós, lhe correspondemos com admiração e apreço.

Vim ao Congresso de excursão, com os outros delegados e convidados e fui eleito por proposta da Assembleia da célula da SECA numa Assembleia das células das empresas metalúrgicas de Gaia. Só tenho a dizer que estou convencido que nós, comunistas e socialistas, vamos dar as mãos bem dadas para que a Revolução não volte para trás. Só assim unidos poderemos ver na realidade um sonho de há muitos anos.

Recolhemos depois a opinião de um delegado, António José Casmarrinha, funcionário do Partido, de 28 anos, empregado do comércio, membro da Comissão Distrital de Évora, que salientou o clima de unidade do Partido que transparecia no ambiente dos trabalhos do Congresso. E, referindo-se ao trabalho preparatório em Évora disse-nos que 89 reuniões e Assembleias tinham sido levadas a efeito, tendo participado nelas mais de dois mil e quinhentos militantes e sido eleitos 62 delegados.

Encontrámos a seguir um veterano do Partido, o camarada Armando Francisco, empregado de armazém, de 54 anos, um alentejano que emigrou há mais de uma dezena de anos para a Bélgica mas se manteve organizado no Partido a que aderiu há mais de trinta e cinco anos. Tinha guardado as suas férias para a altura do Congresso, não pensando assistir a ele como delegado. No entanto nas reuniões realizadas entre os comunistas na emigração, o camarada foi um dos eleitos. Perguntámos-lhe quais as questões que foram abordadas com mais interesse pelos militantes, no que respeita às teses.

— A grande preocupação dos trabalhadores emigrados, quando da discussão das teses é a questão da revisão dos contratos, pois que acham que estes foram feitos de joelhos aos pés dos capitalistas estrangeiros. Essa revisão deve ser feita e deve ter em conta as organizações democráticas dos trabalhadores emigrados. Outra preocupação é a questão do ensino em Português. Pensamos que os professores devem ser pagos pelos governos dos países onde os portugueses trabalham, para os quais os portugueses contribuem com o seu trabalho.

Quanto ao Congresso, o que vimos e ouvimos até aqui só prova que o Partido é um bloco, que o Comité Central que veio da clandestinidade correspondeu às necessidades e às realidades da luta, soube adaptar-se e dirigir correctamente as lutas.

No intervalo que seguiu à intervenção do camarada Boris Ponomariov, falámos com o camarada Henrique Leal dos Santos.

— Sou pequeno comerciante, tenho 36 anos, fui eleito delegado nas reuniões das freguesias rurais de Coimbra. Nas discussões que houve chegámos à conclusão unânime de que não havia nada a aumentar ou a diminuir às teses.

O Congresso tem sido uma coisa estrondosa — disse ainda — **muito superior ao que eu podia imaginar. Assisti com interesse às intervenções daquelas camaradas que estiveram a falar sobre os problemas das empresas onde trabalham, e ao momento culminante da entrega da bandeira de Lénine pelo camarada da União Soviética.**

Ainda ouvimos o camarada Joaquim Martinho dos Santos, de 43 anos, operário da construção civil, de Montemor-o-Novo, que foi eleito numa assembleia de militantes, realizado no Centro de Trabalho daquele concelho.

— Lá discutimos sobretudo os pontos sobre a vida do Partido e a Reforma Agrária. Acho muito importantes os trabalhos do Congresso até aqui. Foi muito importante vermos a entrega da bandeira de Lénine de um Partido que tem acompanhado sempre o nosso. Foi a ideia do internacionalismo proletário.

A culminar um intenso trabalho de análise, reflexão e debate, que teve como base as Teses apresentadas pelo Comité Central, a realização do VIII Congresso vai fortalecer, a todos os níveis, o nosso Partido — começou por nos afirmar o camarada Joaquim da Costa Clemente, delegado ao Congresso pela Comissão de Freguesia do PCP, de Samora Correia, e trabalhador da empresa "Acumuladores Wilhelm" (Porto Alto).

No decorrer da nossa curta conversa, que versou essencialmente questões relacionadas com o trabalho de preparação do Congresso, o camarada Joaquim Clemente acrescentou: **Com o objectivo de preparar os militantes para o Congresso, a Comissão de Freguesia do Partido de Samora Correia levou a efeito várias reuniões em que o debate foi dividido por assuntos específicos: Reforma Agrária, nacionalizações, controlo operário, organização do Partido, frente ideológica, movimento sindical, problemas da juventude, etc.**

O VIII Congresso do nosso Partido — disse ainda o camarada Clemente, que também é membro da Comissão Eleitoral Unitária de Samora Correia —, **não só está a fazer o balanço dos últimos 11 anos de luta revolucionária, como vai apontar à classe operária e a todos os trabalhadores o caminho a seguir no futuro.**

Num dos intervalos, falámos com a camarada Maria Rosa Ribeiro, militante da UEC. Depois de se referir à actividade dos estudantes comunistas na sua escola — "actividade que se intensificou com a preparação do VIII Congresso" —, a jovem militante disse-nos: **Estou profundamente convencida que esta jornada — onde não se esquecem os problemas da juventude — vai mobilizar, estimular e apontar o caminho da luta revolucionária a muitos jovens que, por influências estranhas aos seus interesses, nunca se integraram no co°bate pela democracia, pelo progresso e pela sociedade que verdadeiramente lhes interessa: a sociedade socialista.**

E mudámos de interlocutor.

Trabalho na CUF, sou membro da Comissão Eleitoral Unitária do Lavradio e fui eleito delegado ao Congresso pela organização do nosso Partido nesta localidade — disse, ao ser abordado pelo "Avante!", o camarada Carlos Alberto Rodrigues Camarão. Referindo-se ao Congresso, salientou: **Aqui se reflecte a imagem de um partido revolucionário, de um grande partido de massas, fiel ao marxismo-leninismo e internacionalismo proletário, firmemente unido e organizado em torno dos princípios do centralismo democrático.**

A presença de tantas delegações estrangeiras, nomeadamente as dos países socialistas, é uma afirmação concreta do internacionalismo e da solidariedade, é a afirmação vigorosa de que os comunistas portugueses não estão sozinhos na luta — a luta pelo socialismo — afirmaria, seguidamente, o camarada Carlos Alberto Rodrigues.

Relativamente ao debate das Teses — tema que iria terminar a nossa conversa —, sublinhou: **As 5 mil propostas de alteração à redacção das Teses apresentadas pelo Comité Central apontam um facto inegável: é que a força do nosso Partido, o Partido da classe operária e dos trabalhadores, é uma força que resulta de uma ampla actividade colectiva, onde participam com entusiasmo e elevado sentido de responsabilidade milhares de pessoas, milhares de comunistas!**

O CONGRESSO NO PROCESSO DEMOCRÁTICO

Das intervenções até agora ouvidas no Congresso, todas elas apontando temas de grande alcance e interesse, quero salientar a que foi proferida, na sessão de abertura, pelo camarada Álvaro Cunhal, onde se analisam com objectividade os dois anos e meio de processo democrático, as tarefas políticas, as novas estruturas, a política económica, a alternativa democrática e a organização do Partido, e a intervenção do camarada Jaime Serra, que abordou os aspectos relacionados com o movimento popular de base — começaria por nos afirmar o camarada Adilo Oliveira Costa, empregado de escritório e membro da Comissão Concelhia de Setúbal do PCP, no início de uma breve troca de impressões com a reportagem do "Avante!"

Ao falar do trabalho desenvolvido pelos comunistas de Setúbal na preparação do Congresso e no debate das Teses apresentadas pelo Comité Central, o camarada Adilo Oliveira — delegado eleito pelo organismo do nosso Partido que naquele concelho se dedica ao movimento popular de massas — começou por declarar:

Os militantes de Setúbal integrados nos órgãos de base realizaram, antes do Congresso, uma importante reunião, a que estiveram presentes centenas de elementos de comissões de moradores, comissões de trabalhadores, colectividades populares e outros organismos. No decorrer deste encontro, foram debatidos, entre outros temas, o trabalho de organização do Partido e a actividade do movimento popular unitário no concelho. Partindo da ideia que as Teses apresentadas pelo CC são uma síntese e uma base para a estruturação do debate, os camaradas aprofundaram esses mesmos temas analisando-os e discutindo-os num ambiente de ampla e aberta participação.

Depois de referir que foi analisado na reunião o trabalho até agora feito pelos órgãos de vontade popular na zona concelhia de Setúbal e ainda a ligação das comissões de moradores e das comissões de trabalhadores, com os respectivos secretariados, o camarada Adilo Oliveira sublinhou ainda que o referido encontro — no decorrer do qual seria aprovada uma moção de apoio ao Congresso — debateu na especialidade a actividade dos comunistas nos órgãos do movimento popular unitário e na Frente Eleitoral Povo Unido. "Debatemos ainda questões relacionadas com o actual recuo dos esquerdistas, e o seu desmascaramento junto das populações" — afirmou.

Retomando a conversa sobre o Congresso, o camarada de Setúbal realçou a "excelente organização, a todos os níveis, do Congresso: a segunda grande demonstração de internacionalismo proletário promovida pelo nosso Partido. A primeira foi a Festa do "Avante!"

O VIII Congresso do nosso Partido — afirmaria no final — **jornada que decorreu no âmbito do centralismo democrático, da solidariedade internacional e da política de verdade e de empenhamento revolucionário, não interessa apenas aos comunistas, pois aponta a todo o povo trabalhador de Portugal propostas concretas para arrancar o nosso País da crise, para consolidar a democracia rumo ao socialismo, para assegurar a liberdade e a independência nacional. Neste sentido, penso que se deveria levar a todos os pontos do País, através de sessões, encontros, debates e outras jornadas, as conclusões que serão apresentadas no final do nosso Congresso. Pela nossa parte, comunistas de Setúbal, tudo faremos para que assim aconteça!**

A LUTA DIFÍCIL DOS COMUNISTAS

Por intermédio da camarada Maria Margarida Bento, membro da Direcção da Organização Regional das Beiras (DORB) do PCP, foram-nos referidos problemas com que se batem as populações daquela região, tendo sido, também, feitas algumas copnsiderações sobre a discussão das Teses e a actividade local do nosso Partido.

Os militantes comunistas das Beiras — afirmou — **têm participado e apoiado com determinação a luta das camadas trabalhadoras; dos operários das zonas da indústria de lanifícios, de Aveiro, Coimbra, Figueira da Foz; a luta dos pequenos e médios agricultores; a luta da juventude e dos verdadeiros democratas.**

Salientando em particular as dificuldades que se colocam aos agricultores, a camarada Maria Margarida Bento declarou: **Os pequenos e médios agricultores — a camada social mais extensa na região — têm vindo a desenvolver uma grande luta pela defesa e aplicação da Lei do Arrendamento Rural. Os senhorios, no entanto, não estão interessados no cumprimento da Lei... As ameaças sucedem-se. Elementos dos partidos da direita reaccionária e os senhorios, muitas vezes apoiados por certas figuras ligadas aos órgãos do poder local, lançam a confusão, tentam enganar os pequenos e médios agricultores, agem abertamente contra a lei, contra a legitimidade democrática! Se os rendeiros erguem a cabeça e exigem aquilo a que têm direito, logo começam as ameaças, os insultos. A luta do MARN tem tido e continuará a ter todo o apoio dos comunistas e dos outros democratas.**

Depois de relacionar o combate contra o caciquismo com o combate pelas liberdades democráticas e pela aplicação da Constituição em todos os pontos do País, a militante comunista salientou ainda em referência aos problemas dos agricultores que se assiste, neste momento, nas Beiras, a um grande esforço colectivo no sentido da resolução dos problemas fundamentais da vida no campo. **Os pequenos e médios agricultores só poderão solucionar, de facto, os seus problemas essenciais se forem afastados os intermediários, se forem formadas cooperativas de comercialização, se for assegurado o escoamento dos produtos e o abastecimento, a preços justos, dos adubos e das rações, sem esquecer o apoio técnico e o crédito agrícola.**

Tal como em todo o País — disse mais adiante — **também nas Beiras, o movimento sindical unitário se tem vindo a desenvolver e a alcançar grandes vitórias. O nosso Partido está com os operários e com outros trabalhadores. Prosseguem as lutas pelos contratos colectivos de trabalho! Na empresa Agfa, em Coimbra, a luta encetada pelos trabalhadores tem ainda um objectivo mais urgente: os patrões querem encerrar a firma e os trabalhadores, unidos e organizados, têm que manter os seus postos de trabalho. Está em causa a sobrevivência de muitas famílias.**

Relativamente às próximas eleições para as autarquias locais, a camarada Maria Margarida Bento salientou que os militantes comunistas não se têm poupado a esforços na frente da luta unitária:

Participando activamente no trabalho de consciencialização popular e lutando pela aproximação de todos os democratas, comunistas, socialistas e verdadeiros antifascistas, num projecto comum — tendo sempre em conta a defesa dos interesses dos trabalhadores — o nosso Partido tudo fez para que se formassem listas eleitorais unitárias. Assim aconteceu em quase todos os concelhos e em muitas freguesias da região das Beiras. A Frente Povo Unido é apoiada por amplas camadas da população.

Após ter afirmado que a discussão das Teses apresentadas pelo CC proporcionou a realização de diversas sessões e reuniões, onde se discutiram com entusiasmo e franca participação os pontos mais directamente relacionados com os problemas locais, com a vida do Partido e com a análise do processo democrático. **Foram apresentadas cerca de 150 propostas de alteração ao texto das Teses. Saliente-se, desde já, que estas propostas são, na sua esmagadora maioria, complementos ao texto. Depois de lançado um tema, os camaradas que estiveram nas reuniões, aprofundavam-no, desenvolviam-no em todos os aspectos.**

Quanto ao Congresso, a camarada Margarida Bento sublinhou a objectividade e clareza das intervenções feitas, tanto pelos camaradas do CC e das organizações — o que revela conhecimento profundo e análise coerente da situação no País, bem como dos problemas que se colocam aos trabalhadores — como das intervenções dos camaradas estrangeiros, que reafirmaram uma vez mais os laços do internacionalismo proletário e da fraterna solidariedade internacional, que ligam os partidos irmãos e os movimentos revolucionários de todo o mundo ao Partido da classe operária portuguesa: o Partido Comunista Português.

A chave da eficácia e do êxito

O TRABALHO ABNEGADO E CRIADOR DE MILHARES DE COMUNISTAS

Muitas centenas de camaradas asseguraram e asseguram, através do seu trabalho entusiástico e criador, a criação de condições necessárias que garantem o bom andamento dos trabalhos da importante jornada que está a ter como cenário as instalações da FIL. Encarando com verdadeiro espírito de Partido as mais diversas tarefas inerentes à realização e funcionamento do Congresso, esses militantes das organizações do distrito de Lisboa e da Margem Sul contagiaram numerosos trabalhadores não filiados no PCP que também deram a sua ajuda na fase de implantação das diversas estruturas.

De acordo com um plano previamente definido, antes do início do Congresso, foram construidas mesas e balcões por camaradas carpinteiros e marceneiros ajudados por muitas centenas de comunistas. Num curto espaço de tempo, cinco dias apenas, foi possível concluir os trabalhos de implantação nos diversos pavilhões da FIL.

Entretanto, o trabalho iniciado prosseguiu e foi intensificado a partir do momento em que começaram os trabalhos do VIII Congresso. Foram impressas, até ao fim da sessão da manhã de ontem, na tipografia instalada na FIL, um milhão de folhas. Na Comissão de Apoio ao secretariado do Congresso algumas centenas de camaradas trabalham arduamente. São dactilografados textos, grupos de jovens compilam, agrafam e distribuem as resoluções, intervenções e outros documentos. Camaradas gráficos, durante as 24 horas do dia, trabalham com os 15 duplicadores eléctricos e os dois "off-set".

Enquanto isto, no Gabinete de Imprensa, são resumidas as intervenções e os textos do Congresso são encaminhados para os jornalistas que fazem a cobertura deste acontecimento para muitas dezenas de jornais, estações de rádio e televisão portuguesas e estrangeiras. Procurando garantir a divulgação dos diversos aspectos do trabalho dos congressistas para todos os camaradas que nele não poderam participar, uma equipa de repórteres da SIP regista em "video tape" as imagens que, mais tarde, serão incluidas em documentários. Além disso, asseguram o funcionamento de um circuíto interno de televisão. Outros camaradas estão empenhados na tarefa de assegurar a amplificação sonora da nave central e o registo magnético das intervenções.

No sentido de fornecer a todos os que têm passado pela FIL e aos congressistas os materiais editados pelas "Edições Avante!", foi instalada próximo da entrada principal uma banca, onde — sem sombra de dúvida — o livro mais procurado e vendido tem sido o relatório do Comité Central ao VIII Congresso elaborado pelo camarada Álvaro Cunhal.

A situação de muitas centenas de delegados e convidados vindos da província e que não tinham alojamento assegurado não foi esquecida.

Depois de contactarem com os elementos do Pavilhão das Informações tiveram oportunidade de estabelecer novos laços de amizade com militantes das organizações do distrito de Lisboa e da Margem Sul que colocaram à disposição as suas residências. A numerosa família comunista também reforçou desse modo o conhecimento mútuo.

Em consequência das sessões se prolongarem durante todo o dia, havia que solucionar o problema das refeições para muitos milhares de pessoas. Foram instalados diversos bares e dois restaurantes. No bar que funciona junto da nave central tinham sido consumidas, até ontem de manhã, mais de 20 mil sanduiches, cerca de 150 quilos de café, muitas dezenas de milhar de bebidas, mais de 20 mil salgados, etc. Cerca de seis dezenas de camaradas trabalham para assegurar o bom funcionamento do serviço. No Pavilhão, onde durante a Festa do "Avante!" foi instalada uma grandiosa exposição da Reforma Agrária, encontra-se a funcionar em pleno um grande restaurante. No primeiro dia, foram servidos mais de 1500 almoços. Entretanto, procurando fornecer mais rapidamente as refeições, os trabalhadores da empresa fornecedora dos alimentos – que ofereceram ao nosso Partido os seus dias de trabalho durante o Congresso – introduziram algumas modificações que minimizou o tempo gasto com o almoço.

MILHÕES DE HORAS DE TRABALHO VOLUNTÁRIO

Para garantir a todos os delegados das organizações estrangeiras o acompanhamento dos trabalhos foi instalado um serviço de traduções simultâneas para russo, francês, inglês e alemão que é feito por 21 camaradas tradutores. No apoio às delegações estrangeiras estão também empenhados cerca de outros 200 camaradas que os acompanham e transportam nas suas deslocações.

A limpeza da sala do Congresso é efectuada por uma brigada de 50 camaradas que tudo fazem para que, no dia seguinte, o asseio esteja patente aos olhos de todos quantos regressam para participar nos trabalhos. Mal a nave central se esvazia, os camaradas transportando baldes e munidos de panos e vassouras limpam-na.

Registamos orgulhosamente que milhares de comunistas e trabalhadores progressistas deram ao Partido Comunista Português alguns milhões de horas extraordinárias. Trata-se de uma contribuição extraordinária que só pode ser recolhida pela organização que foi, é e será a gloriosa vanguarda organizada da classe operária e dos trabalhadores portugueses em luta pela paz, a democracia e o socialismo. É por isso que existe uma poderosa organização que dá não só resposta aos grandes acontecimentos, como é capaz de se lançar à realização de grandes iniciativas de massas como o foram e são indiscutivelmente a Festa do Órgão Central do PCP e o VIII Congresso.

É já vulgar ler-se em certa Imprensa que o PC é uma máquina, referiu, na primeira sessão, o camarada Octávio Pato, membro do Secretariado e da Comissão Política do Comité Central, que acrescentou: **Efectivamente, essa máquina existe, está em constante laboração e possui 115 mil membros.**

Quando a reacção fala nessa "máquina", há nisso um misto de reconhecimento e amargura, por verificar que a "máquina" que se chama PC é a vanguarda esclarecida da classe operária, é um força que não pactua com os inimigos da nossa jovem democracia, é uma força que está ao serviço dos interesses de classes de todos os trabalhadores, e é ainda, e cada vez mais, o grande partido da esquerda.

edições Avante!

A REVOLUÇÃO PORTUGUESA

ÁLVARO CUNHAL

O PASSADO E O FUTURO

Relatório aprovado pelo CC do PCP para o VIII Congresso

MOÇÕES APROVADAS

O Congresso aprovou várias moções. Entre elas merecem destaque especial as referentes ao Chile. O corte de relações do Governo português com o regime fascista de Pinochet é exigido em todos esses documentos que prestam homenagem à memória de Salvador Allende e à de todos os antifascistas assassinados. As moções exprimem também a mais viva repulsa pela prisão e as torturas a que continua submetido o camarada Luis Corvalán, secretário-geral do Partido Comunista do Chile e exigem a sua libertação imediata. Protestando vivamente contra a prisão de todos os antifascistas chilenos, esses documentos exigem também a sua libertação imediata.

A tónica das moções incide ainda no apoio revolucionário a todos os patriotas chilenos que, enfrentando uma repressão feroz, desenvolvem um trabalho heróico e abnegado de organização das massas trabalhadoras e de resistência contra a ditadura fascista que oprime o Chile com a maior violência ao serviço do imperialismo.

Nas moções aprovadas sobre a situação em Portugal, destaca-se a denúncia da violação sistemática das liberdades democráticas (libertação dos pides, rede bombista, caso Spínola) repudiando energicamente «os atropelos à democracia, às amplas liberdades e às conquistas da revolução».

Numa das moções determina-se que «os delegados levem às suas organizações locais o espírito de militância democrática e revolucionária demonstrada» por este já histórico VIII Congresso. A vitalidade política e ideológica do PCP é posta em evidência no documento que inclui um pedido aos delegados no sentido de transmitirem aos militantes, simpatizantes e antifascista ausentes do Congresso um abraço fraternal de amizade. A moção acentua que, embora entregues às suas tarefas fora das instalações da FIL, esses camaradas estão presentes, «como presente se encontra o espírito do imortal camarada Lénine».

As moções receberam todas o voto unânime do Congresso e a que se refere à violação das liberdades democráticas e constitucionais em Portugal vai ser enviada ao Conselho da Revolução, ao Governo e à Assembleia da República. A aprovação dos documentos sobre a situação no Chile foi alvo de calorosas e prolongadas manifestações de solidariedade internacionalista para com a luta do povo chileno contra a ditadura fascista de Pinochet e contra o imperialismo.

IMAGENS

Todos os sectores de actividade estiveram representados no Congresso

O camarada Ângelo Veloso, membro do Comité Central, intervém sobre as nacionalizações e o Controlo Operário

Um camarada intervindo sobre a Reforma Agrária

Á cunha, a nave central da FIL proporcionou imagens como esta, para que não se perdesse uma palavra, para que não se perdesse um gesto

Os representantes das delegações estrangeiras quando aplaudiam uma intervenção no Congresso

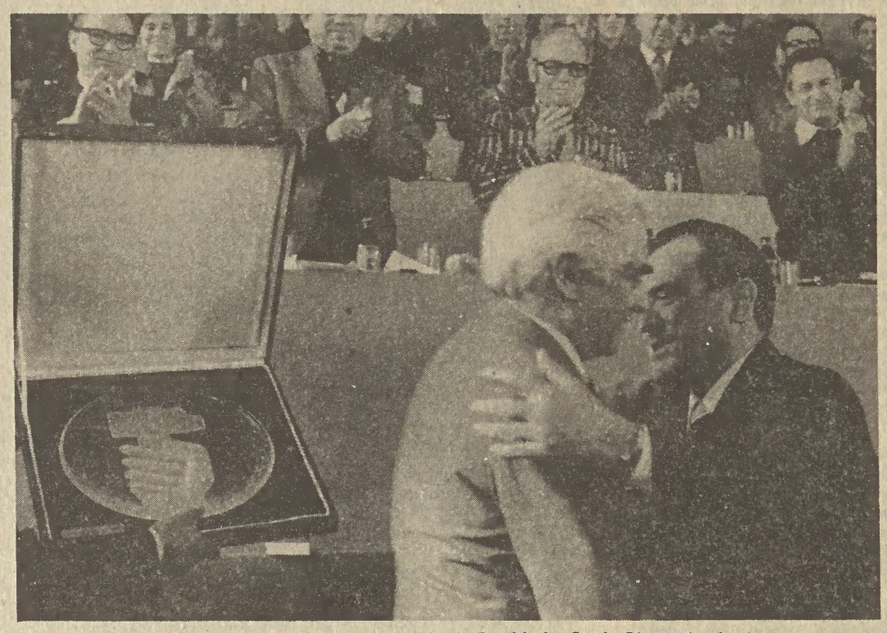
Quando o camarada Blanqui Teixeira falava sobre a organização do Partido

Um aspecto da mesa do Congresso quando presidia o camarada Joaquim Gomes, membro do Secretariado e da Comissão Política do Comité Central

Heinz Lang, membro da Presidência do DKP

Abordando os problemas do sector intelectual

O camarada António Gervásio quando lia a saudação ao Congresso e às delegações estrangeiras

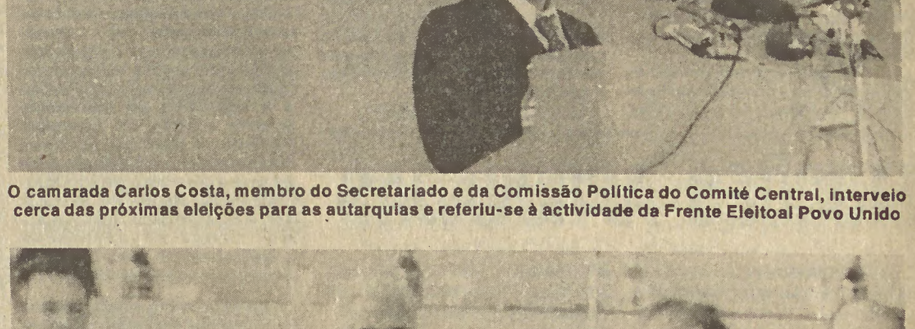


No momento da oferta da delegação do Partido irmão da Checoslováquia

O camarada Carlos Costa, membro do Secretariado e da Comissão Política do Comité Central, interveio cerca das próximas eleições para as autarquias e referiu-se à actividade da Frente Eleitoal Povo Unido

O camarada Carlos Brito, da Comissão Política do Comité Central, interveio sobre a proposta de alteração às Teses para o Congresso

O camarada Horácio Rufinc falou sobre a Juventude Comunista



S. Mahajam, membro do Partido do Congresso da India, e Presidente do Estado do Himachel

A força da luta do povo chileno na voz do camarada Orlando Millas do Partido Comunista do Chile

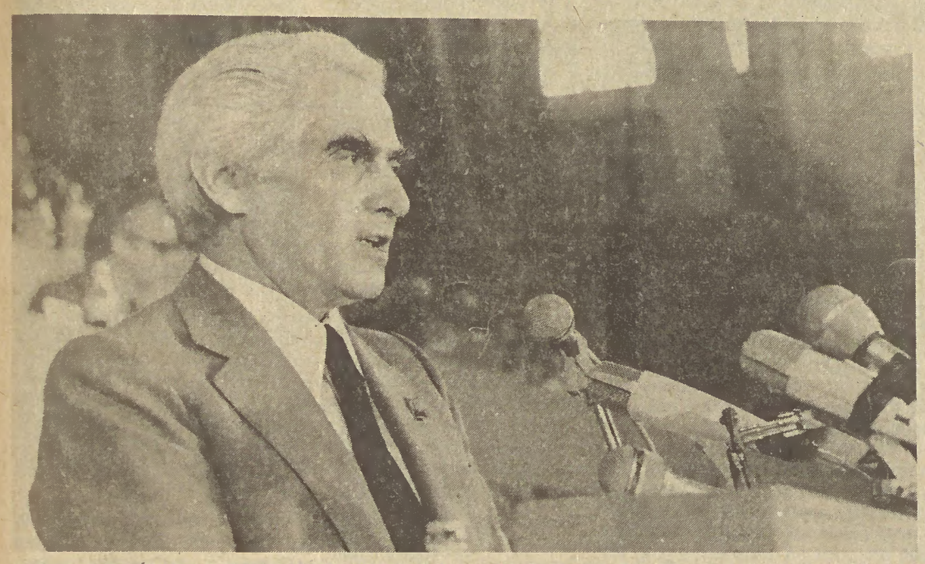
O camarada José Vitoriano presidiu à sessão inaugural do Congresso

O movimento sindical abordado pelo camarada Domingos Abrantes

IMAGENS

As votações tiveram a força da unidade e os resultados foram aclamados com o entusiasmo revolucionário de milhares de vozes comunistas

A amizade fraternal e a solidariedade militante entre o PCP e a FRELIMO, documentada na entrega de uma recorddação pelo delegado moçambicano, Eduardo Panguene, ao camarada Álvaro Cunhal



O camarada Álvaro Cunhal intervindo no Congresso As suas palavras foram entusiasticamente recebidas.

A participação dos 1200 delegados teve a caracterizá-la uma atenção constante, um trabalho exigente e proveitoso

O Congresso foi também motivo para a aquisição de livros, veículos fieis do ideal comunista

O major Vítor Alves, membro do Conselho da Revolução, que assistiu ao nosso Congresso acompanhado pelos restantes convidados daquele órgão de soberania, quando era recebido pelo camarada Veiga de Oliveira, à entrada para a 1.ª sessão

O «Avante!» foi uma presença constante e diária no Congresso

Mais uma imagem bem expressiva da participação dos delegados eleitos pelos 120 mil membros do Partido.

O camarada Jaime Serra apresentou o relatório sobre as alterações aos Estatutos do PCP

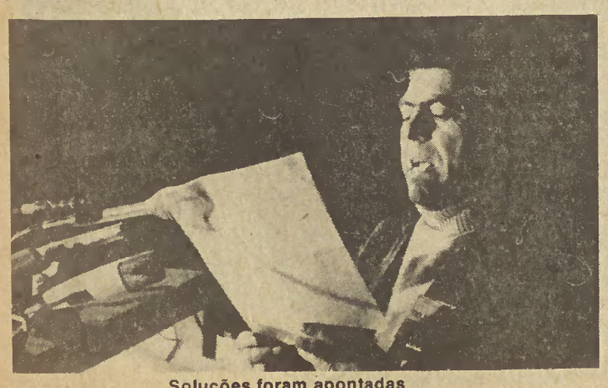
O camarada Boris Ponomariov, membro do Bureau Político e Secretário do Comité Central do PCUS, foi o primeiro representante das delegações dos partidos irmãos a saudar o VIII Congresso do PCP

Um abraço fraternal assinalou a oferta de uma recordação entregue pelo camarada Nemes Dezso, membro da Comissão Política do Partido Socialista Operário Húngaro ao camarada Álvaro Cunhal

Diversos problemas específicos foram levantados

Herman Axeu, membro do Burean Político e Secretário do CC do Partido Socialista Unificado da Alemanha, salientou na sua saudação o reforço entre os dois partidos, a "estreita aliança de solidariedade proletária que foi forjada em decénios de luta contra o fascismo e a guerra"

O socialismo avança de uma forma irreversível — afirmou o camarada António Perez Herrero, membro do Secretariado do CC do Partido Comunista de Cuba



Soluções foram apontadas

Yussuf Dadoo – Partido Comunista da África do Sul

Queridos camaradas,

Em nome do Comité Central do Partido Comunista Sul-Africano trago a este grandioso VIII Congresso do Partido Comunista Português as mais calorosas saudações fraternais e desejamo-vos o maior êxito nas vossas resoluções.

Aproveito ainda a oportunidade para transmitir ao camarada Álvaro Cunhal, ilustre filho da classe operária portuguesa e figura de relevo do movimento comunista internacional, o mais profundo respeito de todos os comunistas e de todo o povo trabalhador da África do Sul.

Temos dado a maior atenção aos acontecimentos no vosso país, especialmente nos últimos dois anos, e temos seguido com apreço o papel desempenhado pelo vosso Partido na tentativa de ultrapassar todas as dificuldades que os anos de fascismo deixaram atrás de si e na defesa das conquistas da Revolução, tão duramente alcançadas, e ainda na promoção de uma genuína evolução democrática no caminho do socialismo.

O vosso Partido, apesar dos sérios problemas que enfrenta, nunca se desviou do que sabe ser correcto, não só no vosso próprio país, mas também no movimento comunista internacional. Compreendemos que o vosso papel não tem sido fácil e admiramos a coragem e determinação demonstradas por vós como verdadeiros marxistas-leninistas. O vosso apoio ao acordo de Helsínquia e ao desanuviamento, à União Soviética e ao movimento comunista internacional é o caminho dos verdadeiros comunistas do mundo inteiro. A classe operária, as forças democráticas e as massas populares agradecer-vos-ão a vossa inabalável lealdade, e estamos convencidos, do mesmo modo que vós, de que elas defenderão as suas conquistas e liberdades democráticas conquistadas ao fim de tantos anos e de lutas tão difíceis.

Queridos camaradas, hoje, 11 de Novembro, quando o valente povo angolano festeja o primeiro aniversário da sua independência e da formação da República Popular de Angola, recordamos com profunda emoção as duras lutas e heróicos sacrifícios dos comunistas e patriotas do vosso país que libertaram as massas portuguesas das cadeias do fascismo. Esta vitória deu um importante contributo na medida em que possibilitou a independência de todas as colónias portuguesas — não só Angola, mas também a Guiné-Bissau e Moçambique, e estes grandes triunfos tornaram possível no futuro, já previsível, a liberdade nos últimos bastiões do imperialismo e da supremacia branca, o Zimbabwé, a Namíbia e a África do Sul.

No nosso país, a África do Sul, a luta pela libertação nacional atingiu novas dimensões nos últimos tempos. As massas sul-africanos dão quase diariamente livre curso ao seu ódio contra todas as leis injustas e a falta de democracia — contra o regime fascista de Vorster.

O nosso povo demonstrou uma enorme coragem e determinação face à brutal opressão que chega a atingir o genocídio por parte da polícia. Mais de mil pessoas foram assassinadas pela polícia na sequência da manifestação de protesto que tendo começado de forma pacífica, foi dispersada com cargas à bastonada, gás lacrimogénio e balas. Desde os primeiros dias de luta, que esta se alargou imensamente e se espalhou de Soweto a todos os principais centros. Todas as camadas do nosso povo — estudantes e massas trabalhadoras — se movimentaram para a confrontação com o inimigo. De significado especial são as magníficas greves gerais de carácter político que envolveram mais de um quarto de milhão de trabalhadores e infligiram sérios golpes à economia racista.

Muitos elementos do nosso valente povo foram assassinados na prisão enquanto estavam incomunicáveis e muitos foram cruelmente torturados. Muitos milhares continuam nas prisões sul-africanos e aguardam ainda julgamento. No entanto, tudo isto deixou o povo mais determinado do que nunca a alcançar a liberdade. Nas batalhas que se desenvolvem, o nosso Partido, como parte da frente de libertação encabeçada pelo Congresso Nacional Africano, está consciente do seu vital papel de vanguarda e tem-se dedicado a intensificar os seus esforços revolucionários quaisquer que sejam os sacrifícios. O rápido crescimento dos últimos tempos mostrou uma vez mais que o nosso inquebrantável exemplo de luta durante os anos difíceis da última década ajudou a preparar o terreno para elevar a luta a um nível superior.

Sabemos que são Partidos como o vosso que continuam a apoiar decididamente a nossa luta e sabemos que podemos contar convosco no futuro como contámos, no passado, com a vossa ajuda.

Todos juntos de mãos dadas, a União Soviética, os países socialistas, os anti-imperialistas, os movimentos de libertação e a classe trabalhadora de todo o mundo, marcharemos rumo à paz, à independência nacional e ao socialismo.

Uma vez mais vos desejamos o maior êxito nas vossas resoluções e saudamo-vos dentro do espírito do verdadeiro internacionalismo proletário.

A luta continua!
A vitória é certa!
Viva o Partido Comunista Português!
Viva o Movimento Comunista Internacional!
Viva o Internacionalismo Proletário!

Armando López Salinas – Partido Comunista Espanhol

Camaradas:

Uma fraternal saudação em nome do PCE ao vosso VIII Congreso, uma saudação ao heróico PCP, vanguarda da classe operária e das forças populares deste País. Uma saudação ao camarada Cunhal. Já passou a negra noite do fascismo, em 25 de Abril de 1974 caíram Salazar e Caetano. Portugal conquistou as liberdades democráticas e abriu caminho para uma nova época, novos tempos na História do vosso Povo.

Pôs-se fim à guerra colonial e os povos da Guiné-Bissau e Cabo Verde, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Angola alcançaram a sua independência. Tudo isso foi e é uma grande contribuição à causa da democracia, do Socialismo, da revolução mundial.

Nos vossos já mais de 50 anos de História, na clandestinidade e nas condições da mais dura repressão, na luta contra o fascismo, que ainda não morreu totalmente no vosso País, que ainda vive no nosso, e por um sistema democrático, tendes estado à frente dos trabalhadores, à frente das massas, demonstrando a vossa capacidade de contribuir de uma maneira importante, com outras forças democráticas, para a solução dos problemas que se colocam ao Povo português.

Camaradas, nas diferentes condições políticas de Portugal e Espanha, encontrámo-nos nos longos anos de clandestinidade, nos longos anos de luta contra o fascismo. Temos na memória, ainda que a maioria dos comunistas, e dos antifascistas de Espanha de hoje não tivessem vivido a guerra civil, a vossa contribuição para a causa da Espanha popular, nas filas do Exército da República, a Revolta de Angra dos marinheiros comunistas.

Camaradas, gostaria de dizer algumas palavras sobre a Espanha de hoje. No meu país, depois de 40 anos de ditadura, de uma luta dura, difícil, alvorece já a democracia, a liberdade. Morreu Franco e chegou o primeiro governo da monarquia. Este caiu pela pressão das forças populares, das grandes greves dos trabalhadores e dos estudantes, pela luta dos profissionais, pela unidade da oposição forjada em torno da Coordenação Democrática e das plataformas unitárias das diferentes nacionalidades e regiões que compõem o Estado espanhol. Unidade dos comunistas com os camaradas do Partido Socialista Obreiro Espanhol, do Partido Socialista Popular, com o Partido Carlista, o Movimento Comunista, o Partido do Trabalho, a Organização Revolucionária de Trabalhadores, com a Esquerda Democrática e com as Comissões Obreiras, União Geral de Trabalhadores e União Sindical Obreira.

Agora temos o governo de Suarez, o governo da reforma. Um governo que fala de *referendum*, de eleições, de devolver a soberania ao Povo espanhol. Mas nós, os comunistas, e connosco todas as forças democráticas, dizemos que a democracia não é uma carta outorgada, que com as instituições herdadas da ditadura não é possível a mudança democrática, que é necessário a ruptura. Assinalamos que qualquer *referendum*, que quaisquer eleições, só serão válidas, só serão democráticas, se forem garantidas por um governo provisório de vasto consenso democrático, se forem garantidos os direitos da Catalunha, Galiza e Euzkadi. Se previamente a tudo isto houver liberdade para os partidos políticos, sem excepção, se houver liberdade sindical e uma amnistia total com o regresso de todos os exilados, entre eles os nossos camaradas Dolores Ibárruri e Santiago Carrillo.

No nosso último plenário do Comité Central, realizado em Roma, onde pela primeira vez apareceram em público todos os dirigentes do nosso Partido, decidimos abandonar as catacumbas. Hoje, ainda na ilegalidade, estamos a sair para a superfície, realizando assembleias, *meetings*, nos sítios onde podemos apresentar-nos abertamente perante o nosso Povo, ganhando a legalidade dia-a-dia.

Hoje a Espanha atravessa uma dupla crise, uma crise política e uma crise económica. Trava-se uma grande batalha pela democracia, pela liberdade. A classe operária em aliança com o campesinato e os assalariados, com as forças da cultura, caminha na vanguarda. Greves, manifestações, sucedem no dia a dia. A maioria do Povo espanhol, a sua classe operária, diz não a um milhão de desempregados, diz não a uma inflação de 20%, diz não a uma evasão de capital. Não há outra saída senão a liberdade, não há outra saída senão a democracia.

Camaradas, vou terminar. Os comunistas espanhóis desejam-vos os maiores êxitos nas tarefas traçadas neste vosso VIII Congresso, na construção de um novo Portugal democrático, no caminho do Socialismo e do Comunismo.

Pela amizade entre os nossos povos e os nossos Partidos, pelo internacionalismo proletário.

Viva o Partido Comunista Português!

Zahi Karkabi – Partido Comunista de Israel

Queridos camaradas:

Tenho a honra de lhes dirigir, em nome do Comité Central do Partido Comunista de Israel saudações fraternas, desejando ao vosso Congresso um trabalho frutuoso.

Camaradas:

O Médio Oriente continua a ser a área de tensão mais perigosa para a paz mundial. Os círculos dirigentes israelitas com o total apoio do imperialismo americano recusam todas as decisões do Conselho de Segurança e da Assembleia Geral das Nações Unidas para conseguir uma paz justa nesta área. Querem a anexação dos territórios árabes ocupados, servindo os interesses do imperialismo americano. Estabeleceram uma aliança racista com o regime racista da África do Sul e intervêm abertamente na guerra civil no Líbano.

O nosso Partido luta por uma paz justa, baseada na retirada de todos os territórios árabes ocupados em Junho de 1967, pelo reconhecimento dos legítimos direitos nacionais do povo palestiniano incluindo o direito a formar o seu próprio Estado.

O nosso Partido luta contra a repressão brutal da justa luta do povo nos territórios ocupados pelas forças de ocupação israelitas.

Apoiamos a política da União Soviética para resolver a crise no Médio Oriente e lutamos contra os incitamentos anti-soviéticos.

O nosso Partido luta contra a política oficial de discriminação racial contra a população árabe ou Israel.

A classe trabalhadora do nosso país aumenta a sua luta, através de greves contra o aumento dos preços e contra o abaixamento do nível de vida, causados pela política de guerra dos dirigentes sionistas ao serviço do imperialismo e do grande capital.

Desejamos ao glorioso Partido Comunista Português muito êxito na sua luta por um futuro feliz para a classe trabalhadora em Portugal.

Viva o heróico Partido Comunista Português!
Viva o internacionalismo proletário!
Viva a Paz!

Marcel Mofoma Okia – Partido Congolês do Trabalho

Queridos Camaradas:

Na ocasião da realização do próximo VIII Congresso do Partido Comunista Português, o nosso Partido, o Partido Congolês do Trabalho, felicita-vos pelas importantes conquistas revolucionárias conseguidas pelo Povo Português, nomeadamente a grande vitória do 25 de Abril de 1974 sobre a ditadura fascista. Estas actividades em prol do povo garantem-vos sempre a confiança e colocam-vos na vanguarda das forças progressistas de Portugal.

O vosso Congresso realiza-se num momento decisivo para o desenvolvimento da revolução mundial, pois cada vez mais os povos do Mundo dirigem as suas aspirações para as mudanças e para as grandes mutações no sentido da independência, da revolução e do socialismo.

O Partido Congolês do Trabalho está firmemente convencido de que os comunistas portugueses, que se encontram na vanguarda da classe operária e das massas trabalhadoras portuguesas, a despeito das presentes dificuldades em Portugal, estão determinados em travar o caminho a qualquer perigo de retorno ao fascismo e de construir um novo Portugal democrático a caminho do socialismo.

Gostaríamos de aproveitar esta ocasião para dirigir, em nome da classe operária congolesa, do povo revolucionário do Congo, da sua vanguarda, o Partido Congolês do Trabalho, e em nome pessoal, as nossas calorosas saudações aos camaradas delegados e ao Povo irmão de Portugal e desejar pleno sucesso nos trabalhos do vosso Congresso.

Viva a amizade e a cooperação entre o Partido Comunista Português e o Partido Congolês do Trabalho!
Viva a amizade e a solidariedade entre o Povo de Portugal e o Povo da República Popular do Congo!
Viva o internacionalismo Proletário!

O presidente do Comité Central do Partido Congolês do Trabalho

Comandante Marien N'Gouabi

Naim Nahhab – Partido Comunista Jordano

Caros camaradas:

É com grande prazer que o Comité Central do Partido Comunista Jordano vos dirige as mais calorosas saudações e os melhores votos ao glorioso VIII Congresso do Partido Comunista Português irmão, em nome de todos os comunistas e democratas dos nossos dois povos palestiniano e jordano.

Não há dúvida de que a convocação do Congresso representa um acontecimento extremamente importante na actual vida política do vosso povo e da vossa Pátria, especialmente num momento em que as confrontações e a luta de classes são agravadas pela ofensiva da direita reaccionária contra as conquistas socioeconómicas e políticas das massas populares portuguesas, conquistas alcançadas pela sua corajosa luta contra o regime fascista já derrubado.

Caros camaradas:

Seguimos com grande interesse e permanente simpatia a heróica luta do vosso Partido especialmente nas novas condições existentes em Portugal, conduzindo as massas trabalhadoras através da complexa luta por um novo Portugal democrático e próspero, luta essa que é a continuação do vosso brilhante e glorioso passado de mais de meio século debaixo da brutal repressão e perseguição do fascismo que visava os comunistas em especial. Tudo isto colocou justamente o vosso Partido na vanguarda da classe operária e das massas trabalhadoras portuguesas. Este facto foi confirmado mais do que nunca pela vossa actividade revolucionária e pelas vossas iniciativas para defender e aumentar as conquistas alcançadas nos campos socio-económico e político depois da liquidação do regime fascista.

Caros camaradas:

O nosso partido tem em alto apreço a vossa lealdade e adesão sincera aos princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário, assim como a vossa estreita camaradagem para com o Partido e a Pátria de Lénine, o que nós consideramos como um dos aspectos mais importantes da vossa responsabilidade para com os interesses do Povo português. Temos também em alto apreço a vossa luta de princípios contra o revisionismo, de esquerda e de direita.

Caros camaradas:

Permitam-nos aproveitar esta solene oportunidade para exprimir a nossa profunda gratidão pela vossa firme e activa solidariedade com a justa luta dos povos árabes contra a ocupação israelita e pela restauração dos legítimos direitos do Povo palestiniano, incluindo o direito a um Estado palestiniano independente.

Acerca da crise libanesa, consideramo-la sobretudo uma consequência da agressão israelita-imperialista contra o Movimento de Libertação Árabe e as suas conquistas, e, a este respeito, expressamos uma vez mais a nossa firme solidariedade com a justa luta das forças patrióticas e progressistas libanesas, incluindo o Partido Comunista Libanês irmão, pela unidade, soberania, e independência do Líbano, e em relação ao direito de o Movimento de Resistência palestiniano existir no Líbano e prosseguir a sua luta contra a ocupação israelita.

Defendemos a aplicação de um cessar-fogo activo e uma solução pacífica da crise libanesa em favor da unidade de todas as forças que se opõem ao imperialismo e à ocupação israelita.

Mas apesar de todas as dificuldades resultantes do aumento das actividades da reacção imperialista-sionista-árabe das suas conspirações e da reacção cúmplice de certos círculos da direita no Movimento de Libertação Árabe às manobras destas forças bem conhecidas, apesar de tudo isto esta justa luta, que tem o apoio das forças revolucionárias e amantes da Paz de todo o Mundo, à frente das quais a União Soviética e os outros Países Socialistas, será coroada pela vitória.

Temos em alto apreço, a este respeito, a recente iniciativa soviética para resolver a crise do Médio Oriente pelo recomeço da Conferência de Genebra com a participação de todas as partes interessadas, incluindo a OLP, único representante legítimo do nosso Povo palestiniano.

Uma vez mais permitam-nos desejar-vos todo o êxito para o vosso Congresso e os seus nobres objectivos revolucionários.

Viva o VIII Congresso do Partido Comunista Português.!
Viva a amizade dos nossos dois partidos!
Viva o internacionalismo proletário!
Viva o Comunismo!

Comité Central do Partido Comunista Jordano

Kasim Al Sharett – Partido Socialista Árabe Baas do Iraque

A Direcção Nacional do Partido Socialista Árabe Baas, deseja exprimir-vos em nome de todos os membros do Partido da Pátria Árabe os seus melhores votos por ocasião da realização do vosso Congresso. Também pretende exprimir a sua gratidão pelo convite para o vosso Congresso feito ao delegado do nosso Partido.

Todos os nossos camaradas seguem a vossa luta e actividade e têm no mais alto apreço as tarefas que empreendeis e os obstáculos que tendes de transpor – especialmente desde a queda do fascismo quando todo o mundo manifestou a sua solidariedade e apoio à vossa luta, desde a vitória em Abril de 1974 que foi o desfecho da vossa luta heróica contra a ditadura e o fascismo. Um grande número dos vossos lutadores e mártires foram sacrificados pela vitória da democracia.

O mais forte garante para a continuação da democracia depende, dialecticamente, dos partidos de esquerda e da sua capacidade de intervir eficazmente dentro do enquadramento dos programas revolucionários através dos quais a unidade do Povo pode ser conseguida. Esta interacção dos partidos de esquerda é o que faz diminuir a nossa ansiedade no que diz respeito ao futuro da democracia no vosso País e noutros países do mundo que estão em luta.

O Partido Socialista Árabe Baas exprime a sua gratidão pelo apoio dado por vós, comunistas portugueses, à causa da luta árabe pela unidade da pátria árabe tão dividida e que ocupa o primeiro lugar nas preocupações do nosso Partido e do Povo árabe.

A causa palestiniana está no centro da nossa luta e está relacionada com a luta geral do nosso Povo. A justa e definitiva solução deste problema deveria, na nossa opinião, estar ligada à liquidação de todas as instituições que ainda existem na Palestina ocupada numa base sionista e colonial e à criação de instituições democráticas baseadas no direito do Povo palestiniano à autodeterminação no seu país libertado.

Em relação ao que se passa no Líbano, é apenas uma fase da conspiração que a nação árabe enfrenta. As forças direitistas e isolacionistas do Líbano, em aliança com o sionismo, e de acordo com os esquemas imperialistas e reaccionários, desempenham o papel principal na conspiração contra os direitos do Povo palestiniano e da sua revolução armada.

Queridos camaradas:

O nosso Povo no Iraque, onde o nosso Partido encabeça o processo de transformação desde a revolução nacionalista e socialista de 17 de Julho, cumpriu com êxito as tarefas da revolução democrática. A unidade patriótica conseguiu-se através da resolução do problema, Kurdo, através da criação de organizações autónomas no Norte.

Além disso, a consolidação da unidade das forças progressistas no Iraque por meio da criação da frente nacional, patriótica e progressista, com base na Constituição Nacional, permitiu que a revolução mobilizasse o Povo para a construção da base material necessária ao socialismo.

Actualmente, não há exploração estrangeira no Iraque, nacionalizámos o petróleo e destruímos os monopólios. Estamos agora a cumprir um programa de industrialização e desenvolvimento. Avançámos com a Reforma Agrária e estamos de momento num período de criação de cooperativas e unidades colectivas, alargando os sistemas de irrigação e drenagem e cumprindo o Programa do Partido relativamente à electrificação do campo. Conseguimos ainda um avanço qualitativo com uma campanha nacional contra o analfabetismo existente no nosso Povo, e ainda de acordo com o Programa do Partido conseguimos o direito à educação grátis para as massas populares e para todos os níveis de educação.

Queridos camaradas:

O nosso Partido considera que a aliança entre o Movimento de Libertação Nacional e os países socialistas é um factor que não pode ser ignorado na luta contra o colonialismo e o imperialismo. Por esta razão, temos consolidado com firmeza as relações com os países socialistas, em especial com a União Soviética. Temos consolidado ainda as nossas relações com o movimento operário internacional, e apoiamos e solidarizamo-nos com os Movimentos de Libertação Nacional.

O nosso Partido crê que os povos do Terceiro Mundo conquistaram um papel importante no campo internacional e que a política de não-alinhamento tem desempenhado um importante papel. Os princípios e ideais da política do não-alinhamento harmonizam-se perfeitamente com o rumo do nosso Partido e da nossa Revolução.

Por fim, desejo grande êxito ao vosso Congresso.

Viva a amizade entre o Partido Socialista Árabe Baas e o Partido Comunista Português.

Salem Hassam Mohamed – Frente Nacional da RPD do Iémene

Camaradas,

Membros da mesa do VIII Congresso do Partido Comunista Português

Em nome da Organização Política Unida Frente Nacional da República Popular Democrática do Iémen, do seu Comité Central e do seu Bureau Político, temos o prazer de vos transmitir as mais cordiais saudações de camaradas, desejando os maiores êxitos para o vosso Congresso.

Queridos Camaradas,

O nosso Partido tem seguido com muita atenção todas as recentes mudanças na vida do Povo português e a sua longa e complexa luta contra o fascismo, em que o Partido Comunista Português foi uma força de vanguarda e decisiva nas mais duras condições que qualquer partido enfrentou.

O vosso Partido, rico de experiência e apesar de todas as dificuldades, continua coeso e unido, fiel às verdadeiras linhas do marxismo-leninismo. O movimento comunista internacional pode estar orgulhoso do Partido Comunista Português.

Estamos certos de que depois dos 55 anos da vossa luta, a classe operária e os camponeses não deixarão de construir uma sociedade livre da exploração do homem pelo homem.

Camaradas,

Depois da luta armada contra os colonialistas, sob a direcção do nosso Partido, a nossa independência foi conquistada em 1967, depois de 129 anos de colonialismo. Herdámos uma pesada herança dos colonialistas e em 1969 entrámos numa nova fase, depois da tomada do poder pela ala progressista da Frente Nacional. Obtivémos, desde então, muitos êxitos no campo económico, político e social, com muitos sacrifícios do nosso Povo e graças à ajuda fraternal dos países Socialistas, principalmente da União Soviética. Podemos hoje dizer que estamos a tomar medidas para a melhoria do nível de vida do nosso povo e, ao mesmo tempo, para defender a Revolução da conspiração imperialista, sionista e reaccionária.

É possível dizer que estamos a dar novos passos para levar a cabo mudanças sociais e económicas, na fase da nossa revolução democrática e nacional.

Tudo isto se passa sob a direcção da nossa Organização Política Unida Frente Nacional cuja ideologia é a da classe operária, reconstruindo a nossa sociedade com o espírito do verdadeiro nacionalismo e do internacionalismo proletário.

Camaradas

O imperialismo que foi derrotado pela luta corajosa dos Povos do Vietnam, do Laos, e do Camboja dos Povos de Angola, Moçambique e Guiné-Bissau e com a queda do fascismo e da ditadura em mais do que um país, concentra os seus ataques também noutras partes do Mundo, face ao crescente movimento revolucionário mundial.

O que está a acontecer no Médio-Oriente, aquilo que enfrenta a resistência palestiniana, e as forças nacionais progressistas no Líbano e os perigos que se verificam no Golfo Pérsico, tudo isto é parte da actividade do imperialismo. A Pérsia transformou-se num arsenal das mais modernas armas de guerra e envia os seus exércitos para Oman e invade e ocupa três ilhas árabes no Golfo Pérsico. Tudo isto ameaça a Paz não só nesta parte do globo, mas a própria paz mundial.

O nosso Partido, que é parte do movimento de libertação nacional árabe e ao mesmo tempo parte das forças revolucionárias mundiais insiste em que a paz no Médio-Oriente não é possível a não ser que sejam salvaguardados os êxitos já obtidos pelo Povo Árabe, que seja posto fim à ocupação sionista da terra árabe e que seja reconhecido o direito do Povo palestiniano à audodeterminação e à independência nacional, sob a direcção da Organização da Libertação da Palestina.

O nosso Partido mantém-se firme na sua posição de apoio à OLP e ao Povo de Oman face à ocupação e no apoio a todos os movimentos de libertação na África, Ásia, e América Latina.

Camaradas

O nosso povo orgulha-se das conquistas revolucionárias alcançadas pelo Povo português, através da sua luta corajosa e desejamos ardentemente fortalecer as relações fraternais entre os nossos dois Partidos e os nossos dois povos.

Viva a unidade dos movimentos revolucionários!
Viva o internacionalismo proletário!

IMAGENS

O camarada Nicos Kalunis, delegado do Partido Comunista da Grécia

O Partido Comunista de Espanha esteve representado pelo camarada Armando Lopez Salinas

Intervém a camarada Mireille Bertrand, do Partido Comunista Francês

O camarada Namsrain Luvsanravdan, do Partido Popular Revolucionário da Mongólia, entrega ao camarada Álvaro Cunhal ofertas para o nosso Partido

Solidariedade internacionalista

Uma imagem dos delegados de todo o País.

Frequentemente os delegados tomavam notas sobre as intervenções que ouviam

O camarada Gricher Filipov, membro do Bureau Político e Secretário do CC do Partido Comunista Búlgaro, agradecendo os vibrantes aplausos de todo o Congresso

O PAIGC, pela voz do camarada Vasco Cabral, sauda o Congresso do PCP

O camarada Aboim Inglês, membro do Comité Central interveio sobre as relações internacionais

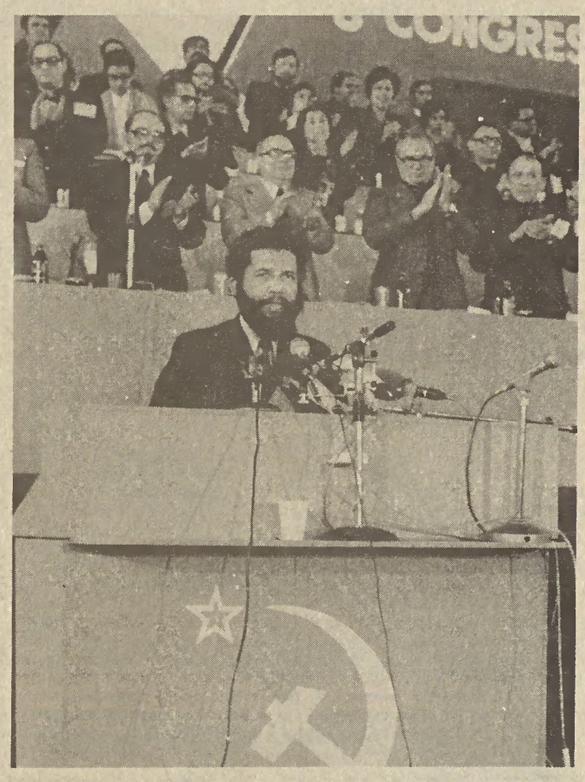
O camarada Dias Lourenço ao terminar o seu relatório sobre o «Avante!»

A delegação do partido irmão da Bulgária ofereceu um quadro representando George Dimitrov, um dos obreiros daquele partido

Unanimidade nas decisões — uma constante do Congresso

Entre os delegados estrangeiros: todos os continentes e a força do movimento comunista

O camarada Fonseca Veloso intervém em nome do MLSTP



A saudação proferida por Carlos Rocha, ministro da República Popular de Angola e membro do CC do MPLA foi frequentemente interrompida pelos aplausos

A saudação comunista secundou sempre os momentos altos do Congresso

James Jackson—Partido Comunista dos Estados Unidos

Camaradas:
O glorioso Partido Comunista Português foi sempre a chama inextinguível da esperança, que inspirava a resistência e apontava a saída durante a agonia da longa noite fascista em Portugal.

Em todas as fases de preparação e no decurso da Revolução Portuguesa o Partido Comunista Português desempenhou sempre o seu papel de vanguarda com honra e clarividência.

Aceitem, queridos camaradas, estas expressões sinceras do apreço e estima com que o vosso Partido e a sua direcção são tidos pelo Comité Central e todos os membros do Partido Comunista dos Estados Unidos da América. Dão-nos alento as vossas notáveis realizações, que estão a ser apresentadas neste VIII Congresso, e estendemos as nossas saudações a todas as delegações do vosso heróico Partido. Este VIII Congresso, que se caracteriza pelo aprofundado relatório do camarada Secretário-Geral Álvaro Cunhal, representa um marco decisivo na história da Revolução Portuguesa.

Os serviços prestados pelo Partido Comunista Português ao processo revolucionário em curso no vosso país são igualados pela contribuição do vosso partido ao fortalecimento do internacionalismo proletário sob a invencível bandeira do marxismo-leninismo na esfera da política internacional.

– Vocês ajudaram os povos Africanos a libertarem-se dos grilhetes imperialistas do colonialismo português!

– Vocês contribuiram para o fortalecimento dos laços da fraternidade dos trabalhadores e operários de todo o mundo para a solidariedade com o vitorioso povo trabalhador dos países socialistas em geral e da União Soviética em especial.

– Vocês chamaram a atenção do vosso povo para a necessidade capital de conquistar uma política externa que fortaleça a paz na Europa e reduza as tensões internacionais, e liberte as massas do fardo dos armamentos.

A causa sagrada da paz é tão ampla e internacional como o interesse dos povos na sobrevivência da raça humana.

No nosso tempo a luta pela paz tem uma profunda essência social e revolucionária.

As causas da paz e da liberdade estão indissoluvelmente ligadas. A paz serve a liberdade e precisa da liberdade. Nesta etapa é cada vez mais uma realidade manifesta que a única base economico-social sã da liberdade é o socialismo. O Socialismo é a principal base de apoio da paz e liberdade no mundo.

Correspondentemente não existe caminho para o socialismo que não passe pela luta, pela paz e liberdade.

Nos Estados Unidos, os eleitores acabam de afastar da Casa Branca Gerald Ford, o substituto do ex-presidente Nixon. Ao mesmo tempo a escassa margem de 2 % a favor de James Carter constitui um aviso de que o povo apresenta ao novo Governo exigências e não vivas gratuitos. O povo definirá a sua atitude em relação a Carter consoante a sua resposta face aos enormes problemas da crise em que o país se debate: Dez milhões de desempregados exigem emprego; a inflação galopante mina os salários dos trabalhadores e torna insuportável o custo de vida; as maiores cidades estão na falência; a segurança social e os melhoramentos públicos são reduzidos ou suspensos; nas cidades e no campo a qualidade de vida desce e a pobreza espalha-se pelo país, englobando não só os desempregados, mas amplos estratos de trabalhadores, grandes sectores da classe média e cerca de um terço da jovem geração que não tem nem emprego nem perspectivas de vir a ter no futuro. O resultado eleitoral não aliviou a incerteza e profunda preocupação por parte das massas sobre a equívoca posição governamental no que respeita à tomada de medidas positivas de cooperação com a União Soviética, à consolidação do desanuviamento no interesse da paz mundial, do progresso em direcção ao desanuviamento e nas boas relações no âmbito da comunidade internacional. Para além disso, a composição do voto de protesto contra o presidente em funções Ford, que foi para Carter, é por si só um mandato para a rápida promulgação de programas globais para eliminar a discriminação contra os 30 milhões de Afro-Americanos e 15 milhões das outras minorias nacionais e a proibição do racismo na vida do país.

À frente de luta socio-económica e política de massas, está e continuará agitada com acções exemplificadas pelas confrontações grevistas entre os operários e os monopolistas. As tensões da luta de classe não cessarão como consequência do resultado eleitoral. Pode-se estar seguros que se intensificarão para obrigar a respostas prontas do novo Governo, e será constantemente relembrado, que o deixar sem resposta as aspirações como a que se criou com a demissão de Lyndon Johnson e o afastamento de Agnew e Nixon.

Na recente campanha eleitoral o nosso Partido apareceu como um factor de importância nacional. 600 000 eleitores recenseados assinaram petições para dar ao Partido Comunista um lugar nos boletins de voto de 20 estados (incluindo o distrito da Colúmbia) onde reside a maioria da população. Este é o dado mais importante do papel do nosso Partido nas eleições. Em muito poucos lugares foram contados os votos nos candidatos comunistas. Não obstante, foi o programa eleitoral do Partido Comunista o único que durante a campanha levantou as questões e propôs as vias para a sua resolução. As soluções para os problemas mais urgentes, tal como foram apresentadas perante a nação por Gus Hall o Secretário-Geral e cabeça de lista no nosso Partido nas eleições Presidenciais, tornam-se agora no termo de comparação pelo qual os eleitores irão medir as suas expectativas face às acções dos vencedores.

Os desígnios agressivos e intrigas subversivas dos círculos imperialistas dos E.U.A. lançam uma sombra sobre cada celebração das conquistas democráticas e sociais dos povos e aponta a necessidade da vigilância constante e da resistência anti-imperialista.

Todas as medidas que a classe operária e forças democráticas de Portugal tomarem no sentido de defender a integridade da soberania do seu país e para assegurar a posse da sua economia e recursos naturais contra os monopólios trans-nacionais dos E.U.A. e pela explusão das bases militares dos E.U.A. do seu território, terá o apoio de todas as forças antimonopolistas e amantes da paz dos Estados Unidos. Lutar para tornar irreversivel o desanuviamento e estendê-lo para a questão da liquidação das bases militares no território de outros países a luta para se avançar na detenção da corrida aos armamentos e alcançar uma redução nos *"stocks"* de armas nucleares e outras armas mas terrificantes, é sem dúvida a questão central a nível internacional para abrir perspectivas de progresso social para os povos do nosso país.

Permitam-me, queridos camaradas, que desta tribuna do histórico VIII Congresso exprima a sincera solidariedade do nosso Partido e de todos os americanos de boa-vontade para com os povos de todo o Mundo, que que são vítimas do imperialismo dos Estados Unidos da América.

Fazemos todo o possível para expor, estigmatizar e denunciar a criminosa actividade de subversão e conspiração da CIA, centrada em Washington, apelamos aos povos a caminho da independência e do socialismo para que se mantenham vigilantes.

Juntamo-nos à indignada voz da opinião pública mundial, exigindo liberdade para Luís Corvalán que está nas prisões de Pinochet, bem como a liberdade para o Reverendo Ben Chavis que está numa prisão da Carolina do Norte.

Somos solidários para com a vaga crescente de luta pela libertação nacional dos povos oprimidos da África Austral. Denunciamos os racistas e regimes de "apartheid" rodesianos e sul-africanos.

Somos contra qualquer espécie de "diplomacia ronceira" que vise prolongar a crise do Médio Oriente e salvaguardar os interesses dos imperialistas na África do Sul, Namíbia, Zimbabwé.

Somos pela aplicação do acordo de Paris, por parte de Washington, que diz respeito à indemnização ao Vietnam, à ajuda na reconstrução das destruições que a guerra levada a cabo pelos E.U.A. impôs àquele nobre país.

O imperialismo dos E.U.A. e internacional permanecem o principal inimigo da paz e progresso dos povos. Enquanto tal se verificar – A Luta Continua!

E o PC dos E.U.A. levará sempre em frente a luta contra a sua própria burguesia!

Desejamo-vos novos grande êxitos, queridos camaradas, ao levarem avante o processo revolucionário na vanguarda da classe operária, campesinato, intelectuais e todas as forças populares portuguesas, da actual tarefa de consolidação e concretização das conquistas democráticas para a futura vitória do socialismo em Portugal.

Que a camaradagem entre os nossos dois partidos, que marcham sob a invencível bandeira do marxismo-leninismo, permaneça sempre firme.

Que a amizade e paz caracterizem sempre as relações entre os povos dos nossos dois países.

Viva o Partido Comunista Português!

Que a vitoriosa Revolução Portuguesa tenha a sua concretização democrática na vitória do socialismo.

Mel Doig—Partido Comunista do Canadá

Queridos camaradas portugueses:
Permitam-me, em nome do Partido Comunista do Canadá, do seu secretário-geral William Kashtan e do seu Comité Central, que transmita as calorosas saudações de camaradagem do nosso Partido a este grandioso VIII Congresso, ao vosso corajoso e militante Partido e ao seu secretário-geral, camarada Álvaro Cunhal, grande comunista, patriota e internacionalista.

A Revolução Portuguesa, que definitivamente pôs termo ao fascismo e ao colonialismo, contribuiu grandemente para o desenvolvimento positivo da situação internacional. Assim, a classe operária e as forças democráticas canadianas foram grandemente ajudadas na sua luta contra os monopólios e contra o imperialismo.

O Partido Comunista Português, vanguarda revolucionária da classe operária, do campesinato e de todos os trabalhadores do vosso País tem desempenhado sempre, mesmo nas condições mais difíceis, um papel essencial na Revolução Portuguesa. Na actual luta, para consolidar e alargar a democracia a caminho do socialismo, assim como nos longos e duros anos da vossa heróica luta para derrubar a ditadura fascista, o vosso Partido tem demonstrado basear-se inabalavelmente na classe operária e nas posições e princípios marxistas-leninistas.

As grandes conquistas da Revolução Portuguesa destruiram o poder do capitalismo monopolista português.

Hoje, no Canadá, o nosso Partido luta para levar os trabalhadores e as forças democráticas a porem termo ao domínio dos monopólios canadianos e estrangeiros no nosso País. O 23.º Congresso do nosso Partido, realizado apenas há um mês, adoptou uma política para alcançar esse objectivo – a política de uma alternativa democrática para a política de crise dos monopólios. Consideramos fundamental para esta tarefa a continuação do desenvolvimento da acção unitária da classe operária e das forças democráticas para salvaguardar o desanuviamento e para impedir os monopólios de aliviar os fardos da sua crise económica sobre as costas da classe operária canadiana.

A força crescente do socialismo e as mudanças no equilíbrio de forças que está a operar-se no mundo ajudam a mudar o equilíbrio de forças no Canadá a favor da classe operária e do movimento democrático.

Cada vez mais o povo trabalhador, camponeses, jovens, estudantes, mulheres e intelectuais, apoiam pedidos de mudança.

A classe operária está no centro da crescente luta antimonopolista. A prova disto está no facto de que pela primeira vez na história do Canadá – e na história da América do Norte – em 14 de Outubro passado, o movimento organizado de trabalhadores levou a cabo com êxito uma greve geral dirigida contra a política de controlo de salários do governo federal. Nesse dia, mais de um milhão de operários da indústria paralisaram as indústrias mais importantes. Precisamente por causa das grandes mudanças operadas não só no Canadá como internacionalmente, a reacção está a fazer todos os esforços para aumentar o anticomunismo e o anti-sovietismo.

Em face destes ataques, o Partido Comunista do Canadá luta para derrotar os ataques ideológicos do capitalismo monopolista e do imperialismo tal como luta contra o revisionismo e o oportunismo onde quer que se manifestem. Neste sentido, o nosso Partido continua a basear-se nos princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário para lutar pelo poder da classe operária.

Unimo-nos ao heróico Partido Comunista Português na luta em defesa da unidade do movimento comunista mundial na base do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário.

Lutamos ombro a ombro com o vosso Partido contra o anti-sovietismo, principal arma ideológica do imperialismo.

Camaradas:
O Partido Comunista do Canadá deseja-vos êxito completo nos trabalhos do vosso VIII Congresso. Estamos confiantes em que as suas decisões resultarão na consolidação das grandes conquistas da Revolução Portuguesa.

Viva o Partido Comunista Português! Possa ele guiar vitoriosamente a classe operária portuguesa e as massas populares na luta pela consolidação da democracia a caminho de um Portugal socialista!

Viva a profunda e fraterna amizade entre o Partido Comunista Português e o Partido Comunista do Canadá!

Viva o Internacionalismo Proletário!

Jogendra Sharma
Partido Comunista da Índia

Caros camaradas:

O Conselho Nacional do Partido Comunista da Índia envia as suas calorosas e fraternais saudações aos delegados e participantes no 8.º Congresso do Partido Comunista Português e a todos os comunistas de Portugal.

Alegra-nos particularmente relembrar, nesta ocasião, a história militante e heróica do Partido Comunista Português, nascido há 55 anos sob o impacto da Grande Revolução Socialista de Outubro.

Toda a história do Partido Comunista Português é uma saga de luta contra a bárbara repressão fascista e contra as perseguições das forças da reacção. É uma saga de dedicação constante às ideias do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário.

O Partido Comunista Português travou uma heróica e abnegada luta durante o mais longo período de opressão fascista que qualquer país já sofreu. O vosso Partido travou essa luta durante cerca de 5 décadas sob condições tremendamente difíceis e demonstrou saber utilizar uma flexível combinação de formas de luta legal, semilegal e ilegal. Foi o trabalho e a actividade do vosso Partido que culminou na grande Revolução de 25 de Abril de 1974. Estamos particularmente honrados por saber que foi a acção altamente mobilizadora e educativa, praticada pelo vosso Partido dentro do verdadeiro espírito do internacionalismo proletário, que forjou os elos de solidariedade entre as forças antifascistas em Portugal e os povos que lutaram e lutam nas ex-colónias oprimidas de África, elos esses que encontraram eco no seio das Forças Armadas.

Neste contexto recordamos orgulhosamente que o Povo indiano, durante a libertação de Goa (o último vestígio colonial em solo indiano) criou e estabeleceu, durante a sua luta contra o inimigo comum, fascista e imperialista, fortes laços de amizade e solidariedade com o corajoso Povo português que derrotou definitivamente o longo regime fascista.

Durante os últimos dois anos e meio, desde o renascer da democracia em Portugal, o vosso Partido, com firmes raízes na classe operária, levantou bem alto a sua bandeira por entre o avanço consistente dos processos postos em movimento com a Revolução antifascista do 25 de Abril. O vosso Partido teve que continuar esta heróica luta no meio de dificuldades sem precedentes.

Todo o ódio das forças fascistas e anticomunistas em Portugal e todo o papel divisionista da social-democracia de direita concentraram-se contra o vosso Partido devido ao papel de vanguarda que desempenhou e desempenha na vida da nação renascida. O nosso Partido sente grande admiração pela vossa actividade durante este período e transmitimos a nossa mais fraternal solidariedade e apoio à política do vosso Partido.

A política do PCP conduziu a vitórias significativas que, progressivamente, estão sendo reconhecidas por cada vez maior número de sectores.

Vivemos num mundo em que se verificam grandes mudanças na correlação de forças contra o imperialismo e a reacção e a favor das forças da paz, da democracia e do socialismo. A histórica Conferência de Helsínquia para a Segurança e Cooperação na Europa, a criação do Vietname Socialista Unificado, a vitória de Angola e o súbito ressurgimento da luta armada dos combatentes pela liberdade na África austral são reflexos das mudanças na arena mundial. O vosso Partido pode justamente orgulhar-se da sua contribuição para este processo histórico.

Desesperados com os retrocessos e as derrotas, os sectores mais agressivos do imperialismo estão a recorrer a novas conspirações contra os povos e contra a paz mundial. O nosso País, a Índia, tornou-se um dos principais alvos da política imperialista de desestabilização. A proclamação do estado de emergência na Índia, em Junho do ano passado, e a comunicação do programa económico de 20 pontos do primeiro-ministro Indira Gandhi, foram um balde de água fria para os conspiradores reaccionários. Mas eles continuam as suas manobras e a ofensiva noutros moldes.

A situação no nosso País continua complexa. Têm-se verificado grandes avanços positivos por parte das forças progressistas, incluindo importantes modificações radicais na Constituição indiana, recentemente aprovada pelo Parlamento, ao mesmo tempo que a ofensiva dos poderes estabelecidos e dos seus representantes políticos criava sérios e perigosos motivos de desestabilização. O nosso Partido prossegue a política de fortalecimento de uma vasta unidade das forças patrióticas e progressistas no País, particularmente a unidade entre o Partido do Congresso Nacional da Índia e o Partido Comunista da Índia, para levar por diante e consolidar os factores positivos, controlando e combatendo os factores negativos. A estreita amizade e a cooperação entre a Índia e a União Soviética e outros países socialistas, bem como o firme papel que o Governo de Indira Gandhi desempenha, são factores poderosos que ajudam a causa do progresso social do nosso País.

Temos confiança em que o vosso Congresso e as sérias deliberações tomadas numa época crucial da História de Portugal e do mundo terão um papel poderoso no fortalecimento das forças da paz, da liberdade e do socialismo.

O nosso Partido reafirma-vos a sua completa solidariedade e apoio na vossa heróica e nobre luta. Desejamos todos os êxitos ao vosso Congresso.

Viva o Partido Comunista Português!

Viva a solidariedade e cooperação entre o Partido Comunista Português e o Partido Comunista da Índia!

Viva o marxismo-leninismo!
Viva o internacionalismo proletário!

A. Schjerning
P.C. da Dinamarca

Queridos camaradas:

Em nome do Comité Central do Partido Comunista da Dinamarca tenho o prazer de comunicar ao vosso magnífico VIII Congresso as nossas saudações fraternas.

Saudamos o Partido Comunista Português, vanguarda da classe operária portuguesa.

Todas as forças progressistas da Dinamarca compreenderam imediatamente a importância histórica da revolução levada a cabo no dia 25 de Abril de 1974, pelo Movimento das Forças Armadas e pelo povo. Tinha sido desencadeado o processo de liquidação do mais antigo regime fascista da Europa e do último império colonial.

Temos seguido as conquistas da Revolução Portuguesa com entusiasmo. A Reforma Agrária, as nacionalizações, e todas as outras conquistas.

Vimos também, com indignação, como o imperialismo e a reacção tentaram minar e destruir a Revolução Portuguesa. Foi com um sentimento de revolta que vimos dirigentes sociais-democratas do nosso país tomarem parte activa neste jogo sujo.

Mas asseguramo-vos, camaradas portugueses, que a classe operária dinamarquesa e todas as melhores forças do nosso povo apoiam com firmeza as conquistas democráticas em Portugal.

Isto ficou claramente demonstrado durante a campanha de solidariedade "Um tractor para Portugal", organizada por 30 Sindicatos dinamarqueses para apoiar a Reforma Agrária e o o campesinato contra os latifundiários fascistas e os seus aliados.

Estudámos com grande interesse as Teses, discutidas com tanto entusiasmo no vosso Partido antes deste Congresso.

Estamos convencidos que este Congresso significará mais um passo em frente na luta para a consolidação e o alargamento das conquistas dos trabalhadores portugueses.

Viva a solidariedade entre a classe operária dinamarquesa e portuguesa!

Viva o heróico Partido Comunista Português!

S. Mahajan—Partido do Congresso Nacional Indiano

Camarada Álvaro Cunhal e Amigos,

Trago a este Congresso do Partido Comunista Português as felicitações e saudações do meu Partido — o Partido do Congresso Nacional Indiano. Fundado em 1885, o Congresso Nacional Indiano tem travado uma longa e árdua luta pela libertação da Índia do domínio imperial. Foi durante a luta pela liberdade que as atitudes básicas e a política do nosso Partido foram estabelecidas. Mahatma Gandhi e outros grandes chefes do nosso movimento nacional disseram, muito antes de termos alcançado a nossa independência, que a emancipação política só teria um amplo e positivo significado para os milhões de habitantes do nosso país se fosse seguida por uma transformação fundamental da nossa sociedade e da nossa economia. Quando alcançámos a nossa independência em 1947, o Congresso, no qual a grande maioria do povo da Índia depositou a sua confiança durante cinco eleições gerais sucessivas, tem lutado para conseguir tais transformações através de meios pacíficos. Compreendemos que a criação de uma sociedade mais justa e equilibrada na Índia não era somente uma meta desejável mas também uma condição essencial para o completo desenvolvimento e expansão económica. O nosso Partido aceitou portanto, há alguns anos, o objectivo da criação de uma sociedade socialista. Estamos agora a fazer emendas na nossa Constituição para adoptar o socialismo como foi declarado "como meta a atingir" no Estado Indiano.

Há poderosas forças da reacção fora e dentro do país que tentam opor-se e destruir os nossos objectivos nacionais. Sempre activos no seu nefasto jogo começaram recentemente a fazer avançar a sua campanha contra os nossos esforços os quais muitas vezes se traduzem por campanhas contra o nosso Primeiro-Ministro Madame Indira Gandhi. Na medida em que avançamos determinadamente no progresso económico e na mudança social, as actividades dos vários interesses e dos reaccionários assumem novas formas. Para lá das já conhecidas forças do fascismo e da reacção das direitas, no nosso país, há alguns grupos que se apresentam com rótulos progressistas mas, na realidade, servem os interesses da reacção local e internacional, conspirando de modo a criarem o caos e a anarquia no país, de modo a destituírem violentamente o governo legalmente eleito. A nossa nação está, no entanto, confiante que debaixo da governação do nosso Primeiro-Ministro Sr.ª Indira Gandhi ultrapassaremos todos os obstáculos que nos colocarem no caminho do progresso e da nossa marcha para uma próspera, justa e imparcial sociedade na Índia.

Sabemos que a luta pela Paz e Progresso no mundo é indivisível. Por isso o nosso Partido colabora com todos os anti-imperialistas, antifascistas, e as forças democráticas e progressistas de todo o mundo.

O nosso grande chefe Jawaharlal Nehru, determinou para a Índia a política de não alinhamento nos negócios internacionais. Para nós essa política não significa só que não participamos em alianças militares mas também que lutamos activamente pela manutenção da Paz Mundial, pela amizade entre as nações, pela erradicação das raízes de tensão e conflito no mundo.

O Congresso Nacional da Índia tem, portanto, consistentemente apoiado e encorajado todos os movimentos anti-imperialistas, anti-racistas e antifascistas nas diferentes partes do mundo.

Uma grande saga da luta da humanidade contra o imperialismo e o fascismo tem sido escrita nesta linda terra. O Partido Comunista Português, sob heróica orientação apostou-se numa inexorável luta contra o fascismo e desempenhou um papel muito significativo na reafirmação da democracia e liberdade política em Portugal. Como sabem, o Congresso Nacional da Índia levantou as suas vozes contra o fascismo já em 1930 quando as negras forças começaram a levantar as suas cabeças em certas partes da Europa. Naturalmente, nós juntamo-nos a todas as outras forças progressistas do mundo no regozijo pelo fim dos últimos vestígios do fascismo na Europa.

Posso acrescentar que o Povo Indiano tem uma longa e histórica ligação com o Povo de Portugal.

O êxito da luta do Povo português contra o fascismo tem, portanto, sido notada com satisfação pelo Povo da Índia. Permitam-me uma vez mais que exprima em nome do Congresso Nacional Indiano, as nossas felicitações ao vosso Partido e a Álvaro Cunhal pelos êxitos já obtidos, na concretização da revolução democrática em Portugal e também os nossos votos para os vossos esforços que estão realizando no sentido de criarem um Portugal estável, democrático e progressista.

Toumany Sangare—Partido Democrático da Guiné

Camaradas:

A delegação do Partido Democrático da Guiné (PDG) sente-se feliz e honrada de poder participar de maneira efectiva, que ela deseja positiva, neste Congresso histórico, o VIII Congresso do PCP.

A nossa delegação traz ao corajoso Povo português as saudações fraternais e amigas do heróico Povo da República da Guiné.

Trazemos também a saudação militante e revolucionária do Partido Democrático da Guiné, Partido-Estado da Guiné, ao glorioso PCP e ao seu VIII Congresso, Congresso de responsabilidade, Congresso da verdade histórica cujos objectivos maiores exigem que só o Povo trabalhador de Portugal exerça todas as atribuições de soberania e se encaminhe pela via da Revolução económica e social para liquidar toda a exploração do homem pelo homem.

O camarada secretário-geral do PDG, responsável supremo da Revolução guineense e presidente da República da Guiné, camarada Ahmed Sékou Touré, encarregou-nos pessoalmente de transmitir aos corajosos dirigentes do PCP e em particular ao secretário-geral do PCP, camarada Álvaro Cunhal, os seus sinceros e calorosos sentimentos militantes, a sua admiração profunda pelo grande combate que travaram, à custa de mil sacrifícios, para liquidar a ditadura fascista que torturou o Povo português durante mais de meio século e pela sua solidariedade activa para com os movimentos de libertação: o PAIGC (na Guiné-Bissau e nas Ilhas de Cabo Verde); a Frelimo (em Moçambique); o MPLA (em Angola) e o MLSTP (em São Tomé e Príncipe).

Camaradas militantes do PCP:

Depois de mais de 50 anos de clandestinidade, eis-vos reunidos em plena liberdade para fazer o balanço do grande e difícil caminho percorrido durante os dias sombrios do fascismo e para indicar ao vosso glorioso Partido novas tarefas para um Portugal novo, correspondendo às profundas aspirações das massas trabalhadoras portuguesas. E é por isso que nós estamos convencidos de que as palavras de ordem deste Congresso, a saber: Independência Nacional; Reforma Agrária em Benefício dos Camponeses Pobres; Nacionalização dos Meios de Produção de Todos os Sectores Básicos da Economia Nacional; Controlo Efectivo pelos Trabalhadores de Todas as Actividades Produtivas do País – mobilizarão totalmente em torno do PCP todas as forças vivas de Portugal.

A presença ao vosso lado da imensa maioria dos Partidos Comunistas e dos Partidos progressistas e revolucionários do Mundo é a prova certa da vitória muito próxima do heróico PCP e da liquidação do imperialismo internacional que apesar das estrondosas derrotas e do seu recuo irreversível tenta em vão, tal como uma fera agonizante, agarrar-se desesperadamente a posições vacilantes recorrendo aos mais pérfidos, mais baixos e mais bárbaros métodos.

O VIII Congresso do PCP desenrola-se num momento em que a África chega a uma fase fulgurante da sua história, um momento crucial da sua existência na parte austral (na Namíbia, Zimbabwé e na África do Sul) onde o imperialismo internacional acossado e atormentado, com uma obstinação tão cega como estúpida, tão teimosa como ridícula, tenta permanecer senhor que tudo decide e tudo governa apesar da acção e da vontade dos povos irmãos em armas. O imperialismo internacional, o fascismo, o racismo, o «apartheid», forças retrógradas e reaccionárias, juntaram-se para estrangular o processo inevitável da libertação total de África, desde há muito submetida, explorada e humilhada por estes vampiros sedentos que juraram de a sugar. Eles querem golpear mortalmente os países progressistas da África para estrangular a vontade de libertação dos povos africanos e diminuir a sua combatividade. Assim se explica hoje a agressão permanente e cobarde de que são vítimas Moçambique, Angola, Tanzânia e a Zâmbia.

Eles esquecem deliberadamente que a África já atingiu a maioridade, criando confusão, caluniando os verdadeiros amigos dos povos africanos. É neste contexto que falam do perigo comunista na África Austral e de «regimes totalitários».

Camaradas, a África sabe hoje melhor que ontem quem são os verdadeiros amigos e quem são os verdadeiros coveiros da sua independência, da sua dignidade e da sua personalidade.

Também a nossa delegação, em nome do Povo militante da Guiné, do seu Partido-Estado, o PDG, e do seu estimado líder, o pai da nação guineense, o camarada Ahmed Sekou Touré, aproveita esta ocasião solene para prestar uma justa homenagem à URSS, à República Socialista de Cuba e a todos os países socialistas pela ajuda absolutamente desinteressada e rigorosamente conforme a linha e os princípios do internacionalismo socialista e revolucionário à República Popular de Angola. A URSS e Cuba socialista teriam atraiçoado o campo socialista, ou seja a sua própria causa, se não tivessem respondido ao apelo do Povo combatente de Angola, através do seu governo legítimo e legal.

Em conclusão, dizemos que a situação está a partir de agora muito clara: por um lado o imperialismo internacional, os seus lacaios e fantoches africanos que querem perpetuar o seu domínio sobre a Namíbia, o Zimbabwé e a África do Sul e impor o neocolonialismo aos Estados progressistas de África; por outro lado os países do campo socialista e todas as forças progressistas do mundo que querem pôr fim ao colonialismo, ao neocolonialismo e à agressão imperialista estrangeira.

A nossa delegação sente-se feliz e orgulhosa ao dizer-vos que a República da Guiné se situa na vanguarda da luta anti-imperialista, anticolonialista, antineocolonialista em África, para a construção do socialismo, a única via justa para o progresso democrático e social dos Povos!

A República da Guiné, com o seu invencível Partido de vanguarda, o PDG, vencedora do imperialismo internacional no dia 22 de Novembro de 1970, quando da pérfida agressão imperialista e fascista, já cavou o túmulo do imperialismo que terá dentro em breve um enterro de primeira categoria em África!

Camaradas:
O relatório eminentemente corajoso e denso do secretário-geral do PCP, camarada Álvaro Cunhal, relatório rico de preciosos ensinamentos indica-nos com clareza as grandes vitórias alcançadas pelo PCP e as imensas tarefas que esperam todos os militantes do vosso Partido, tarefas que estamos certos serão completamente realizadas, sob a direcção lúcida e firme dos vossos eminentes dirigentes sempre inspirados e guiados pelo marxismo-leninismo.

O consciente entusiasmo dos congressistas traduz melhor que tudo a adesão unânime dos militantes comunistas portugueses à linha do Partido e a sua vontade inquebrantável de avançar para a vitória da Revolução em Portugal.

Camaradas comunistas portugueses, podeis contar inteiramente com a solidariedade militante e activa do Povo revolucionário da Guiné que vos deseja muita coragem, perseverança e vontade para liquidar todas as forças reaccionárias e retrógradas em Portugal.

Pela construção de um mundo de Paz na liberdade e na dignidade por todos os Povos!

Pelo triunfo do Socialismo!

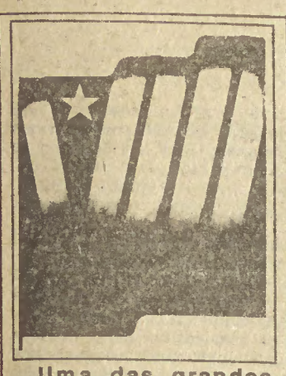
Exprimimos os nossos mais ardentes votos pelo pleno sucesso do VIII Congresso do PCP!

Viva a solidariedade revolucionária e activa entre os povos!

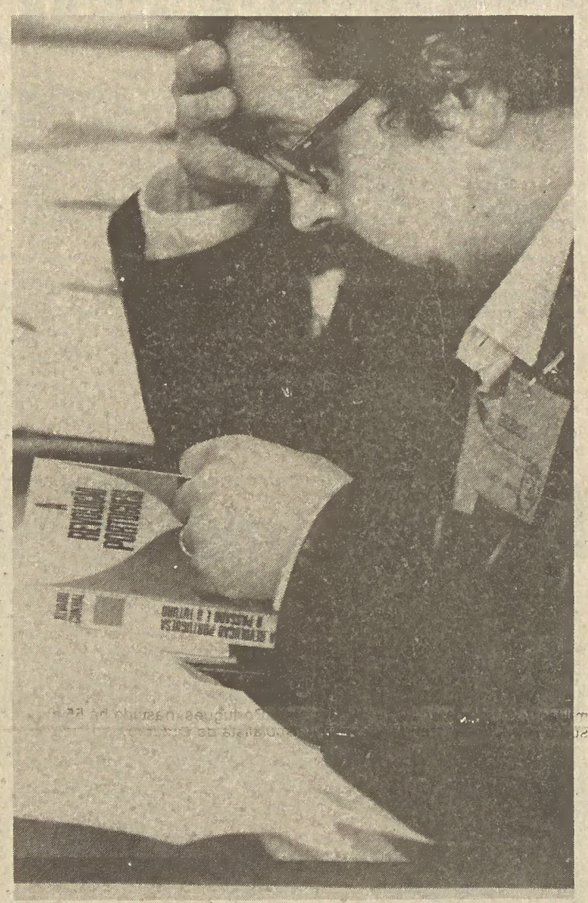
Viva o histórico VIII Congresso do PCP!

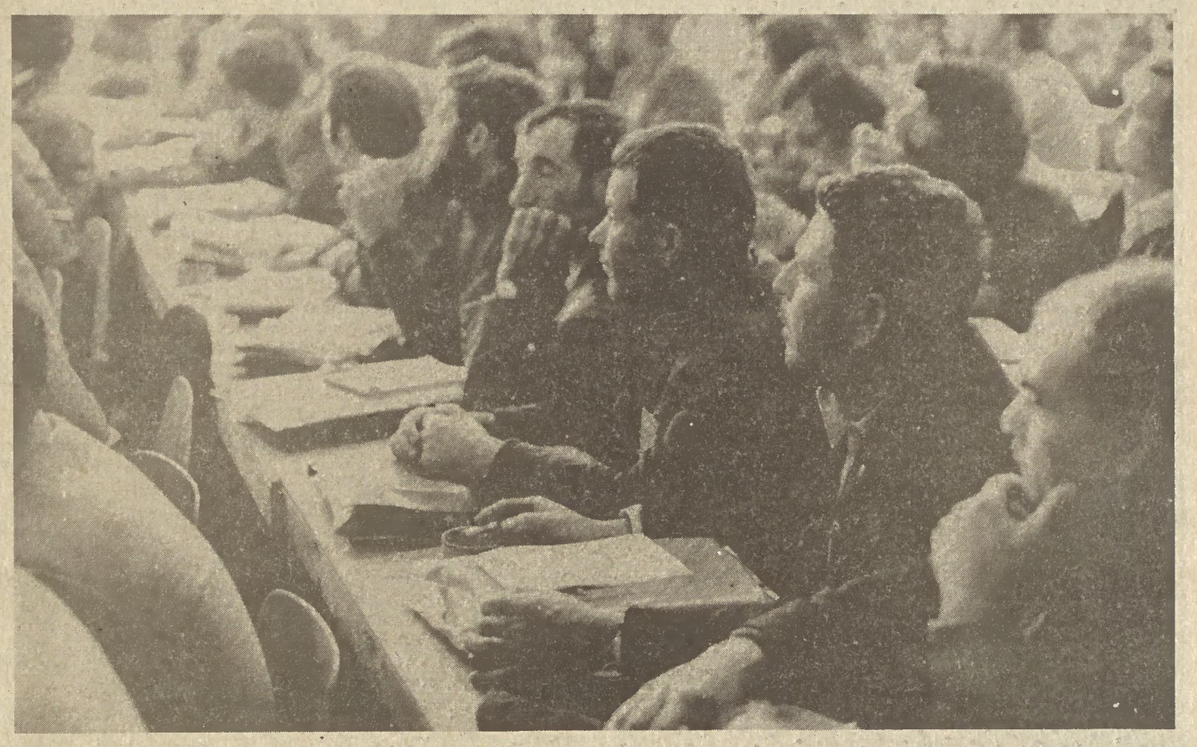
Honra e glória ao socialismo libertador!

Prontos para a Revolução!



Uma das grandes constantes do VIII Congresso – ponto culminante de um intenso debate em todo o Partido, um debate amplo, profundo, democrático, de que todos nos orgulhamos – foi a completa unidade . Do militante de base ao membro do Comité Central, a vontade, a firmeza e a determinação apontam num mesmo e único sentido: lutar, à custa de todos os sacrifícios, por um Portugal mais livre, mais feliz, mais próspero!





Cornel Burtica – Partido Comunista Romeno

Queridos Camaradas,

Em nome do Partido Comunista Romeno, do seu Secretário Geral, Camarada Nicolae Ceausescu, dos trabalhadores da República Socialista da Roménia, dirigimos uma calorosa saudação de camaradas aos delegados ao Congresso do Partido Comunista Português, a todos os comunistas portugueses, aos trabalhadores de Portugal.

É para nós sumamente grato sublinhar também, nesta oportunidade, o desenvolvimento das relações de amizade, de solidariedade e de colaboração entre os nossos dois partidos, a contribuição notável dos encontros e conversações entre os Camaradas Nicolae Ceausescu e Álvaro Cunhal para o desenvolvimento destas relações.

Expressando a satisfação pela evolução ascendente das relações entre a República Socialista da Roménia e Portugal, desejamos que, no espírito do Tratado de Amizade e colaboração, as relações romeno-portuguesas conheçam uma contínua ampliação e diversificação no âmbito político, económico, técnico-científico, cultural e em outros domínios, o que corresponde aos interesses dos dois povos, à causa da paz, segurança, colaboração e progresso na Europa e no Mundo.

Solidários com a luta do povo português, tanto no período obscuro da ditadura fascista, como também após os acontecimentos de 25 de Abril de 1974, que saudamos calorosamente, os comunistas romenos, todo o nosso povo, seguem com simpatia a actividade dos comunistas, de todas as forças progressistas, democráticas e patrióticas pela defesa e consolidação das conquistas revolucionárias e o avanço do povo português por uma nova via, de acordo com as suas aspirações vitais, com a sua vontade de liberdade, independência, democràcia e progresso social.

Queridos Camaradas,

Actualmente, todo o povo romeno está comprometido numa ampla actividade de realização das decisões do XI Congresso do partido sobre a edificação da sociedade socialista multilateralmente desenvolvida e avanço da Roménia para o comunismo. O recente Plenário do Comité Central do nosso partido destacou que nos primeiros dez meses do sexto quinquénio a produção industrial aumentou em mais de 11%, sendo previsto para 1977 um crescimento de 10,5%. Na agricultura, a produção de cereais chegará a cerca de 19-20 milhões de toneladas, a maior de toda a história da Roménia.

O novo plano quinquenal prevê o desenvolvimento e modernização num alto ritmo da base técnico-material, a participação intensa do país na divisão internacional de trabalho, a elevação contínua do nível de vida material e espiritual do povo. Actuamos, também, na direcção do aperfeiçoamento das relações de produção e sociais, da criação de formas de organização para a participação activa dos trabalhadores na direcção da sociedade, pelo melhoramento de toda a actividade ideológico-educativa e elevação da consciência socialista, para assegurar o florescimento multilateral da personalidade humana.

No espírito das directivas do XI Congresso, a Roménia desenvolve amplamente as relações de amizade e colaboração com os países socialistas, amplia as relações com os países em via de desenvolvimento e, no espírito dos princípios da coexistência pacífica, fortalece as ligações com os países capitalistas desenvolvidos, participa activamente na vida internacional, leva a sua contribuição à luta dos povos para um mundo melhor e mais justo, pela liberdade e independência nacional, pela paz e socialismo.

No Mundo produzem-se profundas transformações revolucionárias, sociais e nacionais; tiveram lugar mudanças fundamentais na relação de forças no âmbito mundial em favor do socialismo e da paz. Afirma-se cada vez mais fortemente a vontade dos povos de pôr fim à antiga política imperialista, colonialista e neocolonialista de dominação, de passar a ser donos das suas riquezas nacionais e dos seus destinos, pela realização de uma política nova, fundada na igualdade de direitos, no respeito da independência e soberania nacional, na eliminação da força nas relações entre Estados, no direito dos povos de conviver e colaborar em paz e segurança. Tudo isso possibilitou a inauguração na vida internacional do novo curso para a distensão, que se encontra no seu início e não passou a ser irreversível. Existem forças reaccionárias que podem pôr em perigo a paz e segurança dos povos. Entrada numa nova fase, a crise geral do capitalismo abarca todas as esferas da vida social, leva à agudização cada vez mais profunda das contradições do mundo capitalista, acentuando a instabilidade da situação internacional. A corrida armamentista atingiu proporções sem precedentes. Acentua-se a diferença entre os países desenvolvidos e os países em via de desenvolvimento. No Mundo persistem focos de tensão e conflito. Para solucionar, no interesse dos povos, os problemas principais da vida contemporânea impõe-se a intensificação da luta unida das massas pela paz e desarmamento geral e em primeiro lugar pelo desarmamento nuclear, pela liquidação do subdesenvolvimento, por uma nova ordem económica internacional, para novas relações democráticas entre Estados, pela extinção por via política de todas as fontes de tensão e conflito, por entendimento e colaboração entre povos.

No nosso continente, onde estão concentradas as mais importantes forças militares e armamentos, incluído armamento nuclear, impõe-se o crescimento da participação das massas populares, dos partidos e forças democráticas, progressistas e anti-imperialistas, pelo respeito e aplicação estrita por todos os Estados participantes, dos princípios e previsões inscritas na Acta final da Conferência de Helsínquia, pela realização de novos passos na via da segurança e da paz. Estamos pela adopção de medidas concretas de desanuviamento militar e desarmamento no continente, pela redução dos orçamentos e dos efectivos militares, pelo desenvolvimento livre da colaboração económica, pela ampliação dos intercâmbios científico, cultural, dos contactos humanos e em outros domínios entre os Estados europeus, pela criação de condições com vistas à liquidação concomitante dos blocos militares.

No espírito das decisões do XI Congresso, o Partido Comunista Romeno desenvolve amplamente as relações de amizade e solidariedade com os partidos comunistas, amplia as suas relações com os partidos socialistas, social-democratas, com os movimentos de libertação nacional, com os partidos e organizações democráticas, progressistas dos países em via de desenvolvimento, com outras forças políticas e orgnizações democráticas amantes da paz, sublinhando a necessidade do entendimento e união dos seus esforços no âmbito nacional e internacional na luta por transformações inovadoras na vida da sociedade, pela democratização das relações entre Estados, pelo desenvolvimento livre e independente de cada nação na via do progresso e civilização, pelo triunfo da causa da paz e do socialismo.

Deste modo, estimamos que o desenvolvimento e a continuação das relações de camaradagem, de estima e apreço recíproco, entre os nossos dois partidos é destinado a contribuir à intensificação da colaboração em vários planos entre a Roménia e Portugal, servindo os interesses dos nossos povos, da unidade e solidariedade do movimento operário, progressista e democrático internacional.

Fazemos votos, queridos Camaradas, de pleno êxito no desenvolvimento dos labores do Congresso, no cumprimento das decisões que serão adoptadas como também na vossa actividade consagrada ao bem-estar e felicidade do povo português.

Mirko Popovic – Liga dos Comunistas da Jugoslávia

Camaradas,

Permitam-me que aproveite esta oportunidade para dirigir calorosas saudações aos delegados ao Congresso do Partido Comunista Português.

Em nome do Comité Central da Liga Comunista da Jugoslávia, desejo-vos os maiores sucessos no vosso trabalho e na vossa actividade futura.

Os comunistas e o povo trabalhador do nosso País seguiram atentamente a actividade do Partido Comunista Português na longa luta contra a ditadura fascista que foi derrubada pelo Movimento das Forças Armadas com o apoio activo das forças progressistas de Portugal, iniciando o processo de alterações revolucionárias e a transformação democrática da sociedade portuguesa. Gostaria de acentuar a dívida de gratidão que o movimento operário e as forças democráticas de todos os países têm para convosco pela longa e activa luta que vós e outras forças progressistas de Portugal levásteis a cabo contra o fascismo. É um prazer sublinhar o papel desempenhado pelo vosso Partido e por outras forças progressistas de Portugal no processo de descolonização e no apoio dado à luta pela libertação nacional dos povos de Angola, Guiné-Bissau, Moçambique, Cabo-Verde e S. Tomé e Príncipe. Queria também realçar os esforços que estais fazendo para o reforço e consolidação do processo de democratização da sociedade portuguesa pela preservação das conquistas da Revolução e pelo direito do Povo português ser soberano na sua escolha das formas de desenvolvimento e ordem social sem qualquer interferência. Gostaria de realçar a nossa satisfação pelo frutuoso desenvolvimento da cooperação fraterna entre os nosso dois partidos; para este fim em muito contribuiu a recente visita do camarada Álvaro Cunhal, secretário-geral do PCP, à Jugoslávia e o encontro com o camarada Tito e outros membros destacados da LCJ.

Camaradas,

A situação mundial nos nossos dias é caracterizada por uma crise do capitalismo e ao mesmo tempo pelo fortalecimento das forças progressistas e do socialismo como processo universal.

A riqueza de formas e caminhos constitui o traço dominante da luta actual das classes trabalhadoras e outras forças progressistas pela transformação social e o progresso geral e é o resultado da existência de diferentes condições sociais internacionais e o grau variado e desigual de desenvolvimento das forças produtivas no mundo. Socialistas e outras forças progressistas estão cada vez mais conscientes da interdependência e do carácter inseparável da luta pelo socialismo e da luta pela cada vez maior democratização das relações internacionais. Isto faz realçar a importância da cooperação de todas as forças progressistas pois todas enfrentam a forte resistência daquelas que ferozmente defendem as suas posições privilegiadas.

Para o reforço da coexistência pacífica como base das relações entre estados e nações e para o reforço do Socialismo no mundo em muito contribui a luta organizada para a libertação nacional e completa emancipação política e económica de todas as nações, a luta orgnizada para a ultrapassagem da divisão em blocos, para a paz e contra a política de poder, hegemonia e imperialismo. Isto representa a essência da política de não alinhamento como a forma específica das transformações sociais, económicas, políticas, culturais e de classe no mundo.

Já foram obtidos resultados iniciais no processo de desanuviamento, tendo também para isso contribuído a Conferência Europeia de Segurança e Cooperação. Contudo ainda se mantém a tendência para limitar o desanuviamento à parte desenvolvida do mundo, tal como persistem os esforços para manter e agravar a divisão em blocos, enquanto se tenta fazer reviver tendências absoletas de esferas de influência que põem em perigo a independência de certas nações e o seu direito a um desenvolvimento livre e independente. Ainda enfrentamos a política do poder, dominação económica, corrida aos armamentos e a prática de interferência nos assuntos internos de outros países, que inevitavelmente traz consigo o renascer de velhas situações e a ocorrência de novas situações de crise, focos de guerra no mundo. Consideramos essencial que o processo de desanuviamento envolva o mundo inteiro, o que significa uma participação activa e equitativa de todos os países e povos na resolução dos seus problemas comuns.

A Liga dos Comunistas da Jugoslávia considera que uma solução rápida e justa para a crise do Médio-Oriente é fundamental.

Essa crise afecta directamente a situação no resto da região mediterrânica e faz dar uma especial relevância e actualidade à ideia da transformação desta região numa área de paz e cooperação. Acreditamos que integrado na luta contra o colonialismo, neo-colonialismo e contra a violação dos direitos humanos fundamentais, torna-se necessário concentrar a acção de todas as forças progressistas para uma solução na África do Sul e para derrube de um dos últimos enclaves coloniais e redutos fascistas no Sul do continente africano. Assim, consideramos ser necessário realçar a necessidade de uma acção coordenada na luta contra a soburdinação económica, no sentido de ultrapassar o largo fosso existente entre os países desenvolvidos e em vias de desenvolvimento com vistas ao estabelecimento de uma nova ordem económica, na base de uma igualdade de direitos e na base da consideração dos interesses de todos os países e especialmente dos países em vias de desenvolvimento.

A República Socialista Federativa da Jugoslávia desde o início que optou pela política de não alinhamento que representa a nossa constante orientação e que também está consignada na Constituição.

O nosso país participou activamente na conferência dos Chefes de Estado ou Governos dos países não alinhados, em Colombo.

Mais um vez, a Conferência confirmou a amplitude, vitalidade e universalidade do movimento, a sua unidade, estabilidade e a resolução firme em prosseguir no esforço para uma transformação radical das presentes relações políticas e económicas no mundo, que se baseiam na desigualdade.

No plano interno levando à prática as decisões do X Congresso e a nova Constituição da República Socialista Federativa da Jugoslávia, a Liga dos Comunistas da Jugoslávia está em permanente e ampla acção dirigida para o criar de condições para o mais rápido desenvolvimento possível das relações autogestionárias em todos os campos da sociedade, para o criar de condições no sentido de ser levado à prática o direito inalienável do povo trabalnador para poder decidir sobre as condições, meios e resultados do seu trabalho, para numa mais avançada elaboração da democracia socialista e para o reforçar da unidade e igualdade de direitos entre as nações e nacionalidades do nosso país.

Camaradas,

Partindo dos princípios de independência, igualdade de direitos, responsabilidade de cada movimento revolucionário perante a sua classe operária e seu povo de compreenssão mútua e não interferência, a Liga dos Comunistas da Jugoslávia faz esforços para desenvolver uma cooperação construtiva e equitativa em todos os campos, com os partidos comunistas, socialistas e social-democratas, com os movimentos de libertação nacional, assim como com todas as outras forças progressistas no mundo.

A necessidade de cooperação baseada nos princípios acima mencionados e no respeito mútuo pelas diferenças existentes nos métodos e formas de luta pelo socialismo foi realçada no documento final da Conferência de Berlim dos Partidos Comunistas e Operários da Europa. Expressando a convicção que a cooperação entre a Liga dos Comunistas da Jugoslávia e o Partido Comunista Português se desenvolve ainda com mais sucesso no futuro, permitam-me, queridos Camaradas, desejar-vos, uma vez mais, grandes êxitos no trabalho do vosso Congresso e na vossa luta pelo bem-estar da classe operária e do povo de Portugal, pela paz, pela cooperação internacional baseada na igualdade de direitos e pelo socialismo.

Viva a amizade do povo da Jugoslávia e o povo Português!

Viva a cooperação e solidariedade internacionalistas da classe operária e dos comunistas da Jugoslávia e de Portugal!

Viva o Partido Comunista Português!

N. Luvsanravdana – Partido Popular Revolucionário da Mongólia

Queridos Camaradas,

Permitam-me, em nome do Comité Central do Partido Popular Revolucionário da Mongólia e em nome de todos os comunistas mongóis, transmitir aos delegados do VIII Congresso do Partido Comunista Português e a todos os comunistas de Portugal saudações fraternais e os desejos de grandes sucessos nos trabalhos do vosso Congresso.

Os comunistas e todos os trabalhadores da Mongólia sentem uma grande simpatia e uma solidariedade fraternal para com a classe operária portuguesa e para com a sua força de vanguarda — o Partido Comunista Português.

Estamos sinceramente contentes com os resultados da heróica luta da classe operária e dos trabalhadores de Portugal que, sob a direcção do PCP, juntamente com a participação activa das forças progressistas e democráticas do vosso País, na luta contra a ditadura fascista e contra as guerras coloniais, pôs fim ao regime fascista, abrindo ao vosso País um caminho de desenvolvimento democrático.

Os comunistas e todos os trabalhadores da Mongólia apoiaram sempre a longa e heróica luta dos comunistas, da classe operária e do povo trabalhador de Portugal contra o fascismo e a reacção, pela liberdade, pela independência nacional e pelo progresso social no vosso País.

O nosso apoio não é mais do que o dever internacionalista dos comunistas da Mongólia e da sua solidariedade de classe, em relação aos seus aliados ideológicos, na luta pela paz e pelo socialismo.

Foi-me pedido pelo Comité Central do nosso Partido, felicitar o glorioso Partido Comunista Português e todos os seus militantes pela histórica vitória obtida na luta contra a tirania fascista, assim como felicitá-los pela legalização da actividade do heróico Partido Comunista Português, experimentada vanguarda da classe trabalhadora do País.

Permitam-me ainda exprimir o nosso sincero agradecimento ao Comité Central do PCP, pelo convite fraternal dirigido à delegação do Partido Popular Revolucionário da Mongólia, para participar no Congresso do vosso Partido.

É com atenção que acompanhamos os sucessos da vossa revolução e assinalamos com bastante satisfação que nestes dois anos se obtiveram resultados significativos: a conquista das liberdades democráticas e o fim da guerra colonial. A reforma agrária começou a realizar-se em extensas regiões do País, tomaram-se medidas para melhorar as condições de vida dos trabalhadores, muito se fez para o desenvolvimento da independência dos povos que se encontravam sob o jugo do colonialismo português. Todas estas transformações são realizadas com a participação activa dos comunistas portugueses.

Nós apreciamos com muito interesse a consequente actividade do PCP na contribuição activa para o fortalecimento da unidade nas fileiras do movimento comunista internacional, baseando-se nos princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário, na conquista de uma paz duradoira no mundo e na firme defesa da segurança europeia.

O relatório do Comité Central apresentado pelo secretário-geral do vosso Partido, ao VIII Congresso, camarada Álvaro Cunhal, e as intervenções dos delegados no Congresso mostram claramente as condições difíceis da actual situação interna onde se desenvolve a enorme actividade do PCP, condicionada por uma luta feroz entre as diferentes classes existentes no vosso País. Nós sabemos que o Partido Comunista Português defende consequentemente as conquistas da revolução antifascista e democrática em Portugal, o fortalecimento da unidade das forças progressistas no País contra as forças da reacção interna e internacional.

Nós estamos certos que este Congresso, realizado num importante período histórico de desenvolvimento do vosso País, é sem dúvida um grande acontecimento na vida do vosso Povo e do vosso Partido, na sua luta pela defesa das conquistas revolucionárias do Povo e pelo fortalecimento do processo democrático na sociedade portuguesa.

Camaradas!

Sob a influência da Grande Revolução de Outubro triunfou, em 1921 no nosso país, a revolução popular, que pôs fim, para sempre, à subjugação e discriminação nacional e social. A revolução popular causou uma mudança radical na história da luta de libertação do Povo da Mongólia.

O salto histórico realizado no nosso país, da passagem do feudalismo para uma sociedade socialista, sem passar pela via do desenvolvimento capitalista, é o resultado histórico dos geniais ensinamentos de Lénine sobre o processo de desenvolvimento não capitalista dos países mais atrasados directamente para o socialismo e serve de testemunho à grande força transformadora das ideias do marxismo-leninismo.

O nosso país, na etapa actual de desenvolvimento, tem como principal objectivo fazer passar a República Popular da Mongólia de um país agro-industrial para um estado industrial-agrário.

Em Junho de 1976, no XVII Congresso do Partido Popular Revolucionário da Mongólia, onde esteve presente um representante do vosso Partido, tiraram-se as conclusões do enorme trabalho desenvolvido pelo partido e pelo nosso povo, na criação das bases técnico-materiais do socialismo no nosso país e definiu-se o programa de desenvolvimento económico e cultural da República Popular da Mongólia para os anos de 1976-1980.

Os sucessos históricos obtidos pelas transformações revolucionárias da nossa sociedade e os resultados atingidos na construção de uma nova vida no país Mongol, são produto do corajoso e heróico trabalho do nosso povo que decisivamente luta para que a política marxista-leninista do nosso partido seja levada à prática.

Na resolução dos grandes problemas surgidos com a construção da nova sociedade, a República Popular da Mongólia contou sempre com a amizade e ajuda da União Soviética e dos outros países socialistas. Esta ajuda tem sido um dos principais factores que têm influenciado o desenvolvimento harmonioso da nossa sociedade no caminho do progresso social e económico.

Queridos camaradas! Todos nós somos testemunhas de que actualmente se processam no nosso planeta grandes transformações. A correlação de forças no mundo transforma-se a favor das forças que lutam pela paz, pela segurança, pelo socialismo.

Graças à consequente política de paz da União Soviética e dos restantes países socialistas, graças às acções comuns de todas as forças revolucionárias e progressistas do mundo, o processo de desanuviamento fortalece-se e desenvolve-se no mundo moderno.

Nós pensamos que as conclusões da Conferência Europeia de Segurança e Colaboração são resultado dos grandes sucessos alcançados pelos estados socialistas e por todas as forças amantes da paz na Europa.

Os princípios defendidos pelos participantes da Conferência, correspondem aos interesses vitais de todas as forças amantes da paz.

Como Estado socialista da Ásia, a República Popular da Mongólia dedica uma constante atenção ao estabelecimento das boas relações e à colaboração mútua entre todos os Estados do nosso continente e propõe que se façam esforços para que o espírito da Conferência de Helsínquia seja difundido em território asiático.

O Partido Popular Revolucionário da Mongólia dá também um grande significado à Conferência dos Partidos Comunistas e Operários da Europa, realizada em Berlim, e saúda calorosamente as propostas e conclusões do documento final "Pela paz, segurança, e progresso social na Europa".

Fiel aos princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário, o Partido Popular Revolucionário da Mongólia, sempre pensou e pensa que é seu dever defender o verdadeiro marxismo-leninismo contra os oportunistas e revisionistas de todos os matizes, contra o nacionalismo, o chauvinismo e o anti-sovietismo.

A República Popular da Mongólia, em estreita colaboração e unidade com a grande União Soviética e com os outros países do campo socialista, assim como com os partidos irmãos do Movimento Comunista Internacional continuará a defender o desanuviamento internacional como processo irreversível, consequente da luta pela paz e da colaboração internacional, continuará a defender a liberdade e independência dos povos, tal como foi definido nas resoluções do XXV Congresso do PCUS e nos Congressos dos outros partidos irmãos.

Queridos camaradas!

Nós verificamos com grande alegria que as relações fraternais entre o Partido Popular Revolucionário da Mongólia e o Partido Comunista Português se desenvolvem de ano para ano de acordo com os interesses dos nossos partidos, e de acordo com os interesses de uma unidade franca e coesão do Movimento Comunista Operário Internacional, em nome do socialismo, da democracia e da paz. A grande contribuição do PCP e do seu Comité Central, chefiado pelo camarada Álvaro Cunhal, na luta pelo fortalecimento da unidade e coesão das fileiras do Movimento Comunista Internacional baseada nos princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário é por nós altamente apreciada.

Para terminar esta intervenção, permitam-me, em nome dos comunistas e trabalhadores da Mongólia, desejar aos delegados e a todos os comunistas de Portugal novos e grandes êxitos na luta por um futuro radioso para o vosso povo, na concretização das decisões do VIII Congresso do PCP.

Viva o PCP — vanguarda revolucionária da classe operária de Portugal!

Viva a amizade fraterna e a solidariedade internacional entre o Partido Popular Revolucionário da Mongólia e o Partido Comunista Português!

Viva o Marxismo-leninismo!

Kim Gi Nam – Partido do Trabalho da Coreia

Queridos camaradas,

Permitam-me saudar calorosamente, em representação do Comité Central do Partido do Trabalho da Coreia, o VIII Congresso do Partido Comunista Português, e transmitir as saudações fraternais de todos os nossos militantes e trabalhadores a todos os militantes do vosso Partido e aos trabalhadores de Portugal.

O presente Congresso Ordinário do vosso Partido celebra-se hoje, na legalidade, graças à grande e histórica viragem que se verificou no caminho da longa luta do Povo português pela democratização da sociedade portuguesa e contra a ditadura.

Estamos convencidos de que o presente Congresso, de significado histórico no desenvolvimento da acção do vosso Partido, fará uma análise frutuosa da trajectória da luta do vosso Partido, plena de acontecimentos emotivos e abrirá uma nova perspectiva ao nosso Partido. Desejamos de todo o coração os maiores êxitos nos trabalhos deste vosso Congresso.

Após a sua fundação e durante meio século, o vosso Partido caminhou na senda de uma luta realmente árdua, nas difíceis condições da clandestinidade.

Desde os primeiros momentos da sua formação o vosso Partido não deixou nem por um instante a luta, ainda que nas mais difíceis circunstâncias de feroz terror, e de estimular activamente a luta contra o fascismo e pela democratização de Portugal.

Sob a dominação de ditadura fascista militar dos infames Salazar e Caetano, ao vosso Partido colocou-se as tarefas de libertação nacional e da revolução democrática e lutou vigorosamente para conseguir a unidade de todas as forças patrióticas e democráticas, baseada na aliança operário-camponesa, assim como organizou e mobilizou as mais amplas massas de Portugal, colocando-se à cabeça da luta pela democratização do país e pela defesa dos interesses dos trabalhadores.

A luta do vosso Partido contribui decisivamente para o desenvolvimento da luta do Povo português contra a ditadura e pela democratização.

Todas as forças patrióticas de Portugal, incluindo o vosso Partido, junto com o MFA derrotaram o regime de dominação fascista militar de Caetano e conseguiram alcançar a justa e histórica causa da liberdade e da libertação do Povo português.

Este foi um acontecimento histórico que trouxe uma viragem extraordinária no desenvolvimento da luta do vosso Partido e do Povo português para a construção de um Portugal democrático e socialista.

Depois deste histórico acontecimento ocorrido no vosso país, o Partido conseguiu muitos êxitos na luta pelo desenvolvimento democrático do país e pelo socialismo, rechaçando toda a espécie de maquinações das forças internas e externas a quem não interessa o desenvolvimento democrático da sociedade portuguesa e a consolidação das conquistas revolucionárias do povo português.

Felicitamos calorosamente o vosso Partido por estes brilhantes êxitos conseguidos durante o período revolucionário.

Queridos camaradas,

Sob a sábia direcção do grande "leader", camarada Kim Il Sung, o nosso Povo, seguindo a ideia Zuche, por ele criada, como guia orientador acelera a construção do socialismo na partè Norte da República ao mesmo tempo que faz todos os esforços para a concretização da reunificação do país.

O nosso Povo terminou a industrialização socialista do país no curto espaço de tempo de 14 meses, e sobre os escombros e as cinzas da destruição provocada pela guerra, converteu o nosso país num poderoso Estado socialista industrial com uma sólida base de economia nacional independente.

Também no sector agrícola o nosso Povo alcançou grandes êxitos.

No ano em curso, pese embora a enorme desvantagem das condições climatéricas pela influência da frente fria, tivemos a maior colheita depois da fundação da República e assim alcançamos plenamente o objectivo de mais de 8 milhões de toneladas de cereais.

Hoje o nosso povo, mantendo bem alto a bandeira das três revoluções, ideológica, técnica e cultural, continua registando êxitos em todas as frentes da construção económica do socialismo.

Mas a luta do nosso Povo pela reunificação da Pátria dividida, tropeça com grandes dificuldades em virtude da política de divisão nacional e das manobras bélicas dos imperialistas "yankees" e das autoridades sul-coreanas.

As autoridades sul-coreanas desrespeitaram completamente os princípios da unificação da Pátria estabelecidos em declaração conjunta do Norte e do Sul e recorrem abertamente a manobras de divisão perpétua da nação e da fabricação de "duas Coreias".

Depois da derrota vergonhosa sofrida no Vietnam, Laos e Cambodja, os Estados Unidos proclamaram a Coreia do Sul como a sua zona avançada de defesa e vêm acelerando os preparativos de uma nova guerra na Coreia, aumentando o número das suas tropas estacionadas na Coreia do Sul, introduzindo grande quantidade do mais moderno equipamento bélico, incluindo armas nucleares.

Hoje em dia, os Estados Unidos e as autoridades sul-coreanas praticam todo o género de actividades com o fim de arranjar pretextos para agravar a situação e provocar uma guerra de agressão na Coreia.

Os actos provocatórios perpetrados em Agosto passado contra o nosso território pelas tropas norte-americanas e pelo exército fantoche sul-coreano no sector da grande comuna Panmunjon foram um exemplo das suas maquinações provocatórias e premeditadas com o fim de encontrar um pretexto para pôr em prática o seu plano.

Este acontecimento demonstrou eloquentemente que os imperialistas norte-americanos estão desesperados e recorrem a todos os meios para que caiamos nas suas maquinações provocatórias.

Ainda hoje, após a resolução deste caso, os Estados Unidos fazem incursões ilegais dos aviões de espionagem no nosso espaço aéreo e continuam perpetrando actos de espionagem. As ocorrências provocatórias são assim coisas do dia-a-dia.

O desenvolvimento de todos estes acontecimentos é a prova de que hoje a tensão que há tanto tempo existe na península coreana chegou a uma fase aguda, sem precedentes, e de que pode rebentar a guerra em qualquer momento.

Esta grave situação criada no nosso país requer que, urgentemente, todos os povos amantes da paz no mundo unam as suas forças para deter e aniquilar as graves provocações e maquinações de uma nova guerra por parte do imperialismo "yankee". Porque se estalar de novo a guerra na Coreia, esta ameaçará seriamente não só a paz na Ásia como também a paz no mundo.

Para eliminar o estado de tensão no nosso país e solucionar pacificamente o problema coreano tem que ser dissolvido antes de mais, o exército da ONU na Coreia do Sul, têm que ser retiradas sem demora as tropas norte-americanas estacionadas na Coreia do Sul com todos os seus equipamentos bélicos incluindo as armas nucleares.

O nosso Povo sabe bem como no passado o vosso Partido expressou o apoio e a solidariedade à luta do nosso povo, pelo qual está reconhecido.

Estamos certos de que o vosso Partido e os trabalhadores do vosso país que amam a paz e a justiça social continuarão expressando o seu apoio activo e a sua solidariedade à causa do nosso Povo pela reunificação pacífica.

Aproveitamos esta oportunidade para expressar o nosso pleno apoio à luta do vosso Partido pela verdadeira defesa das conquistas revolucionárias do Povo português e pelo desenvolvimento democrático do país e pelo socialismo, e desejamo-vos sinceramente grandes sucessos na luta pelo cumprimento das decisões que vão aprovar-se neste Congresso.

O nosso Partido e o nosso Povo apreciam a amizade e a unidade com o vosso Partido e as forças democráticas de Portugal e esforçar-se-ão activamente por desenvolvê-las em conformidade com os interesses dos povos dos nossos dois países;

O nosso Partido e o Povo fortalecerão no futuro, como têm feito no passado, a amizade e a unidade com as forças socialistas, as forças democráticas e os países das novas forças ascendentes e lutarão em unidade com todos os povos amantes da paz que defendem a independência, para conseguir a paz e a democracia, a independência nacional e a vitória da causa do socialismo contra a política de agressão e de guerra do imperialismo "yankee" no plano internacional.

Viva a amizade e a unidade entre o Partido do Trabalho da Coreia e o Partido Comunista Português!